



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA**  
**MESTRADO ACADÊMICO EM LINGUÍSTICA APLICADA**

**MARIA LIDIANE DE SOUSA PEREIRA**

***POR QUE ELES NÃO CONCORDA?* MECANISMOS DE VARIAÇÃO NA  
CONCORDÂNCIA VERBAL NO PORTUGUÊS ORAL POPULAR DE FORTALEZA  
- CE**



**FORTALEZA – CEARÁ**

**2016**

MARIA LIDIANE DE SOUSA PEREIRA

*POR QUE ELES NÃO CONCORDA?* MECANISMOS DE VARIAÇÃO NA  
CONCORDÂNCIA VERBAL NO PORTUGUÊS ORAL POPULAR DE FORTALEZA - CE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística Aplicada.

Área de concentração: Linguagem e Interação

Orientador (a): Dra. Aluiza Alves de Araújo

FORTALEZA - CEARÁ

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Estadual do Ceará  
Sistemas de Bibliotecas

Pereira, Maria Lidiane de Sousa –  
Por que eles não concorda? Mecanismos de variação  
na concordância verbal no português oral popular de Fortaleza -CE.  
[recurso eletrônico] / Maria Lidiane de Sousa Pereira. – 2016.  
1 CD-ROM: il., 4 ¼ pol.

CD – ROM contendo o arquivo no formato PDF do  
trabalho acadêmico com 176 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14  
cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) – Universidade Estadual do Ceará,  
Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada,  
Fortaleza, 2016.

Área de concentração: Linguagem e Interação.  
Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dra. Aluiza Alves de Araújo.

1. Concordância Verbal. 2. Variação. 3. Sociolinguística. Variacionista. 4.  
Falar de Fortaleza – CE. I. Título.

MARIA LIDIANE DE SOUSA PEREIRA

*POR QUE ELES NÃO CONCORDA?* MECANISMOS DE VARIAÇÃO NA  
CONCORDÂNCIA VERBAL NO PORTUGUÊS ORAL POPULAR DE  
FORTALEZA - CE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística Aplicada.

Área de Concentração: Linguagem e Interação

Aprovada em: 15/12/2016.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Aluiza Alves de Araújo (Orientador)  
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Prof. Dr. Cássio Florêncio Rubio (1º Membro)  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB



Prof. Dr. Wilson Júnior de Araújo Carvalho (2º Membro)  
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Ao meu pai (*in memoriam*)

A minha família e ao Danilo, razões de minhas  
batalhas e vitórias.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, presente em todos os momentos.

A minha família, meu alicerce.

Ao Danilo, por sonhar, planejar e realizar este trabalho comigo. A você, agradeço também pelo amor, carinho, cuidado, incentivo, amizade, companheirismo e paciência.

A minha irmã Leydi, por me inspirar e orgulhar seguindo meus passos e trilhando seus próprios caminhos.

Ao seu Aerton, Betânea e Dani, família que Deus me permitiu escolher. A vocês, meu muito obrigada pela torcida, orações, acolhimento, carinho e confiança.

A minha querida orientadora, professora Dra. Aluiza Alves de Araújo, exemplo de profissional e pessoa que, atenciosamente, e sempre de modo inspirador, construiu cada parte deste trabalho comigo. Sem seu apoio e ensinamentos não teria conseguido realizar este sonho.

A Nanda, um dos maiores presentes que ganhei com a realização deste trabalho. A você, meu muito obrigada por compartilhar os risos, desânimos, euforias, segredos, inseguranças e sonhos. Obrigada também pelo arrozinho, feijãozinho, franguinho, suquinho, tomatinho, macarrãozinho e demais delícias.

Ao anjo chamado Jéssica e sua família, pela ajuda indispensável no primeiro ano do mestrado. A você, Jéssica, agradeço também pelo incentivo, pelos risos, por ajudar a revitalizar minha fé, pelas maravilhosas conversas e troca de conhecimento.

Aos professores Dr. Cássio Florêncio Rubio e Dr. Wilson Júnior de Araújo Carvalho, pelas preciosas contribuições para melhoria deste trabalho tanto na qualificação como na defesa. Espero ter conseguido atender, da melhor forma possível, às recomendações de vocês.

As adoráveis Germana e Tatiane, que tanto me ajudaram.

A amiga Brenda, pelas conversas agradáveis, parcerias nos trabalhos e trocas de conhecimentos.

A Rakel, pelas alegrias compartilhadas ao surgir no finalzinho de um grande ciclo e início de outro.

As gentis e solícitas secretárias do PosLa: Keyliane, nos primeiros momentos, e a Jamile, até o fim, por todo cuidado, atenção e respeito que sempre me concederam.

Aos professores do PosLA, em especial, aos professores Wilson e Ruberval e as professoras Aluiza, Rozania, Maria Helenice, Cleudene e Dina com quem tive o prazer de pagar

disciplinas. Vocês, direta ou indiretamente, contribuíram para a construção do meu trabalho e, principalmente, para o meu amadurecimento acadêmico e profissional. Obrigada.

Aos amigos de turma, Jéssica, Isabele, Katarine, Elayne, Luana, Marília, Marco, Newma e Nícolas, pelas adoráveis conversas e trocas de conhecimentos.

Aos professores do curso de graduação em Letras da Universidade Regional do Cariri, onde me graduei. Agradeço, em especial, Aos professores, Dr. Thiago Gil Lessa Alves e Msa. Sandra Spínola dos Anjos, por me apresentarem de forma brilhante à Sociolinguística.

Aos pequenos e amados Tobi, Hana e Flocos, por encherem a minha e a vida de todos de minha família de muita alegria.

As amigas da graduação e vida, Janaina e Cida, presentes desde os primeiros instantes deste sonho. A vocês agradeço pela compreensão de minhas ausências, pelo carinho e torcida, que nunca me deixaram faltar.

Aos informantes do projeto NORPOFOR com os quais não tive contato direto. A eles agradeço por compartilharam, despretensiosamente, suas histórias e, assim, tornar possível a realização deste e de outros trabalhos.

A Karinne, geógrafa e amiga, pelo precioso auxílio com o material cartográfico.

A CAPES, pelo indispensável apoio financeiro durante todo o mestrado.

“Nossa língua ainda não foi profundamente trabalhada pelo pensamento. “Pensar” a língua portuguesa do Brasil significa pensar sociologicamente, psicologicamente, filosoficamente, linguisticamente sobre nós mesmos”.

(Clarice Lispector)

## RESUMO

À luz da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 1994, 2006, 2008), investigamos a variação na concordância verbal (CV) na 3ª pessoa do plural (3PP), no falar popular de Fortaleza – CE. Do ponto de vista linguístico, esse fenômeno caracteriza-se pela existência das variantes com marcas de CV na 3PP (*elas me tratavam bem*) e pela variante sem marcas (*eles vinha atrás*), para realização desse processo morfossintático. Diante desse fenômeno, objetivamos apontar quais fatores linguísticos e sociais interferem no uso, principalmente da variante sem marcas de CV. Para tanto, construímos uma amostra composta por 72 informantes e consideramos apenas inquéritos do tipo DID (Diálogo Entre Informante e Documentador). Esses inquéritos foram extraídos do acervo sonoro do Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza – CE (NORPOFOR). Nossos informantes foram estratificados segundo o *sexo/gênero* (a: homens e b: mulheres), a *faixa etária* (a: 15 a 25; b: 26 a 49 e c: mais de 50 anos) e a *escolaridade* (a: 0-4; b: 5-8; c: 9-11 anos). Como variáveis linguísticas, controlamos a *saliência fônica*, o *traço humano do sujeito*, a *posição e distância entre verbo-sujeito*, o *paralelismo formal no nível oracional*, o *paralelismo formal no nível discursivo* e o *tipo estrutural do sujeito*. Ao todo, localizamos 3.489 ocorrências do fenômeno em estudo. Esse total foi submetido às análises estatísticas fornecidas pelo GoldVarb X. Desse total, 2.283 (65,4%) ocorrências correspondem à variante com marcas de CV, enquanto que 1.206 (34,6%), à variante sem marcas. Tais resultados indicam que, na amostra analisada, a variante com marcas de CV é a mais recorrente para a CV na 3PP. Ao todo, foram realizadas 5 rodadas de análises, dentre as quais, apenas a rodada 1 não apresentou resultados significativos. Assim, com a rodada 2, obtivemos uma visão geral do fenômeno em nossa amostra. A rodada 3, por sua vez, nos permitiu observar o fenômeno em estudo apenas no falar dos informantes com 0-4 anos de escolarização, isto é, os menos escolarizados. Já com a rodada 4, analisamos a CV com a 3PP, apenas no falar dos informantes com mais de 50 anos e, na rodada 5, consideramos apenas dados provenientes do falar das mulheres de Fortaleza – CE. A partir disso, nossos resultados indicam que, do ponto de vista linguístico, as variáveis *saliência fônica* (*formas verbais menos salientes*), *traço humano do sujeito* (*SN [não humano]*), *paralelismo formal no nível discursivo* (*verbo isolado ou primeiro de uma série*), *posição e distância entre verbo-sujeito* (*sujeito posposto perto – um após o outro – e sujeito posposto longe – com 1 ou mais sílabas entre eles*) e *tipo estrutural do sujeito* (*SN-pleno simples, SN-pleno nu, SN-pleno composto e*

*quantificador*) condicionam o uso da variante sem marcas de CV. Com a observação das variáveis sociais, descobrimos que a escolaridade (*0-4 e 5-9 anos*), a faixa etária (*mais de 50 anos*) e o sexo/gênero (*mulheres*) favorecem o uso da variante sem marcas para a CV com a 3PP, na amostra de fala usada neste estudo.

**Palavras-chave:** Concordância Verbal. Variação. Sociolinguística Variacionista. Falar de Fortaleza – CE.

## ABSTRACT

In the light of the Linguistics Change and Variation Theory (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006) or Variationist sociolinguistics (LABOV, 1994, 2001, 2008), we investigate the variation of the verbal agreement (VA) in the third person plural (3PP), in the popular speech of Fortaleza – CE. From the linguistic point of view, this phenomenon characterizes itself through the existence of the variants with VA marks in the 3PP (*elas me tratavam bem*) and through the variants without marks (*eles vinha atrás*), in order to achieve this morphosyntactic process. Before this phenomenon, we aim to point which linguistic and social factors interfere in the usage, specially of the variant with no VA marks. From this, our goal is to point out which linguistic and social/extralinguistic factors interfere in the use, specially the non-pattern variant. To do so, we built a sample composed by 72 informants and considered only the inquiries of the DID (Dialogue Between Interviewed and Interviewer) type. Such inquiries were extracted from the sound collection of the Oral Norm of the Popular Oral Portuguese of Fortatelza Project – CE (NORPOFOR). Our informants were stratified according to *sex/gender* (men and women), *age* (15 to 25; 26 to 49 and above 50 years old) and *education* (0-4; 5-8; 9-11 years). As for the linguistic variable, we consider *phonic protrusion*, *the human feature of the subject*, *the position and distance between verb-subject*, *the formal parallelism in the clause level*, *the formal parallelism in the discursive level* and *the structural type of the subject*. Altogether, we were able to localize 3.489 occurrence of the phenomenon in question. This result was submitted to statistical analysis provided by GoldVarb X. From this total, 2.283 (65,4%) occurrences correspond to the variant with VA marks, while the other 1.206 (34,6%), to the variant with no marks. Such results point out that, in the analyzed sample, the variant with VA marks is the most recurrent to the VA in the 3PP. Altogether, there were 5 rounds of analysis, in which only round 1 didn't show any remarkable results. This way, with round 2, we had a panoramic view of the phenomenon in our sample. Round 3, on the other hand, made it possible to observe the phenomenon only in the speech of the informants with 0-4 years of education, which means the informants with a low level of education. With the round 4, we analyze the the VA in the 3PP, only on the speech of informants with more than 50 years and, on round 5, we considered only data from the speech of women from Fortaleza – Ce. From that, our results indicate that, from the linguistic point of view, the variants phonemic protruding (less protruding verbal forms), human feature of the subject (*SN [non-human]*), clausal parallelism on the speech level

(*isolated verb or first of a series*), position and distance between verb-subject (*close proposed subject – one after the other – and far proposed subject – with 1 or more syllable between them*) and structural type of subject (*SN-full simple, SN-full naked, SN-full composed and quantifier*) condition the use of the variant with marks of VA. With the observation of the social variable, we found out that education (*0-4 and 5-9 years*), age (*above 50 years*) and sex/gender (*women*) support the use of the variants with no marks of VA with the 3PP, in the sample of the speech used in this study.

**Keywords:** Verbal Agreement. Variation. Variationist Sociolinguistics. Fortaleza's Speech – CE.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1 -</b>	<b>Mapa de localização do município de Fortaleza – CE .....</b>	<b>66</b>
<b>Figura 2 -</b>	<b>Jardim 7 de Setembro na Praça do Ferreira (Cartão colonizador do século XX .....</b>	<b>67</b>
<b>Figura 3 -</b>	<b>Mapa das regionais de Fortaleza .....</b>	<b>69</b>
<b>Quadro 1 -</b>	<b>Distribuição dos informantes do NORPOFOR por gênero/sexo, idade, tipo de registro e escolaridade .....</b>	<b>71</b>
<b>Quadro 2 -</b>	<b>Distribuição dos informantes em função das variáveis sociais controladas em nossa amostra .....</b>	<b>72</b>
<b>Quadro 3 -</b>	<b>Distribuição dos informantes por nº de inq/ gênero/sexo/ escolaridade e faixa etária/ atividade/profissão/ bairro e regionais .....</b>	<b>75</b>

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1 -</b>	<b>Número de ocorrências e frequência de uso da ausência de CV em diferentes variedades do PB .....</b>	<b>106</b>
<b>Tabela 2 -</b>	<b>Atuação da variável saliência fônica sobre a ausência de CV .....</b>	<b>110</b>
<b>Tabela 3 -</b>	<b>Atuação da variável escolaridade sobre a ausência de CV .....</b>	<b>112</b>
<b>Tabela 4 -</b>	<b>Atuação da variável traço humano do sujeito sobre a ausência de CV .....</b>	<b>115</b>
<b>Tabela 5 -</b>	<b>Atuação da variável paralelismo formal no nível discursivo sobre a ausência de CV .....</b>	<b>116</b>
<b>Tabela 6 -</b>	<b>Atuação da variável faixa etária sobre a ausência de CV .....</b>	<b>117</b>
<b>Tabela 7 -</b>	<b>Atuação da variável posição e distância entre sujeito e verbo sobre a ausência de CV .....</b>	<b>118</b>
<b>Tabela 8 -</b>	<b>Atuação da variável tipo estrutural do sujeito sobre a ausência de CV .....</b>	<b>120</b>
<b>Tabela 9 -</b>	<b>Atuação da variável sexo/gênero sobre a ausência de CV .....</b>	<b>121</b>
<b>Tabela 10 -</b>	<b>Atuação da variável saliência fônica sobre a ausência de CV .....</b>	<b>124</b>
<b>Tabela 11 -</b>	<b>Atuação da variável paralelismo formal no nível discursivo sobre a ausência de CV para os menos escolarizados .....</b>	<b>126</b>
<b>Tabela 12 -</b>	<b>Atuação da variável traço humano do sujeito sobre a ausência de CV para os escolarizados .....</b>	<b>127</b>
<b>Tabela 13 -</b>	<b>Atuação da variável sexo/gênero sobre a ausência de CV para os menos escolarizados .....</b>	<b>128</b>
<b>Tabela 14 -</b>	<b>Atuação da variável faixa etária sobre a ausência de CV para os menos escolarizados .....</b>	<b>129</b>
<b>Tabela 15 -</b>	<b>Atuação da variável tipo estrutural do sujeito sobre a ausência de CV para os menos escolarizados .....</b>	<b>131</b>
<b>Tabela 16 -</b>	<b>Atuação da variável saliência fônica sobre a ausência de CV no comportamento dos mais velhos .....</b>	<b>133</b>
<b>Tabela 17 -</b>	<b>Atuação da variável escolaridade sobre a ausência de CV no comportamento dos mais velhos .....</b>	<b>135</b>
<b>Tabela 18 -</b>	<b>Atuação da variável traço humano do sujeito sobre a ausência de CV no comportamento dos mais velhos .....</b>	<b>137</b>

<b>Tabela 19 - Atuação da variável paralelismo formal no nível discursivo sobre a ausência de CV no comportamento dos mais velhos .....</b>	<b>138</b>
<b>Tabela 20 - Atuação da variável posição e distância entre verbo-sujeito sobre a ausência de CV no comportamento dos mais velhos .....</b>	<b>140</b>
<b>Tabela 21 - Atuação da variável tipo estrutural do sujeito sobre a ausência de CV no comportamento dos mais velhos .....</b>	<b>142</b>
<b>Tabela 22 - Atuação da variável saliência fônica sobre a ausência de CV somente para as mulheres .....</b>	<b>145</b>
<b>Tabela 23 - Atuação da variável escolaridade sobre a ausência de CV somente para as mulheres .....</b>	<b>147</b>
<b>Tabela 24 - Atuação da variável traço humano do sujeito sobre a ausência de CV somente para as mulheres .....</b>	<b>149</b>
<b>Tabela 25 - Atuação da variável faixa etária sobre a ausência de CV somente para as mulheres .....</b>	<b>150</b>
<b>Tabela 26 - Atuação da variável paralelismo formal no nível discursivo sobre a ausência de CV somente para as mulheres .....</b>	<b>151</b>
<b>Tabela 27 - Atuação da variável tipo estrutural do sujeito sobre a ausência de CV para os mais velhos .....</b>	<b>153</b>
<b>Tabela 28 - Atuação da variável posição e distância entre verbo-sujeito sobre a ausência de CV apenas para as mulheres .....</b>	<b>154</b>

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Gráfico 1 - Frequência de uso da CV na 3PP para a primeira rodada .....	105
Gráfico 2 -	Comparação entre as frequências de uso da ausência de CV neste estudo e em outras variedades do PB .....	107
Gráfico 3 -	Frequência de uso da CV com a 3PP para os menos escolarizados ...	123
Gráfico 4 -	Comparação entre os pesos relativos para a ausência de CV no nível I da variável saliência fônica nas rodadas 2 e 3 .....	125
Gráfico 5 -	Comparação entre os pesos relativos da ausência de CV na variável paralelismo formal no nível discursivo nas rodadas 2 e 3 .....	127
Gráfico 6 -	Comparação entre os pesos relativos da ausência de CV para a variável traço humano do sujeito nas rodadas 2 e 3 .....	128
Gráfico 7 -	Comparação entre os pesos relativos para a ausência de CV segundo a variável sexo/gênero para as rodadas 2 e 3 .....	129
Gráfico 8 -	Comparação entre os pesos relativos da ausência de CV para a variável faixa etária nas rodadas 2 e 3 .....	130
Gráfico 9 -	Frequência de uso da CV na 3PP para os mais velhos .....	132
Gráfico 10 -	Comparação entre os pesos relativos para a ausência de CV no nível I da variável saliência fônica nas rodadas 2, 3 e 4 .....	134
Gráfico 11 -	Comparação entre os pesos relativos da ausência de CV para variável escolaridade nas rodadas 2 e 4 .....	136
Gráfico 12 -	Comparação entre os pesos relativos da ausência de CV para a variável traço humano do sujeito nas rodadas 2, 3 e 4 .....	138
Gráfico 13 -	Comparação entre os pesos relativos da ausência de CV para a variável paralelismo formal no nível oracional nas rodadas 2, 3 e 4 ..	139
Gráfico 14 -	Comparação entre os pesos relativos da ausência de CV nos fatores aliados a regra na variável posição e distância entre sujeito-verbo nas rodadas 2 e 4 .....	141
Gráfico 15 -	Comparação entre os pesos relativos para a ausência de CV segundo os fatores SN-pleno simples e SN-pleno composto nas rodadas 2, 3 e 4 .....	143
Gráfico 16 -	Frequência de uso da CV com a 3PP para as mulheres .....	144

<b>Gráfico 17 -</b>	<b>Comparação entre os pesos relativos para a ausência de CV no nível I da variável saliência fônica nas rodadas 2, 3, 4 e 5 .....</b>	<b>146</b>
<b>Gráfico 18 -</b>	<b>Comparação entre os pesos relativos para a ausência de CV no nível II da variável saliência fônica nas rodadas 2, 3, 4 e 5 .....</b>	<b>147</b>
<b>Gráfico 19 -</b>	<b>Comparação entre os pesos relativos para a ausência de CV para a variável escolaridade nas rodadas 2, 4 e 5 .....</b>	<b>148</b>
<b>Gráfico 20 -</b>	<b>Comparação entre os pesos relativos da ausência de CV para a variável traço humano do sujeito, nas rodadas 2, 3, 4 e 5 .....</b>	<b>149</b>
<b>Gráfico 21 -</b>	<b>Comparação entre os pesos relativos da ausência de CV para a variável faixa etária nas rodadas 2, 3 e 5 .....</b>	<b>151</b>
<b>Gráfico 22 -</b>	<b>Comparação entre os pesos relativos da ausência de CV para a variável paralelismo formal no nível discursivo nas rodadas 2, 3, 4 e 5.....</b>	<b>152</b>
<b>Gráfico 23 -</b>	<b>Comparação entre os fatores aliados à ausência de CV na variável tipo estrutural do sujeito nas rodadas 4 e 5 .....</b>	<b>154</b>
<b>Gráfico 24 -</b>	<b>Comparação entre os pesos relativos do fator sujeito posposto longe (1 ou mais sílabas entre eles) para a ausência de CV, nas rodadas 2, 4 e 5 .....</b>	<b>155</b>

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	19
<b>2</b>	<b>A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA</b> .....	26
<b>3</b>	<b>O FENÔMENO EM ESTUDO NA PERSPECTIVA VARIACIONISTA ...</b>	45
3.1	FATORES LINGUÍSTICOS .....	45
3.2	FATORES SOCIAIS .....	55
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	63
4.1	TIPO DE PESQUISA .....	63
4.2	A COMUNIDADE DE FALA DE FORTALEZA .....	63
4.3	A AMOSTRA E OS INFORMANTES .....	69
4.4	ENTREVISTAS DO NORPOFOR .....	78
4.5	LEVANTAMENTO DE DADOS .....	81
4.6	VARIÁVEIS .....	81
<b>4.6.1</b>	<b>Variável dependente</b> .....	81
<b>4.6.2</b>	<b>Variáveis independentes</b> .....	83
4.6.2.1	Variáveis linguísticas .....	87
4.6.2.2	Variáveis sociais/extralinguísticas .....	94
4.7	CODIFICAÇÃO DOS FATORES .....	99
4.8	FERRAMENTA ESTATÍSTICA .....	99
<b>5</b>	<b>APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	104
5.1	PRIMEIRA RODADA: VISÃO GERAL DO FENÔMENO .....	104
5.2	SEGUNDA RODADA .....	108
5.3	TERCEIRA RODADA: APENAS PARA OS MENOS ESCOLARIZADOS ...	122
5.4	QUARTA RODADA: APENAS PARA OS MAIS VELHOS .....	131
5.5	QUINTA RODADA: APENAS PARA AS MULHERES .....	144
<b>6</b>	<b>CONCLUSÕES</b> .....	158
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	163

## 1 INTRODUÇÃO

O fenômeno de variação na concordância verbal (CV) com a 3ª pessoa do plural (doravante 3PP) no falar brasileiro tem, há mais de três décadas, despertado o interesse de diversos estudiosos no Brasil, em particular dos vinculados à Teoria da Variação e Mudança Linguística (NARO; LEMLE, 1976; LEMLE; NARO, 1977; NARO, 1981; GUY, 1981; SCHERRE; NARO, 1997, 1998; ANJOS, 1999; ALMEIDA, 2006; OLIVEIRA, 2006; SGARBI, 2006; GONÇALVES, 2007; MONTE, 2007; RUBIO, 2008; MONGUILHOTT, 2009; MASCARELLO, 2010; SILVA; SANTOS; SOUZA, 2012; TEIXEIRA; LUCCHESI; MENDES, 2013). Naturalmente, esse apreço não se desdobra aleatoriamente. Vejamos dois, dentre os muitos motivos pelos quais ele pode ser justificado.

Em primeiro lugar, é sabido que a variação na CV com a 3PP, expressa no fato de que, ora os falantes optam por empregar as marcas de concordância entre sintagma nominal (SN) sujeito e o verbo, como em (1): eles não pagam transporte..., ora não, como em (2): eles tinha mania de eleger presidente da sede...<sup>1</sup> é um dos fenômenos de variação mais “perceptíveis para falantes e ouvintes” (RUBIO, 2012, p. 18) e vem sendo registrado em praticamente todas as regiões brasileiras (VIEIRA, 2007).

Em segundo lugar, vemos que esse fenômeno, no português brasileiro (doravante PB), é bastante marcado socialmente (CARDOSO; COBUCCI, 2014) e costuma ser usado para indicar, como bem nos diz Lucchesi (2009, p.31), “uma das grandes fronteiras sociolinguísticas da sociedade brasileira”. Assim, não é difícil perceber que estamos diante de um fenômeno de variação linguística que, como muitos outros, denota questões que extrapolam os limites linguísticos e apresentam forte impacto social, indicando que as relações entre língua e sociedade são, de fato, significativamente estreitas.

Em outras palavras, construções como em 1 – nas quais não se verifica o emprego das marcas de concordância – são frequentemente associadas à linguagem de indivíduos socioeconomicamente desfavorecidos e oriundos, na maioria das vezes, de zonas rurais ou periféricas dos grandes centros urbanos (BORTONI-RICARDO, 2005). Tal associação é entrecortada pelo fato de que a queda de marcas de concordância é um fenômeno que escapa às regras prescritas pelas gramáticas tradicionais (GTs), tornando-se um ponto problemático para o ensino formal da língua materna, visto que “é um dos tópicos gramaticais

---

<sup>1</sup> Ocorrências extraídas do NORPOFOR, Inq. 06.

que os professores de Língua Portuguesa, de um modo geral, mais se empenham em corrigir nos seus alunos” (MONTE, 2007, p.13).

Contudo, durante as tarefas de correção da CV, assim como de muitos outros fenômenos variáveis, desenvolvidas pela escola que, por sua vez, ainda tende a tomar como foco o modelo de língua prescrito nas GTs, não são levadas em consideração questões referentes ao uso concreto da língua nas mais diversas situações de interação verbal (RAZKY; FEITEIRO, 2015; FARACO, 2015). Com isso, é notório o prejuízo que pode sofrer o espaço que deve ser aberto em nossas salas de aula para que os discentes não só possam perceber na língua “[...] a coexistência de formas diferentes de um mesmo significado” (CALVET, 2009, p. 89), mas também compreender tal fenômeno. Neste sentido, defendemos a necessidade de promover aos nossos estudantes o conhecimento de que a variação faz parte das línguas naturais e que ela pode ser motivada, dentre outras coisas, pelo fato de que “dependendo da situação em que estamos inseridos e do papel que ali estamos desempenhando, falamos e escrevemos de formas diferentes” (CARDOSO; COBUCCI, 2014, p.72).

Ao trilhar caminhos prescritivistas, o cenário pedagógico tende a fechar os olhos para a existência de diferenças linguísticas, lançando mão do chamado modelo de ‘deficiência verbal’ (BARATZ, 1968) que, por sua vez:

[...] encara as diferenças dialetais em comparação com a norma-padrão, atitude que torna marginalizada as variedades dialetais naturalmente decorrentes do uso, concebidas como desvios, ou incorreções. A norma-padrão institucionalizada, que é, por definição, mais próxima da variedade linguística do grupo socioeconomicamente mais privilegiado, é empregada, mais frequentemente, em situações formais de interação, acaba sendo tomada, todavia, como modelo para o intercurso verbal das demais categorias sociais em todas as situações, mesmo as informais. Nesse caso, o desempenho verbal que não se enquadra na norma-padrão seria, assim, dotado de deficiências orgânicas, de meros desvios patológicos (CAMACHO, 2013, p.49).

Diante disso, é inevitável não supor que posturas pedagógicas comprometidas com a ideia de deficiência e com a preservação de um modelo de língua idealizadamente próximo do comportamento de estratos sociais favorecidos contribuem para que uma série de estigmas sobre o uso da variante sem marcas de concordância sejam alimentadas, não por razões internas à língua, mas sim por questões externas a ela. Afinal, parece-nos consenso, dentre os linguistas (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 1994, 2006, 2008; CAMACHO, 2013; MOLLICA; RONCARATI, 2014; FARACO, 2015; CYRANKA, 2015), assumir que não há, do ponto de vista linguístico, nenhuma forma variante inferior ou superior à outra. O que há, na verdade, é uma complexa teia de relações sociais nas quais se

evidenciam tensões de poder refletidas nas línguas, pois como bem nos diz Gnerre (1985, p.4, aspas no original), “uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais”.

Tais problemáticas, certamente, aguçam o interesse de diversos estudiosos, dentre os quais nos incluímos, pelo fenômeno em foco que, assim como em outras regiões brasileiras, acreditamos que pode ser observado no falar de Fortaleza, capital do estado do Ceará. Diante disso e movidos pela premissa de que língua e sociedade mantêm fortes relações entre si e, que diferenças no perfil social dos falantes interferem no uso da língua, bem como pelo desejo de observar quais fatores linguísticos interferem, principalmente, na queda das marcas de concordância, realizamos este estudo, que nos possibilitou observar, dentre outras coisas, quais fatores linguísticos e sociais interferem na variação para a CV com a 3PP no falar popular de Fortaleza – CE. De igual modo, foi possível verificar se há um processo de mudança ou de variação estável no fenômeno em estudo na amostra de fala analisada.

Acreditando que uma das melhores formas de observar como o fenômeno em estudo se manifesta no falar popular de Fortaleza – CE seria a realização de análises que contemplassem a linguagem em uso, fomos amparados pelos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 1994, 2006, 2008). Essa vertente, conforme veremos no capítulo dois deste trabalho, pode ser apontada como uma das áreas de estudos sobre o fenômeno linguístico que mais contribui para o reconhecimento de que a linguagem verbal pode ser observada não “apenas ou tão somente pelo tipo de sistema que ela é, mas pelo modo através do qual ela se relaciona com seus exteriores teóricos, com o mundo externo, com as condições múltiplas e heterogêneas de sua constituição e funcionamento” (MORATO, 2011, p.312).

Tomando como norte os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 1994, 2006, 2008), selecionamos 72 inquéritos do tipo DID (Diálogo entre Informante e Documentador) do acervo sonoro do Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza, o NORPOFOR<sup>2</sup>, a partir dos quais extraímos nossos dados. Fruto do desejo de observar as reais características e peculiaridades do falar popular de fortaleza, o NORPOFOR foi idealizado e organizado pela prof<sup>a</sup> Dra. Aluiza Alves de Araújo. A construção do referido

---

<sup>2</sup> Maiores considerações sobre a construção do NORPOFOR são feitas no capítulo sobre nossa metodologia.

*corpus* ocorreu entre os anos de 2003 e 2006, trata-se, portanto, “do banco de dados de fala popular fortalezense mais atual que temos” (RODRIGUES, 2013, p. 58). Assim sendo, desde que foi concluído, o Projeto NORPOFOR figura como uma das principais fontes para o estudo de diferentes fenômenos variáveis no português tido como popular na capital cearense.

Além desta pesquisa, que está inserida no *Projeto Retratos sociolinguísticos de aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos do falar de Fortaleza-CE*, coordenado pela prof<sup>a</sup> Dra. Aluiza Alves de Araújo e vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (PosLA)<sup>3</sup>, o NORPOFOR serviu e serve de fonte para observação da língua em uso dentro de um significativo quadro de estudos. Dentre os trabalhos realizados até aqui, destacamos as teses de doutoramento de Araújo (2007), sobre as pretônicas médias; Nascimento (2010), acerca dos marcadores discursivos mais recorrentes no falar popular de Fortaleza – CE e Silva (2013), a respeito da colaboração intraturno do ouvinte. Temos também notícias das dissertações de mestrado de Maia (2011), sobre a CV com nomes coletivos; Brito (2013), acerca do clítico das estruturas de-transitivas; Rodrigues (2013), sobre o enfraquecimento de fricativas; Guimarães (2014), a respeito das formas de tratamento; Souza (2015), sobre a alternância entre os verbos *ter*, *haver* e *existir* em sentenças existenciais; Araújo (2016), acerca da variação entre os pronomes *nós* e *a gente* e Cysne (2016) sobre a monotongação do ditongo [ej]. Além desses estudos, vale mencionar também os artigos científicos de Carvalho (2011), sobre a alternância de modos verbais; Araújo (2011a), acerca do alteamento da pretônica /o/; Nascimento; Araújo e Carvalho (2013); sobre a redução do gerúndio; Araújo e Almeida (2013), a respeito do alteamento da postônica não final /o/, dentre outros.

Ao propor observar o fenômeno de variação na CV com a 3PP no falar popular<sup>4</sup> de Fortaleza, assumimos, conforme já sinalizamos, a hipótese de que o fenômeno em foco estaria sendo influenciado por fatores de natureza linguística e social. Ao cogitarmos tal hipótese, nos deparamos, portanto, com as seguintes questões: de que forma fatores linguísticos como a *saliência fônica*, o *traço humano do sujeito*, a *posição do sujeito em relação ao verbo*, o *paralelismo formal no nível oracional*, o *paralelismo formal no nível discursivo* e o *tipo estrutural do sujeito* e sociais como o *sexo/gênero*, a *faixa etária*, e a

<sup>3</sup> Mais informações podem ser consultadas no seguinte endereço: <<http://www.uece.br/posla/index.php/projetos-de-pesquisa/linha-02>>.

<sup>4</sup> Embora estejamos cientes da enorme complexidade que cerca os conceitos de fala popular no PB, assumimos, para fins metodológicos, que o português popular brasileiro pode ser entendido, a princípio, como o conjunto de variedades linguísticas que tende a ser usado mais frequentemente por falantes sem ensino superior completo e oriundos de zonas rurais ou das periferias dos grandes centros urbanos (LUCCHESI, 2001; BAGNO, 2003; SANTIAGO, 2013). Na seção dedicada à constituição do NORPOFOR, tornamos a abordar tais problemáticas.

*escolaridade* atuam sobre a variação na CV com a 3PP? Qual a variante favorita (com marcas ou sem marcas de concordância), para a realização da CV com a 3PP? Será que o fenômeno perseguido nesta dissertação figura como um processo de variação estável, no qual o uso das variantes com e sem marcas de concordância coexistem sem que uma esteja tomando o lugar da outra. Ou, será possível identificar indícios de um possível processo de mudança em curso, no sentido de a variante sem marcas de concordância está tomando o lugar da variante com marcas, por exemplo, nos dados do NORPOFOR?

Com o intuito de responder a tais indagações, fomos guiados, ao longo de nossa pesquisa, pelas seguintes hipóteses, todas formuladas com base em observações preliminares dos nossos dados, bem como na literatura pertinente, o que naturalmente, será mais bem abordado nos capítulos seguintes:

(i) A variação na CV com 3PP figura, no falar popular de Fortaleza – CE, como um fenômeno de variação estável;

(ii) A variante sem marcas de concordância é a favorita para a expressão de CV com a 3PP;

(iii) Os fatores sociais mais relevantes para a variação na CV com a 3PP são, nessa mesma ordem de relevância, escolaridade, sexo e faixa etária;

(iv) Quanto menores os níveis de escolaridade possuídos pelos falantes, maiores as chances de a variante sem marcas de concordância ser favorecida;

(v) Os homens atuam como favorecedores da variante sem marcas de concordância;

(vi) A variante sem marcas de concordância é mais recorrente na fala de informantes mais jovens;

(vii) As variáveis linguísticas: saliência fônica, traço humano do sujeito e posição e distância do sujeito em relação ao verbo são as mais relevantes para a variação na CV com a 3PP na amostra estudada;

(viii) A menor saliência entre a forma verbal no plural e singular tende a favorecer o uso da variante sem marcas de concordância;

(ix) O traço não-humano do (SN) sujeito tende a favorecer o uso da variante sem marcas de concordância;

(x) O (SN) sujeito colocado à direita do verbo tende a favorecer o uso da variante sem marcas de concordância. Quanto à distância, assumimos que quanto mais distantes

estiverem verbo-sujeito, maiores as probabilidades de a variante sem marcas de concordância ser favorecida.

Dentre os pontos que justificam a realização deste trabalho, destacamos que, ao propor o estudo do fenômeno de variação na CV com a 3PP no falar de Fortaleza – CE, com base em dados retirados da linguagem em uso, estamos não só contribuindo para a descrição do fenômeno em tela a partir de uma, até então, inédita amostra de fala, mas também para a quebra de preconceitos que frequentemente recaem, conforme já mencionamos, sobre a variante sem marcas de concordância para a CV com a 3PP. Uma vez que, com este estudo, nos foi possível indicar quais fatores, tanto linguísticos como sociais, interferem e regulam o uso da variante sem marcas de concordância na amostra estudada. Com isso, vemos que o uso da variante sem marcas de concordância padrão não é fruto do descaso, deficiência ou desinteresse, por parte dos falantes, pelos mecanismos de sua língua mãe, mas sim fruto de um delicado jogo de interação e influências de fatores linguísticos e sociais, os quais são, na grande maioria das vezes, desconsiderados pela tradição escolar.

Neste sentido, acreditamos também nas possíveis contribuições pedagógicas que este trabalho, naturalmente inserido em um quadro mais amplo de estudos sobre os fenômenos variáveis de nossa língua, pode trazer. Isso porque, é de suma importância que os professores estejam atentos para as regularidades quanto ao funcionamento da variante sem marcas de concordância, o que pode ser alcançado, acreditamos, através da apreciação de trabalhos de cunho descritivos sobre os fenômenos de variação na CV com a 3PP. Afinal, “o papel da sociolinguística consiste [...], não apenas em promover a tolerância à variação, mas levar à compreensão de seus mecanismos” (SILVA, 2015, p. 144).

Esse conhecimento não só pode tornar o trabalho com os mecanismos de nossa língua mais produtivo, como também se tornar um forte aliado no combate a estigmas linguísticos, dentro das salas de aula, pois “o problema do preconceito linguístico disseminado na escola em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença” (BRASIL, 1997, p. 26).

Seguindo critérios metodológicos, dividimos este trabalho em cinco capítulos, aos somam-se esta introdução e nossas conclusões. No capítulo 2, discutimos alguns dos principais pontos que envolvem a Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 1994, 2006, 2008), visto que nela, embasamos nosso estudo.

No capítulo 3, apresentamos uma revisão bibliográfica acerca dos estudos conduzidos à luz da Teoria da Variação e Mudança linguística sobre o fenômeno de variação na CV com a 3PP, com o intuito de observar a atuação de fatores linguísticos e sociais em sua realização, uma vez que os tomamos também para análise para esta pesquisa.

O capítulo 4, por sua vez, é dedicado a nossa metodologia. Nele, indicamos quais os principais passos metodológicos percorridos e instrumentos utilizados para a realização deste trabalho. No capítulo 5, apresentamos e discutimos os resultados alcançados com as análises dos nossos dados, relacionando-os, na medida do possível, aos resultados obtidos por outros estudiosos do fenômeno observado aqui.

## 2 A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

Em meados da década de 1960, assistimos ao surgimento de novas vertentes de estudo como a Sociolinguística, a Pragmática, a Análise do Discurso, a Linguística Textual, dentre outras, pautadas em posturas externalistas para a observação do fenômeno linguístico contra as abordagens imanentistas que impregnaram o cenário da Linguística, pelo menos até a primeira metade do século passado (MORATO, 2011). A vertente sociolinguística teve seu marco inicial, mais precisamente, em um congresso organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia, em Los Angeles (UCLA) (CALVET, 2009).

Nele, se reuniram estudiosos como John Gumperz, Einar Haugen, Paul Friedrich, Dell Hymes, John Fischer, William Labov, dentre outros, com o intuito de apresentar e discutir novas propostas para abordagem do fenômeno linguístico (CALVET, 2009). No cerne de suas propostas defendiam, principalmente, a possibilidade de observar sistematicamente as relações entre língua e sociedade (ALKMIN, 2012; CAMACHO, 2012).

Com isso, os objetivos e o objeto da nova área de estudos, isto é, “a diversidade linguística” (ALKMIN, 2012, p. 30) ficaram claros. Contudo, seus idealizadores iniciais não conseguiram delimitar com precisão os métodos que deveriam conduzir um estudo sociolinguístico. Talvez, por esta razão, “a nova disciplina surge [...] meio confusa, desprovida de um rigoroso marco teórico, além de sofrer desconfiança de outros linguistas que já pertenciam a alguma escola” (MONTEIRO, 2000, p.15).

O êxito maior, quanto ao desenvolvimento de métodos que conseguiram observar de forma concisa a correlação e atuação de fatores linguísticos e sociais sobre a heterogeneidade linguística, foi alcançando por Weinreich, Labov e Herzog (2006), em especial pelo segundo, que resistiu, durante algum tempo, ao uso do termo sociolinguística, “já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não seja social” (LABOV, 2008, p. 13).

Mais tarde, naturalmente, Labov (1994, 2008) e seus adeptos aceitaram o uso do termo, com o intuito de distinguir as abordagens propostas pela nova vertente daquelas que já vinham sendo realizadas por correntes mais tradicionais, como o Estruturalismo, fortemente ligado ao trabalho de Saussure (2012), e o gerativismo, de Chomsky (1968). Em ambas, as línguas são compreendidas como fenômenos homogêneos e as relações entre linguagem e sociedade são assumidas, mas não exploradas (ALKMIM, 2012).

Hoje, a área de estudos firmada com os trabalhos de Weinreich, Labov e Herzog (2006) é denominada de a Teoria da Variação e Mudança Linguística ou Sociolinguística

variacionista. Aqui, a suposta homogeneidade das línguas com a qual operaram Saussure (2012), Chomsky (1968) e seus seguidores não passa de ilusão, sendo, justamente, o reconhecimento da heterogeneidade um dos princípios básicos para a pesquisa sociovariacionista, pois, de acordo com Labov (2008, p. 238, grifos nossos):

A existência de *variação* e de *estruturas heterogêneas* nas comunidades de fala investigadas está certamente bem fundamentada nos fatos. É a existência de qualquer outro tipo de comunidade de fala que deve ser posta em dúvida [...]. Mas nos últimos anos fomos obrigados a reconhecer que essa é que é a situação normal – a heterogeneidade não é apenas comum, ela é o resultado natural de fatores linguísticos fundamentais. Argumentamos que *a ausência de alternância estilística e de sistemas comunicativos multiestratificados é que seria disfuncional*.

Tomar a variação nas estruturas linguísticas como um fato evidente, implica reconhecer, antes de tudo, que as pessoas usam determinados mecanismos linguísticos de modos diferentes – sem, no entanto, comprometer o princípio básico das línguas, a comunicação – e que mesmo um único indivíduo é incapaz de usar sua língua materna exatamente da mesma forma em todas as situações de interação.

Desse modo, os sociovariacionistas defendem a existência de “um sistema ordenadamente heterogêneo em que a escolha entre alternativas linguísticas acarreta funções sociais e estilísticas, um sistema que muda acompanhando as mudanças na estrutura social” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 99). A partir desse reconhecimento, o aparente caos da variação linguística passou a ser fortemente questionado e foi assumido que os inúmeros fenômenos de variação e mudança linguística podem ser tomados como objeto passível de análises rigorosas e que as explicações para eles não podem, em hipótese alguma, ser buscadas apenas em dados oriundos do sistema, mas também na estratificação social dos falantes (LABOV, 1994, 2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; CAMACHO, 2012).

Conforme temos apontado, o fenômeno de variação linguística implica assumir, antes de tudo, a possibilidade de dizer a mesma coisa, do ponto de vista referencial, de maneiras diferentes (LABOV, 2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006). Essas formas diferentes recebem o nome de *variantes linguísticas* que, por sua vez, constituem uma determinada *variável*. Este último elemento, em termos simples, pode ser tido como o local da língua em que podemos encontrar variação. Variável e variantes linguísticas constituem, assim, os elementos básicos de uma análise sociovariacionista (MOLLICA, 2012).

A título de ilustração, vejamos a distinção entre variável e variante, tomando o comportamento variável da CV com a 3PP, objeto de estudo deste trabalho. A expressão da CV com a 3PP constitui o que chamamos de variável linguística, que pode ser realizada por meio de duas formas diferentes, isto é, duas variantes linguísticas. De um lado, temos a *variante com marcas de CV*. Do outro, a *variante sem marcas de CV*, conforme mostramos nas ilustrações abaixo:

(3) *Variante com marcas de CV*: [...] sete horas da manhã os meninos já tão perturbando para brincar... (Inq. 09, NORPOFOR).

(4) *Variante sem marcas de CV*: [...] os meninos perturba né chora aí eu num tenho paciência de sair com menino chorando (Inq. 09, NORPOFOR)<sup>5</sup>.

Uma vez reconhecida a possibilidade de usar alguns mecanismos linguísticos de maneiras distintas, defende-se a existência de forças atuantes sobre o uso de uma ou de outra forma variante. Essas forças são comumente denominadas de *condicionadores* ou *variáveis independentes* que podem ser de natureza linguística, isto é, referentes ao próprio sistema, ou social, externas a ele. Cabe ao pesquisador, portanto, procurar, através dos métodos de análise estatística<sup>6</sup> fornecidos pela Sociolinguística variacionista, identificar tais fatores. Eles, por sua vez, não agem isoladamente, mas sempre em conjunto, através de um delicado jogo de interação. A partir disso, procuramos traduzir os alcances dos chamados condicionadores linguísticos e sociais sempre em termos numéricos (ALVES, 2011).

Frisamos ainda que as variáveis linguísticas podem ser tidas como *independentes* ou *dependentes*. Independente no sentido de que os fatores que compõem a variável independente não dependem de nenhum outro, mas, sobre a variável dependente, pode exercer pressão [...] aumentando ou diminuindo [...] a frequência de uso das variantes que a constituem (MOLLICA, 2012). As variáveis independentes não devem ser confundidas com as de natureza dependente – presente nas ilustrações 1 e 2 – que recebem esse nome porque o uso das variantes que a constituem “não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores (ou variáveis independentes) de natureza social ou estrutural” (MOLLICA, 2012, p. 11).

Dito isso, convém pontuar que, em linhas gerais, os fenômenos de variação costumam ser amparados em três grandes eixos: o geográfico, correspondente à *variação*

<sup>5</sup> Neste trabalho, sublinhamos os elementos analisados em cada oração.

<sup>6</sup> Ao longo deste capítulo, abordamos alguns pontos que marcam a metodologia sociovariacionista, como a coleta de dados e identificação de fenômenos variáveis. Mais detalhes acerca dos métodos de análises estatísticas são tratados no capítulo sobre nossa metodologia.

*diatópica*, o social, referente à *variação diastrática* e o estilístico, referente à *variação diafásica* (ALKMIM, 2012). A primeira recobre os fatores que se relacionam com as diversas diferenças linguísticas que podem ser observadas através das divergências entre os espaços geográficos.

A título de ilustração, vale remeter o leitor a algumas das notórias diferenças entre o português do Brasil e o de Portugal, seja no âmbito lexical, fonológico, sintático, semântico dentre outros. No entanto, não é preciso cruzar um oceano para perceber particularidades ou diferenciações nos traços linguísticos de falantes de um determinado idioma, dependendo da região em que se encontram. Assim, é sabido que o falar carioca apresenta traços distintos dos falares baiano, gaúcho, cearense, paulistano, por exemplo. Da mesma forma, o português de falantes residentes em grandes centros urbanos, não raro, apresenta traços diferentes do falar de sujeitos residentes em zonas rurais, ainda que ambos pertençam a uma mesma região.

Por outro lado, à variação diastrática, se ligam fenômenos marcados por questões sociais correspondentes às identidades socioculturais dos falantes, bem como a estruturação sócio-histórica das comunidades das quais fazem parte (ALKMIM, 2012; WARDHAUGH, 1992). Admitimos, com isso, que fatores como o *sexo/gênero*<sup>7</sup> do falante, *faixa etária*, *classe social*, *escolaridade*, dentre outros, influenciam os usos linguísticos. Assim sendo, a vasta literatura sociolinguística tem indicado que, sempre dependendo do fenômeno e da comunidade em estudo, homens e mulheres, por exemplo, nem sempre apresentam o mesmo comportamento linguístico. De igual modo, é bastante notório que falantes com diferentes faixas etárias tendem a apresentar padrões linguísticos distintos em vários níveis dos sistemas.

Além disso, é sabido que os falantes tendem e precisam ajustar seus comportamentos linguísticos em função do tipo de interação (formal – informal), da identidade social dos seus interlocutores, bem como de seus próprios interesses e dos interesses de seus interlocutores etc. Os fenômenos de variação relacionados a esses elementos caracterizam, portanto, a chamada variação diafásica, estilística ou ainda de registros (LABOV, 1966). Embora tenhamos sinalizado esses três eixos separadamente, é importante lembrar que as fronteiras entre eles nem sempre são claras, pois “onde termina uma e onde começa a outra e qual a prevalência de uma sobre a outra” (ARAGÃO, 2010, p. 37) são questões que preocupam os estudiosos desde o início das observações de tais fenômenos.

---

<sup>7</sup> Neste trabalho, optamos por usar os termos *sexo/gênero*. Em nossa metodologia tecemos maiores considerações a esse respeito

Posto isso, é válido mencionar que os estudos variacionista tinham como foco inicial o nível dos fonemas, pois, com eles, a premissa básica de que, para que um fenômeno variável seja tido como tal é necessário que “as duas ou mais formas alternantes ocorram no mesmo contexto com o mesmo significado, podia ser mantida com certa confiabilidade” (PAREDES SILVA, 2012, p. 67).

Por ser nossa variável de natureza morfossintática, convém lembrar que, com o êxito dos estudos variacionistas no âmbito dos fonemas, nada mais natural do que expandir os limites e interesses dessas pesquisas para outros níveis linguísticos. Contudo, seria inválido afirmar que tal ampliação ocorreu de forma pacífica. Nesse sentido, é bastante conhecida a polêmica travada entre Labov (1978) e Lavandera (1977), que chegou a questionar fortemente a possibilidade de observar fenômenos variáveis além do nível da fonologia, pois acima dele todos os elementos linguísticos possuem um significado próprio. Isso, segundo a estudiosa, invalidaria a expectativa de encontrarmos, para além da fonologia, variantes linguísticas e, conseqüentemente, fenômenos de variação.

Labov (1978) se opõe a essa perspectiva, defendendo, portanto, tal possibilidade. Para isso, amplia a noção de mesmo significado para significado referencial das variantes linguísticas, isso implica dizer que “ter o mesmo significado ou valor de verdade significa se referir ao mesmo estado de coisas” (ALVES, 2011, p. 59). Munidos desse pressuposto, Weiner e Labov (1983) realizaram um estudo pioneiro sobre a variação entre construções ativas e passivas no inglês, testando a influência de fatores internos e externos à língua sobre a alternância entre elas, sendo que apenas os primeiros fatores se mostraram relevantes.

Tais resultados permitiram que Lavandera (1978) tornasse a levantar mais argumentos favoráveis acerca da impossibilidade de realizar uma pesquisa variacionista em outros níveis, que não o dos fonemas. O ponto de crítica da estudiosa, quanto aos resultados alcançados por Weiner e Labov (1983), dessa vez, recaiu sobre o fato de fatores externos ao sistema não terem se mostrado relevantes.

Na compreensão de Lavandera (1978), estudos em que variáveis sociais ou estilísticas não se mostram relevantes não devem ser caracterizados como pesquisa sociolinguística, visto que é justamente esse um dos principais pontos que diferencia a Sociolinguística de vertentes como o estruturalismo. Labov (1978) novamente rejeita tais proposições e rebate as críticas da estudiosa, afirmando que uma pesquisa variacionista não pretende apontar apenas a influência de fatores sociais sobre fenômenos de variação, procura, além disso, observar a atuação de fatores próprios à estruturação das línguas naturais, as quais devem ser vistas sempre como um fenômeno social.

Apesar de assumir que as formas variantes têm o mesmo significado ou valor de verdade, como temos apontado, é preciso lembrar que elas possuem valores sociais e estilísticos diferentes. Assim, Labov (2008) assume a existência de três elementos carecedores de atenção em sua teoria: *indicadores*, *marcadores* e *estereótipos* linguísticos. Segundo ele, os primeiros correspondem a “traços linguísticos encaixados numa matriz social, exibindo diferenciação segundo a idade e o grupo social, mas que não exibem nenhum padrão de alternância estilística e parecem ter pouca força avaliativa” (LABOV, 2008, p. 360). Como exemplo de fenômeno variável tido como indicador presente no português do Brasil, podemos citar a monotongação<sup>8</sup> de ditongos como /ey/: peixe ~ peixe, feijão ~ feijão, dentre outras. Isso porque, a monotongação é um fenômeno variável que parece estar “isento de valor social e estilístico” (COELHO *et al.*, 2012, p. 34), mas que pode marcar diferenças geográficas (ARAGÃO, 2000; ARAÚJO, 2013).

Os marcadores, por sua vez, “exibem estratificação estilística tanto quanto social” (LABOV, 2008, p. 360). Com exemplo de marcadores no PB, podemos citar o uso alternado dos pronomes *tu* x *você*<sup>9</sup>. Afinal, o uso dessas formas tem sido frequentemente associado a fatores como região, o que marca uma espécie de estratificação social dos falantes em níveis diatópicos. Da mesma forma, acredita-se que a alternância entre *tu* x *você* é influenciada por estratificações estilísticas. Assim, o pronome *tu* tende a ser usado em situações com menor monitoramento linguístico, ao passo que a forma *você* tende a prevalecer em situações mais monitoradas (COELHO *et al.*, 2012). Assinalamos que, assim como os indicadores, os marcadores linguísticos não parecem sofrer julgamentos avaliativos totalmente conscientes.

Em sentido contrário, os estereótipos “são formas socialmente marcadas, enfaticamente pela sociedade” (LABOV, 2008, p. 360). Nesse sentido, poderíamos, portanto, deduzir que o caso da variante sem marcas de CV com a 3PP é um exemplo de estereótipo no PB, já que a ausência de marcas de CV é um fenômeno bastante perceptível e que frequentemente acarreta valores negativos. Sobre a existência dos estereótipos, interessante colocar que, “alguns estereótipos podem ser estigmatizados socialmente, o que pode conduzir à mudança linguística rápida e à extinção da forma estigmatizada. Outros estereótipos podem ter um prestígio que varia de grupo para grupo, podendo ser positivo para alguns e negativo para outros” (COELHO *et al.*, 2012, p.33).

<sup>8</sup> A respeito do fenômeno de monotongação no falar de Fortaleza – CE, cf. Aragão (2000), Araújo (2007) e Cysne (2016).

<sup>9</sup> Sobre a alternância nas formas de tratamento no falar fortalezense, cf. Guimarães (2014).

Sobre a associação de valores negativos ao uso da variante sem marcas de CV, importante colocar ainda que isso não significa dizer que essa forma carrega em si mesma um valor inferior à variante com marcas de CV. Na verdade, não existe, do ponto de vista linguístico, nenhuma forma inferior ou superior, melhor ou pior que outra, pois, de acordo com Camacho (2012a, p. 64), “a distribuição social das formas variantes adquire valores em função do poder e da autoridade que os falantes detêm nas relações econômicas e sociais”.

É justamente aqui que reside, estamos convencidos, um dos pontos de maior contribuição já dados pela Sociolinguística variacionista aos estudos linguísticos, isto é, o fornecimento de base empírica para o combate às ideologias que se apoiam em diferenças linguísticas para manter políticas de discriminação e de exclusão social, o que também serve para justificar nosso apreço pela teoria. Ainda, acerca das avaliações lançadas sobre determinadas formas linguísticas, são significativas as palavras de Araújo (2007, p. 44):

Embora seja sabido que, do ponto de vista científico, não existe uma variante melhor do que a outra, a variante de prestígio se impõe dentro da comunidade por ser valorizada positivamente em razão de estar associada ao grupo social de maior *status*, enquanto as variantes estigmatizadas são utilizadas por aqueles que, por pertencerem aos estratos sociais mais baixos da população, são discriminados.

Posto isso, não podemos perder de vista que todo e qualquer quadro de variação e mudança linguística só pode existir e conseqüentemente ser encontrado em uma comunidade de fala constituída por falantes reais inseridos em situações reais de interação (LABOV, 2006, 2008). Chegamos, assim, a um ponto da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008) para o qual ainda não dispomos de um consenso entre os estudiosos. Ciente da impossibilidade de delimitar de forma precisa o alcance dos diferentes usos da língua feitos pelos falantes, Labov (2008, p. 188-225) nos diz que:

Uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todas as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua [...]. Os membros de uma comunidade de fala compartilham um conjunto comum de padrões normativos, mesmo quando encontramos variação altamente estratificada na fala real. Mas essa uniformidade nos julgamentos intuitivos é característica somente de variáveis sociolinguísticas bem desenvolvidas, que têm recebido correção social explícita. A maioria das regras linguísticas está muito abaixo do nível da correção social e não têm normas sociais explícitas associadas a elas.

Assim, vemos que um dos principais critérios usados por Labov (2008) para definir comunidade de fala não corresponde exatamente ao comportamento linguístico dos falantes, mas sim, às atitudes similares tomadas por eles perante os fatos da língua. Isso implica dizer que, de forma consciente, em maior ou menor grau, os falantes se identificam com o uso de determinadas formas linguísticas compartilhadas e sobre as quais formulam seus próprios julgamentos. Desde sua elaboração, essa maneira de conceber uma comunidade de fala é posta em cheque. Figueroa (1994), por exemplo, destaca que, na proposta de Labov (2008), os dados da pesquisa sociolinguística devem ser buscados nos indivíduos e eles devem ser vistos no grupo.

Portanto, seus traços linguísticos devem refletir traços da comunidade. Desse modo, para a pesquisa variacionista, “o indivíduo, em si, não constitui uma unidade linguística, ou seja, um objeto onde encontraremos explicações para fenômenos linguísticos” (RODRIGUES, 2013, p. 44). Assim, na pesquisa variacionista estratificamos nossos informantes segundo aspectos relacionados, por exemplo, ao seu sexo, a faixa etária e ao grau de escolaridade. São esses aspectos que mais propriamente importam para uma pesquisa desta natureza e, não o indivíduo em si.

De fato, a perspectiva laboviana para a noção de comunidade de fala “prioriza o caráter de ‘consciência’ das atitudes dos falantes em relação às normas gramaticais compartilhadas pelo grupo para caracterizar uma comunidade de fala” (VANIN, 2009, p. 148, aspas no original). Neste sentido, percebemos que Labov (2008) busca uma espécie de uniformidade nas atitudes dos falantes inseridos em suas respectivas comunidades e são essas uniformidades que permitem tentar estabelecer as fronteiras da comunidade de fala. Com isso, “Labov garante homogeneidade no seu objeto de estudo – a comunidade de fala –, e não na língua, que é um sistema heterogêneo” (VANIN, 2009, p. 148, aspas no original).

Outras questões costumam ser fomentadas no que tange à noção de comunidade de fala proposta por Labov (2008) e têm levado outros estudiosos a proporem novas maneiras de observar esse fenômeno, as quais acreditam possuir mais uniformidade. Para Guy (2001), por exemplo, a noção de comunidade de fala deve ser estabelecida a partir de três critérios: (i) os falantes de uma comunidade de fala devem fazer uso de formas que os diferenciem de falantes pertencentes a outras comunidades; (ii) devem estabelecer entre si alta frequência comunicativa e (iii) devem compartilhar as mesmas normas e atitudes frente aos fatos linguísticos.

Estabelecendo uma breve comparação entre as duas perspectivas, percebemos que apenas o terceiro critério estabelecido por Guy (2001) se aproxima da proposta de Labov

(2008). Isso, acreditamos, não invalida uma ou outra abordagem e seus pontos divergentes não impossibilitam a identificação de padrões linguísticos a partir da observação sistemática e atenta do comportamento dos falantes, pois, embora seja difícil estabelecer limites, é inegável que os seres humanos se organizam em grupos e neles fazem surgir suas identidades que têm na língua uma de suas mais fortes expressões. Embora simpatizemos com a perspectiva de Guy (2001), assinalamos que, para nosso estudo, a proposta de comunidade de fala adotada foi a laboviana.

Uma vez identificada a comunidade de fala e o fenômeno variável observado, é preciso saber onde e como buscá-lo. De acordo com os postulados variacionistas, uma análise linguística pautada em conjuntos de frases soltas e imaginárias, sem base no uso real da língua, tende a falhar. Portanto, nossa análise deve partir sempre de amostras colhidas através da observação empírica. Além disso, não devemos esquecer que certas situações comunicativas, como aquelas em que os falantes estão expostos a pressões e monitoramento, podem não refletir seus verdadeiros comportamentos linguísticos.

Com isso, o alvo da coleta de dados em uma pesquisa sociolinguística passa a ser o *vernáculo*, modelo de língua em que o menor grau de monitoramento é dispensado pelo falante a sua fala (LABOV, 2008). Nessa perspectiva, assumimos, portanto, que o modelo de língua que procuramos observar pode ser encontrado nos registros linguísticos compartilhados por familiares no aconchego de seus lares, durante conversas espontâneas entre amigos, em momentos de lazer e longe dos locais de trabalho ou qualquer outro ambiente no qual é exigido que a linguagem usada pelo falante seja mais cuidada, monitorada.

Para a coleta do vernáculo, a ferramenta mais comum na pesquisa variacionista é a entrevista individual gravada. Esse mecanismo também apresenta pontos questionáveis. Afinal, seria mesmo possível ter acesso a um modelo de fala espontâneo o bastante para ser tido como *vernacular*, estando o falante na presença de um entrevistador, no caso de entrevistas do tipo DID (Diálogo entre Informante e Documentador), bem como de gravadores e respondendo a possíveis questionamentos? Esses elementos, muito presentes na coleta do vernáculo, constituem o que comumente é chamado de o *paradoxo do observador* (LABOV, 2008). Não seria surpresa, portanto, encontrar quem duvide de tal possibilidade.

Labov reconhece tais problemáticas e nos adverte que qualquer empenho no sentido de observar a língua em seu contexto social esbarrará, conseqüentemente, nesse problema metodológico clássico, ou seja, “os meios empregados para coletar os dados interferem nos dados coletados” (LABOV, 2008, p. 63). Ele também nos oferece algumas

formas para lidarmos com tais impasses. Uma das principais consiste em tentar gerar situações, durante a entrevista, que envolvam narrativas pessoais.

Através delas, o entrevistador/pesquisador tenta fazer com que o informante se sinta mais à vontade, relaxado e, conseqüentemente, mais emotivo. Para isso, recorre aos sentimentos do falante, instigando-o a narrar situações em que ele se viu próximo à morte, por exemplo. Segundo Labov (2008, p. 245), “as narrativas produzidas em resposta a essa pergunta quase sempre exibem uma mudança de estilo que se distancia da fala monitorada e se aproxima do vernáculo”. Muitas questões delicadas, como as que já mencionamos, emergem dessa fase metodológica, o que não impede que a coleta de dados, através de entrevistas sociolinguísticas, figure como uma das principais etapas na metodologia da pesquisa variacionista.

Munido de tais ferramentas, o pesquisador deve ainda, atenta Labov (2008), observar se algumas propriedades básicas de um fenômeno variável são devidamente mantidas no objeto de sua análise. Primeiro, o fenômeno deve manter uma certa frequência de ocorrência. Segundo, deve ser estruturado e estar devidamente inserido no sistema. Terceiro, o fenômeno deve ser bastante estratificado, isto é, obedecer a uma distribuição assimétrica “num amplo espectro de faixas etárias ou outros estratos da sociedade” (LABOV, 2008, p. 26).

Ao comprar o princípio da heterogeneidade, em oposição aos estudos que predominavam no momento em que surgiu, a Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008) propôs um modelo de análise que nos permite observar sistematicamente a atuação dos fenômenos de variação existentes de forma simultânea no sistema linguístico. Além disso, faz parte do interesse dos pesquisadores vinculados a essa corrente observar não apenas como se manifestam os fenômenos de variação, mas também como a mudança linguística se propaga.

Certamente, os variacionistas não foram os primeiros a perceberem o fato de que as línguas mudam, tampouco procurar compreendê-lo. Na verdade, essa característica, inerente às línguas naturais, há tempos tem sido alvo do interesse de vários estudiosos que o analisam sob diversas propostas teórico-metodológicas e com objetivos diversificados (MONTEIRO, 2000; FARACO, 2006). De acordo com Calvet (2009, p. 81), perguntas como: porque as línguas mudam? Como elas evoluem? são tão antigas:

[...] quanto a linguística e algumas abordagens levaram a ciência a evoluir notavelmente, particularmente pelo viés das leis fonéticas que, por exemplo,

permitiram a reconstrução de uma língua da qual não se tem nenhum vestígio, o indo-europeu. *Mas essas respostas situam majoritariamente no quadro de uma linguística interna, que só leva em conta a estrutura, ou para usar a fórmula final de Curso de Linguística Geral de Ferdinand de Saussure, a “língua em si mesma e por si mesma”* (grifos nossos e aspas no original).

Para a observação do fenômeno de mudança linguística, a Sociolinguística parte do princípio de que, assim como a variação, a mudança é passível de observação sistemática. De igual modo e, contrariando a perspectiva saussuriana, defende que tanto a variação como a mudança linguística resultam da atuação não só de forças internas, mas também externas ao sistema. Assim, é preciso que observemos tais fenômenos sempre dentro da comunidade de fala, nunca fora dela. Um dos pontos chave para a observação do fenômeno de mudança linguística é, como vimos anteriormente, a existência de formas variantes coexistentes. Em outras palavras, é preciso que haja, em um dado momento e por um longo período de tempo, uma espécie de competição entre duas ou mais formas variantes, até que uma deixe de ser usada em função de outra. De igual modo, essas variantes podem coexistir durante muito tempo sem que uma se sobreponha à outra, o que, para Labov (2008), caracterizaria um processo de variação estável.

Até que um processo de mudança possa ser apontado como concluído, Labov (2008) identifica, pelo menos, três diferentes estágios no quadro de variação. No primeiro, temos o que o estudioso chama de a *origem da mudança*. Nesse estágio, o fenômeno de variação está restrito ou marca um pequeno grupo. No segundo, a *propagação* da mudança, um número mais amplo de falantes adota uma das variantes e o contraste entre elas passa a ser mais evidente. Já no terceiro, o processo de mudança atinge a sua completa *implementação* e, como o próprio nome sugere, é estabelecida a regularidade com a eleição de uma das formas variantes em competição.

Contudo, vale lembrar que “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006). Com isso, vemos que nem todo fenômeno de variação observável em uma comunidade de fala pode resultar em mudança, entretanto, toda mudança linguística é fruto de variação.

Naturalmente, os três estágios assumidos por Labov (2008): *restrição*, *propagação* e *implementação* podem ser mais bem observados a partir de diferentes estados ou sincronias da língua na linha do tempo. Nesse sentido, é válido afirmar que a Sociolinguística variacionista mantém relações bastante estreitas com a linguística diacrônica, posta em segundo plano pela linguística de Saussure (2012 [1916]). Além disso, a cisão

saussuriana entre sincronia e diacronia é percebida pela Sociolinguística como teórica e metodologicamente desnecessária, visto que:

Nos parece bastante inútil construir uma teoria de mudança que aceite como seu *input* descrições desnecessariamente idealizadas e inautênticas dos estados da língua. Muito antes de se poder esboçar teorias preditivas da mudança linguística, será necessário aprender a ver a língua – seja de um ponto de vista diacrônico ou sincrônico – como um objeto constituído de heterogeneidade ordenada (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 71).

Durante a observação dos processos de mudança linguística, Labov (2006) estabelece ainda dois parâmetros básicos: a observação da mudança por meio do *tempo aparente* e também por meio do *tempo real*. No primeiro, é realizada uma investigação dos indícios de mudança através de um recorte transversal da fala de informantes de uma determinada comunidade de fala (LABOV, 2006; 2008). Essa abordagem caracteriza um estudo de natureza sincrônica. Nela, não são estabelecidas comparações entre diferentes gerações ou sincronias e a variável faixa etária é testada essencialmente para observar mais um ponto da estratificação social das variantes e para intentar algumas incursões no âmbito da investigação diacrônica. Ressaltamos que, para esta dissertação, adotamos a noção de tempo aparente.

Evidentemente, nossa opção por trabalhar com a noção de tempo aparente está relacionada, antes de tudo, a um critério metodológico. Entretanto, é importante lembrar que esse tipo de estudo apresenta notórias vantagens e nos permite alcançar, acreditamos, nosso objetivo primeiro: observar quais fatores linguísticos e/ou sociais atuam sobre a variação na CV com a 3PP na amostra analisada e verificar se temo diante de nós um fenômeno de variação estável ou se é possível identificar indícios de mudança em curso. Além disso, compartilhamos a ideia de Araújo (2007, p. 50) quando nos diz que, o estudo em tempo aparente “constitui um método de investigação simples e eficaz”.

Ao lado de tais vantagens, podemos encontrar também algumas desvantagens para o trabalho com a noção de tempo aparente. Entre elas, destacamos o fato de que com esse tipo de estudo não é possível falar em termos de mudança linguística no sentido de, por exemplo, o uso da variante sem marcas estar tomando o lugar da variante com marcas para a CV com a 3PP no falar popular da capital cearense. E, embora, conforme mencionamos ainda há pouco, a variável faixa etária nos permita fomentar alguns traços de um possível quadro de mudança se, por exemplo, falantes mais velhos estiverem usando, com frequência significativamente maior a variante sem marcas de CV do que a variante com marcas de CV, em relação aos

falantes mais jovens já que se espera dos falantes mais velhos um grau de conservadorismo maior do que falantes mais jovens.

Não obstante, é preciso muita cautela para interpretar possíveis quadros de mudança, tomando como norte apenas a variável faixa etária, afinal, como bem nos alerta Labov (2006), outros fatores como classe social e escolarização podem estar atuando sobre o uso de uma forma inovadora. Isso sugere, dentre outras coisas, que *a observação pura* da faixa etária dentro do tempo aparente é, de longe, um critério confiável.

Já, no estudo dito em *tempo real*, lança-se mão de diferentes sincronias, as quais devem ser comparadas com intuito de identificar e entender se um dado fenômeno de variação apresenta indícios de mudança e quais os caminhos que ela parece seguir. Para uma pesquisa variacionista realizada nesses moldes, o valor da faixa etária é acrescido. Aliás, os fatores de natureza externa ganham maior destaque, o que não significa dizer, em instância alguma, que eles se sobrepõem aos fatores próprios do sistema, isso porque:

Fatores sociais e internos estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicações confinadas a um ou outro aspecto, não importa quão bem construídas, falharão em explicar o rico volume de regularidades que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento linguístico (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 126).

Assim como realizar um trabalho com a noção de tempo aparente, um estudo em tempo real também acarreta vantagens e desvantagens. Dentre as vantagens, destacamos o fato de que com ele poderíamos obter um panorama mais confiável de um processo de mudança, visto que nos permite “analisar aspectos que não são percebidos em tempo aparente e possibilita diferenciar as mudanças linguísticas que ocorrem gradativamente na comunidade em que são produzidas pelo comportamento linguístico individual” (ARAÚJO, 2007, p. 49).

Dentre as desvantagens, é sabido que, ao procurar observar dados provenientes de diferentes gerações, ou sincronias, o pesquisador esbarra em notórias dificuldades no que tange à coleta de dados. Afinal, é preciso que se estabeleça o chamado *recontato* com os falantes participantes de uma pesquisa em um dado momento, duas ou até mais décadas depois, e ainda fazer um segundo levantamento de dados tão significativo quanto o primeiro para e, a partir disso, comparar o comportamento de diferentes falantes (LABOV, 2006).

Embora seja impossível para um variacionista indicar os contextos exatos em que determinadas variantes aparecem, ou se um fenômeno variável resultará em mudança, para nós é perfeitamente plausível falar em termos de tendências. Assim, o levantamento de

hipóteses em uma pesquisa desta natureza é mais do que um princípio metodológico, é uma verdadeira exigência. Em se tratando de mudança linguística, tais hipóteses, não raro, são levantadas principalmente em função dos fatores ou variáveis sociais. Vejamos como isso se dá, tomando como base a variável sexo/gênero.

É sabido que homens e mulheres ocupam papéis diferenciados na organização das sociedades, dentro da perspectiva teórica com a qual trabalhamos aqui, é perfeitamente plausível supor que a diferenciação nos papéis sociais desempenhados por homens e mulheres resulta em diferenças também em seus comportamentos linguísticos. Assim, a variável *sexo/gênero*, dentro da observação de um possível quadro de mudança, é amparada no sentido de que, quando um indivíduo do sexo feminino favorece o uso de uma forma inovadora, ao contrário dos homens, principalmente se tal forma possuir um *status* social mais elevado, pode ser um sinal positivo de mudança em curso. Neste sentido, percebe-se que as mulheres tendem a ser mais inovadoras. Em contrapartida, por aparentarem uma consciência mais elevada do *status* social das formas linguísticas (PAIVA, 2012), tendem a se mostrar mais conservadoras quando a forma inovadora não é avaliada de forma positiva pela sociedade.

Tais afirmações refletem tentativas de simplificar questões extremamente complexas que permeiam a consideração da variável sexo/gênero na perspectiva variacionista. Neste sentido, diferentes posturas são assumidas. Labov (1990), por exemplo, argumenta que a tentativa, por parte das mulheres, de preservar o uso das formas mais prestigiadas em seus comportamentos linguísticos está relacionada com o fato de que elas procuram se contrapor às condições de inferioridade nas quais são historicamente colocadas. Contudo, Eckert (1989) alerta que há algum tempo as mulheres vêm, cada vez mais, assumindo papéis sociais de destaque e, conseqüentemente mais significativos, isso implica dizer que a opção por formas linguísticas mais prestigiadas identificadas entre as mulheres sugere alcances maiores do que os indicados por Labov (1990).

Sem perder de vista as questões sobre os métodos de observação de um possível quadro de mudança em curso, postas anteriormente, frisamos que, além de ter como pano de fundo as noções de tempo aparente ou de tempo real, o pesquisador precisa ainda atentar para cinco questões gerais ou *problemas empíricos* postulados pela Teoria da Variação e Mudança Linguística para a observação da questão elementar colocada pela corrente, ou seja: “se uma língua tem de ser estruturada, a fim de funcionar efetivamente como ela funciona enquanto a estrutura muda?” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 87).

Em uma junção de teoria e de atividades empíricas, o pesquisador deve, com base nos dados coletados em situações reais de interação dos falantes participantes da pesquisa,

responder aos cinco problemas colocados por Weinreich, Labov e Herzog (2006) para a observação da mudança linguística, são eles: o *problema da restrição* ou *fatores condicionantes*; o *problema da transição*; *da avaliação*; do *encaixamento* e da *implementação*. Nos parágrafos seguintes, comentamos, ainda que, sucintamente, cada um deles, verticalizando-os, na medida do possível, sobre os aspectos já apontados por outros pesquisadores no que se refere ao fenômeno investigado por nós.

Com o problema dos fatores condicionantes, procura-se observar o quadro de mudanças possíveis e as condições para que a mudança possa ser efetivada. Tais condições compreendem tanto restrições, condicionadores sociais como linguísticos e, naturalmente, todo processo de mudança depende do delicado jogo de relações estabelecidas entre eles sobre o uso de uma ou de outra forma variante (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006).

No estudo realizado por Monguilhott (2009) acerca da variação na CV com a 3PP, no falar de Florianópolis, por exemplo, a variável de natureza linguística *posição do sujeito em relação ao verbo* foi apontada pelo GoldVarb 2000 como estatisticamente relevante. De acordo com os resultados alcançados pela autora, as estruturas em que o sujeito se encontrava *anteposto ao verbo* favoreceram o uso da variante com marcas de CV, com 84% de frequência e peso relativo<sup>10</sup> igual a .57. Em sentido contrário, ocorrências em que o sujeito aparece *posposto ao verbo* não se mostraram propensas ao uso da variante com marcas de CV, com 34% de frequência de uso e peso relativo de .08 (MONGUILHOTT, 2009). Na pesquisa em questão, vemos que, no falar de Florianópolis, o *sujeito anteposto ao verbo* favorece a manutenção de marcas de CV com a 3PP. Isso nos indica, entre outras coisas que, em caso de mudança, ela seguiria na direção de queda das marcas de CV quando o sujeito estiver *posposto ao verbo* e da preservação de marcas de CV em construções com sujeito *anteposto ao verbo*.

Em seguida, Weinreich, Labov e Herzog (2006) atentam para o problema da transição com o qual devemos observar o modo como uma determinada mudança progride ao longo do tempo, ou melhor, a partir de diferentes gerações. Em outros termos, procura-se medir como as formas em variação/mudança se estendem, passando de um determinado estágio a outro. Tenta-se perceber também a expansão dos contextos linguísticos no uso de

---

<sup>10</sup> Em termos simples, é denominado de peso relativo a indicação do efeito que cada fator selecionado exerce sobre as variantes observadas. É interpretado como favorável, para uma variável binária, se o valor for superior a 0.50, como inibidor se for inferior a 0.50, e como neutro se for igual a 0.50. Já para uma variável ternária, ou seja, com três variantes, o ponto neutro é 0.33, com quatro é 0.25 e com cinco variantes, o ponto neutro é entendido como 0.20 (SCHERRE; NARO, 2012). Maiores considerações acerca da leitura dos pesos relativos serão feitas no capítulo dedicado a nossa metodologia.

determinadas formas pela sua transmissão entre gerações, sua difusão no tempo e entre diferentes grupos sociais.

Já comentamos aqui que um estudo de natureza sociolinguística variacionista pode procurar observar os processos de variação e mudança linguística, a partir de dois parâmetros: o tempo aparente e tempo real. No primeiro, tenta-se captar a estratificação das variantes linguísticas no comportamento linguístico de falantes com diferentes faixas etárias dentro de um único recorte temporal. Já no segundo, observa-se a difusão de determinadas variantes sempre a partir de duas ou mais gerações com espaço mínimo de uma década entre elas. Afirmamos também, que é através deste último que os processos de mudança podem ser mais bem observados. Contudo, um estudo em tempo aparente não deixa de fornecer importantes indícios para a observação de mudança em curso.

Neste sentido, vejamos o que o estudo de Anjos (1999) sobre a variação na CV com a 3PP, no falar de João Pessoa, nos revela sobre o uso das variantes com marcas de CV e sem marcas de CV por falantes com diferentes faixas etárias. Segundo os dados da referida pesquisa, falantes jovens (15-25 anos), adultos maduros (26-49) e idosos (mais de 50 anos) fazem uso distinto da variante com marcas de CV, em termos de percentagens. Para os falantes jovens, a manutenção da CV foi igual a 64% dos casos com peso relativo igual a 0.57. Tais índices caíram no comportamento de falantes tidos como adultos maduros, para os quais foi registrado um percentual de 46% e peso relativo igual a 0.42, para o uso da CV. Por outro lado, o uso da variante com marcas de CV tornou a crescer na fala de informantes com mais de 50 anos, que atingiram 52% e peso relativo de 0.49 dos casos (ANJOS, 1999, p. 120). Tais dados indicam que, na comunidade de fala de João Pessoa, os falantes jovens favorecem o uso da variante com marcas de CV com a 3PP.

Adotando a linha de raciocínio proposta por Eckert (1996), ao postular que o uso de formas inovadoras, geralmente tidas como não-padrão, tende a ser maior no comportamento de falantes mais jovens, Anjos (1999) verificou justamente o contrário, pois, no falar de João Pessoa, os jovens se mostram mais conservadores do que falantes mais velhos, sendo justamente eles os favorecedores do uso da variante com marcas de CV (ou variante conservadora). Dentro do problema da transição, percebemos que tais resultados não indicam marcas de propagação da forma inovadora no comportamento de falantes com diferentes faixas etárias, há, por outro lado, uma espécie de refreamento quanto ao uso da forma inovadora.

Ao lado dos dois problemas comentados, temos a questão do encaixamento de um dado fenômeno no sistema linguístico e na estrutura social. Com esse problema, intenta-se

analisar como o fenômeno investigado se relaciona com outros, quais fatores linguísticos e sociais condicionam a mudança, favorecendo ou inibindo o uso de determinada variante, bem como as causas, efeitos e as possíveis direções da mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006).

No que se refere à ausência de CV com a 3PP e o seu encaixamento no sistema, destacamos que, em linhas gerais, as pesquisas realizadas até aqui mostraram, dentre outras coisas, que “de um paradigma verbal pleno com seis formas verbais, uma para cada pessoa gramatical, o português brasileiro estaria passando por um processo de redução na sua morfologia flexional” (MATTOS; SILVA, 2012, p. 305). Tal mudança tem sido muitas vezes atribuída também, mas não somente, “a introdução de outras formas pronominais como **você (s)** e **a gente**, o que na fala, simplifica enormemente a conjugação verbal” (MONTEIRO, 2002, p.109, grifos no original).

Tais questões nos encaminham para o problema da avaliação. Aqui, parte-se do pressuposto de que os falantes lançam, sobre determinados fenômeno de variação/mudança, olhares avaliativos. Eles podem partir de dois pontos básicos: no primeiro tentam avaliar o potencial linguístico de determinadas formas, isto é, quais formas atendem, de modo mais adequado, às exigências comunicativas de diferentes situações. Já, no segundo, o foco recai sobre os juízos de valores que os falantes atribuem às formas em competição. Assim, “o nível de consciência social é uma propriedade importante da mudança linguística que tem de ser determinada diretamente” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 124). Neste sentido, testes de avaliação são ferramentas importantes para que possamos observar os graus de consciência que os falantes possuem sobre determinadas formas linguísticas, bem como em quais medidas são atribuídos valores positivos ou negativos a uma determinada variante linguística, sempre dependendo da comunidade.

A esse respeito, convém mencionar que, em um estudo realizado por Rubio (2007) sobre a variação CV com a 3PP e 1PP, no falar de São José do Rio Preto, o autor verificou que falantes do sexo feminino com alto nível de escolaridade atribuem diferentes valores às variantes com e sem marcas de CV. De forma mais específica, falantes com o referido perfil social.

[...] atribuem *status* diferentes para a CV de 1PP e de 3PP, pois apresentam índices maiores de CV para 1PP do que para 3PP. Isso demonstra que, na comunidade pesquisada, a não-aplicação da regra para a 1PP é mais estigmatizada socialmente do que a não-aplicação da regra para a 3PP, o que faz que falantes mais sensíveis ao significado social da fala (mulheres e indivíduos com maior grau de escolaridade) busquem se adequar mais à norma (RUBIO, 2007, p. 32).

Frisamos que, embora não tenhamos trabalhado com teste de percepção e avaliação linguística, sempre que possível procuramos apontar, com base em outros estudos, como o fenômeno investigado nesta dissertação tende a ser compreendido socialmente.

Tendo tratado dos quatro primeiros problemas para a observação da mudança linguística, espera-se ainda que o pesquisador procure observar a questão da implementação. Com esse problema, objetiva-se compreender como uma dada estrutura se modifica na linha do tempo, sempre como resultado da atuação de forças externas e internas ao sistema (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006). É justamente aqui, que procuramos observar como a difusão de uma dada forma ocorre dentro do comportamento linguístico de falantes com diferentes estratos sociais e pertencentes a comunidades específicas.

Em outros termos, dentro dos moldes da Sociolinguística variacionista, vimos que formas variantes coexistem, até que uma seja, ou não, substituída por outra. No último caso, são atribuídos valores positivos à forma vencedora e seu uso tende a se espalhar pelo comportamento linguístico dos indivíduos independentemente, por exemplo, do nível de escolaridade, faixa etária e sexo.

No que tange à variação na CV com a 3PP, vemos que a variante sem marcas de CV, por possuir valores negativos e se distanciar do modelo de língua padronizado, ainda tende a ser associado ao comportamento de sujeitos situados em escalas sociais menos favorecidas. Esses e outros fatos certamente têm influenciado a não propagação direta da variante sem marcas de CV na fala dos brasileiros, independente de seus contextos sócio-históricos.

Naturalmente, os cinco problemas para a observação da variação e mudança linguística, assim como todas as demais questões que comentamos acerca dos pontos elementares da teoria que tomamos como norte para a realização de nossa pesquisa, acarretam em si uma série de outros pontos bastante complexos e carecedores de atenção. Acreditamos, contudo, que os aspectos mencionados neste capítulo podem oferecer um panorama da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006) e com isso apontar, ao menos em parte, os motivos de a tomarmos como alicerce teórico-metodológico do nosso estudo.

Em suma, vimos que a elaboração de um programa de estudos que possibilita a análise dos inúmeros fenômenos de variação verificáveis nas línguas naturais significou uma grande virada no modo de fazer linguística. As variantes linguísticas que, durante muito tempo, foram relegadas a um segundo plano, por supostamente não possuírem função no

processo comunicativo, tal como pregavam os estruturalistas e gerativistas (CAMACHO, 2012a), foram tomadas como objeto de estudo e a admissão de regras variáveis, ou seja, aquelas “que permitem que, em certos contextos linguísticos, sociais e estilísticos, falemos de uma forma e, em outros contextos, de outra forma” (COELHO *et al.*, 2015, p. 60), ao lado das regras categóricas<sup>11</sup>, abriram um novo leque de possibilidades para a contemplação do fenômeno linguístico.

A partir disso, defende-se que nenhum fenômeno variável acontece de forma aleatória e sem regularidade, muito pelo contrário, a língua é, sobretudo, um sistema heterogêneo e organizado (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006). Todo e qualquer fenômeno de variação obedece, portanto, a uma série de regras e sub regras. Assim, assumimos que, embora o falante tenha, dependendo do fenômeno, a sua disposição duas ou mais formas variantes, podendo alternar seus usos nas mais diferentes situações de interação, o uso de uma ou de outra é sempre regulado, influenciado por fatores próprios ao sistema. Não obstante, desde o início, como nos foi possível perceber, os variacionistas assumiram que apenas a observação de fatores internos ao sistema atuantes sobre determinados fenômenos variáveis não seria capaz de dar conta da complexidade que os rodeia, daí a articulação de fatores internos e fatores externos, o que faz, em nossa compreensão, com que a Sociolinguística oscile entre as ciências da língua e das sociedades.

---

<sup>11</sup> São denominadas de regras categóricas ou invariantes aquelas que não permitem variação em sua aplicação. Como exemplo de regra categórica na língua portuguesa, podemos citar o emprego dos artigos. Em outras palavras, na língua portuguesa, o artigo sempre vai aparecer antes do termo determinado. Assim, podemos dizer: *a casa, o carro*, mas nunca, *casa a, carro o*.

### 3 O FENÔMENO EM ESTUDO NA PERSPECTIVA VARIACIONISTA

Neste capítulo, observamos como o fenômeno de CV na 3PP é estudado em pesquisas realizadas à luz da Sociolinguística variacionista. A partir de estudos vinculados a essa vertente, mapeamos os fatores linguísticos e sociais que frequentemente se mostram relevantes para as ocorrências do fenômeno em foco, em pesquisas desenvolvidas em outras amostras de fala do PB.

Assinalamos que, em função do excessivo número de fatores, principalmente de caráter linguístico, já testados por outros estudiosos, nos detemos, com maior ênfase, naqueles que foram tomados para análise nesta pesquisa. Isso porque buscamos oferecer um panorama sobre como eles vêm se comportando sobre o fenômeno de variação na CV com a 3PP. Além disso, como temos notícias de muitos trabalhos sobre o fenômeno investigado, optamos por comentar apenas estudos desenvolvidos nas últimas duas décadas. Isso, naturalmente, não nos impediu de referir estudos clássicos, que não se enquadram no recorte temporal que fizemos, bem como a fatores linguísticos ou sociais que se mostraram relevantes em outros estudos, ainda que não os tenhamos controlado, sempre que julgamos interessante.

Destacamos ainda que, neste primeiro momento, apenas comentamos, de modo geral, as características e premissas para os fatores em discussão. Já, no capítulo dedicado a nossa metodologia, explicitamos os critérios adotados para a observação, em nosso estudo, dos fatores que aqui comentamos, assim como nossas expectativas e procedimentos adotados nas análises.

#### 3.1 FATORES LINGUÍSTICOS

Dentre os fatores de natureza linguística que frequentemente se mostram relevantes para a CV com a 3PP, destacamos a *saliência fônica*. Desde que começou a ser testada nos estudos variacionistas sobre a variação na CV, com os trabalhos de Lemle e Naro (1977), Naro (1981), Rodrigues (1987), Scherre e Naro (1997, 1998), Monguilhott (2001), Pereira (2004), Cardoso (2005), para citar apenas alguns, essa variável tem se mostrado bastante produtiva.

Em linhas gerais, o princípio de saliência fônica compreende os graus de diferenciação entre as formas verbais no singular e plural. Assim, assume-se que formas como *é/são* apresentam um alto grau de diferenciação, já que, na passagem do singular para plural, essa forma verbal sofre mudanças extremamente notórias. Em contrapartida, temos um grau

significativamente menor de saliência em formas como *consegue/conseguem*. Nestas, não há mudança na qualidade dos verbos em sua forma plural. Ao testarem tal fator, os estudiosos geralmente assumem que “as formas mais salientes e, por isto, mais perceptíveis, são mais prováveis de serem marcadas do que as menos salientes” (SCHERRE, 1989, p.301).

Partindo desse pressuposto, Monguilhott (2009), que estudou a variação na CV com a 3PP, com base em dados coletados no falar de Florianópolis – SC, testou a atuação da variável saliência fônica. Para tanto, a referida estudiosa dividiu os fatores que compõem a variável em dois grandes níveis: *oposição não-acentuada* e *oposição acentuada*, atendendo, assim, a proposta de Naro (1981, p.74, tradução nossa, maiúsculas no original), segundo a qual “o primeiro nível contém aqueles pares nos quais os segmentos fonéticos que realizam a oposição são NÃO-ACENTUADOS em ambos os membros. O segundo nível contém aqueles pares nos quais esses segmentos são ACENTUADOS em pelo menos um membro”<sup>12</sup>

Desse modo, no primeiro nível, foram postas as formas tidas como menos salientes e, portanto, mais propícias para a não manutenção da variante com marcas de concordância. Já, no segundo nível, foram postas as formas que apresentam graus de saliência mais elevados e, para as quais, eram esperados índices mais altos para o uso das marcas de concordância. Ainda dentro desses dois níveis, a autora identificou seis fatores distintos, três para cada nível. Abaixo, exemplificamos tais fatores, com ocorrências de variação na CV na 3PP retiradas de Monguilhott (2009, p. 88-89, destaques no original)<sup>13</sup>:

#### Nível 1: Oposição não-acentuada

a) não envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural (consegue/conseguem, corre/correm, vive/vivem, sabe/sabem).

**Eles não *consegue* alcançar nosso ritmo, né?**  
**Aí eles não *conseguem* ter um bom rendimento.**

b) envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural (ganha/ganham, era/eram, gosta/gostam).

Tenho três, quatro sobrinhos, ***anda todos eles*** também aí ao mar.  
**Sim, *andam* aí uns brasileiros.**

c) envolve acréscimo de segmentos na forma plural

<sup>12</sup> No original: “The first level contains those pairs in which the phonetic segments that realize the opposition are UNSTRESSED in both members, the second level contains those pairs in which these segments are STRESSED in at least one member of the opposition” (NARO, 1981, p.74, maiúsculas no original).

<sup>13</sup> Para todas as ilustrações retiradas dos trabalhos que consideramos, mantivemos os destaques conforme o estudo original.

(diz/dizem, quer/querem).

Só que **eles diz** que eu tenho que trabalhá pra pagá.  
Ah, **uns dizi** que é porque ele foi demitido.

Nível 2: Oposição acentuada

a) envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural  
(tá/tão, vai/vão, foi/foru)

**Os meus irmãos tá** cada um do seu lado.  
**Elas já tão** o dia todo na escola.

b) Envolve acréscimo de seguimentos sem mudanças vocálicas na forma plural  
(bateu/bateram, viu/viram, incluindo o par foi/foram que perde a semivogal)

Conta **coisas que** pra ele **foi** um bocado traumáticas.  
**As aulas práticas foram** reduzidas.

c) envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural  
(veio/vieram, é/são, disse/disseram).

**Veio todos** pra cá.  
**Vieram muitos imigrantes de fora** pra cá.

A saliência fônica foi a primeira variável linguística apontada pelo GoldVarb 2000 como relevante para o estudo de Monguilhott (2009). Para testar tal fator, a autora foi guiada pela já citada premissa de que formas menos salientes tendem a não favorecer o uso da CV com a 3PP, ao passo que formas mais salientes tendem a se mostrar aliadas ao uso da CV com a 3PP. Essas hipóteses, de fato, foram confirmadas no referido estudo.

Com isso, as análises de Monguilhott (2009) apresentaram os seguintes índices de frequência e pesos, em função da variante com marcas de CV, para formas menos salientes: *formas sem mudança na qualidade da vogal temática* (21% e PR. 0.04)<sup>14</sup>; *formas que envolvem mudanças na qualidade da vogal temática* (84% e PR. 0.50); *formas que envolvem acréscimo de segmentos na forma plural* (94% PR. 0.74).

Esses resultados indicam que, no nível das formas menos salientes, apenas o fator *formas que envolvem acréscimo de segmentos na forma plural* (0.74) favoreceu a CV. Enquanto que o fator *formas sem mudança na qualidade da vogal temática* se mostrou muito desfavorável ao uso da mesma regra (PR. 0.04) e o fator *formas que envolvem mudanças na*

<sup>14</sup> Os valores entre parêntese representam a percentual de uso (%) e o peso relativo (PR) dos fatores em análise.

*qualidade da vogal temática* (PR 0.50) se mostrou neutro (MONGUILHOTT, 2009, p. 118-119).

Já, para as formas do nível dois, que comportava as formas mais salientes, foram atingidos os seguintes resultados para os fatores que o compõem: *formas que envolvem apenas mudança da qualidade da vogal temática* (83% e PR. 0.48); *formas que envolvem acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural* (94% e PR. 0.74); *formas que apresentam acréscimo de segmentos e mudanças diversas na forma plural* (92% e PR. 0.69).

De acordo com esses resultados, os fatores do nível dois: *formas que envolvem acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural* (PR. 0.74) e *formas que apresentam acréscimo de segmentos e mudanças diversas na forma plural* (PR. 0.69) favorecem a CV com a 3PP, no falar de Florianópolis – SC. Em sentido oposto, o fator *formas que envolvem apenas mudança da qualidade da vogal temática* (PR. 0.48), também do nível dois, não atuou de modo favorável ao uso da mesma regra (MONGUILHOTT, 2009, p. 118-119).

Nas palavras de Monguilhott (2009, p. 119), os resultados obtidos para as formas do primeiro grupo apresentam “uma escala hierárquica crescente de acordo com o aumento do grau de saliência perceptível”. O mesmo, contudo, não é indicado entre as formas do segundo nível, pois, embora elas tenham se mostrado mais favoráveis ao uso da CV do que as formas do nível um, há uma notável oscilação entre os fatores que *envolvem acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural* e *as formas que apresentam acréscimo de segmentos e mudanças diversas na forma plural*.

Assim como a saliência fônica, a variável *traço semântico do sujeito* também tem se mostrado bastante produtiva para a observação da variação na CV com a 3PP. Essa variável, por vezes, recebe denominações distintas como *animacidade*, *traço humano no sujeito* e *categorização semântica do sujeito*. E, dentre os estudiosos que já a observaram, vale mencionar Graciosa (1991), Anjos (1999), Scherre e Naro (2000), Monguilhott (2001, 2009), Pereira (2004), Oliveira (2005), Sgarb (2006), Rubio (2008), dentre outros.

Com os grupos de fatores dessa variável, procura-se medir, em geral, a atuação do traço [+*humano*] e [-*humano*], como em Anjos (1999), Monguilhott (2001, 2009) e Pereira (2004), sobre a manutenção de CV *versus* a queda nas marcas de CV. Para melhor perceber o que estamos comentando, observemos as ocorrências abaixo, novamente retiradas de Monguilhott (2009, p. 100, grifos no original):

Traço [+ humano]:

**Eles não trabalham** com isso.

Traço [-humano]:

Ainda **existe terras mais pequeninhas** aqui dentro do Conselho.

A premissa que frequentemente é sustentada para esse grupo de fatores é a de que o traço [+humano] do sujeito tende a favorecer o uso da CV, ao passo que o traço [-humano] tende a não favorecer a CV. Essa hipótese foi sustentada pelos estudiosos que referimos acima e confirmada em praticamente todos eles. Em Monguilhott (2009), por exemplo, construções com sujeito apresentando traço [+humano] atingiram 83% de frequência e PR a 0.56 para o uso da variante com marcas de CV. Por outro lado, as formas com traço [-humano] não se mostraram propícias à CV com 55% de frequência e peso relativo igual a 0.12.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Pereira (2004) também mediu a influência da variável *traço humano do sujeito*. Seu estudo foi realizado com base em dados coletados na fala de idosos residentes em zonas rurais dos estados de São Paulo – SP e Minas Gerais – MG, na área correspondente às Trilhas das Bandeiras Paulistas. Assim, Pereira (2004) constatou que o traço [+humano], com 25% de frequência e 0.59, favorece o uso da CV, enquanto que o traço [-humano], que atingiu apenas 7% de frequência e PR igual a 0.24, não se mostrou aliado ao uso da CV.

Naturalmente, atendendo às particularidades de suas amostras, não raro os pesquisadores optam por incluir outros fatores na variável *traço semântico do sujeito*. Esse é o caso de Rubio (2008) que, ao lado do traço [+humano], testou a influência dos fatores traço [-humano, +animado], como no seguinte enunciado: só pá quem *as vaca **conhece*** assim... que vai bastante... daí... to/ vai assim todo dia... ; do traço [-animado], como em: acho que já **tava pra chegar as férias** e do traço [misto]: aí *a irmã dele e os cachorro **cheGOU***::... daí:: ela pegou vazar eles vaZaram de lá (RUBIO, 2008, p. 75, grifos no original).

Assim como os demais estudiosos, Rubio (2008), observando a variação na CV com a 3PP no falar de São José do Rio Preto – SP, a partir de dados coletados no Banco de Dados de Iboruna, que faz parte do *Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista)*, também partiu do princípio de que o traço [+humano] atuaria de forma favorável ao uso da CV, enquanto que os traços *animado* e *inanimado* desfavoreceriam a referida regra. Essa suposição novamente foi conformada, pois, em seu estudo, o traço [+humano] atingiu, para CV, 73% de frequência e peso relativo igual a 0.53. Enquanto que os traços [*animado*] e

[*inanimado*] alcançaram os seguintes índices: 58% e 54% de frequência e pesos relativos iguais a 0.47 e 0.34, respectivamente, mostrando-se, assim, não favorecedores do uso da CV.

Diante do fato de que a língua portuguesa comporta diferentes tipos de sujeitos, estudos como os de Monguilhott (2001, 2009), Rubio (2008), Oliveira (2005) dentre outros, indicaram, ao lado dos *fatores saliência fônica* e do *traço semântico do sujeito*, a relevância da variável *tipo estrutural ou morfológico do sujeito* sobre a variação na CV com a 3PP. Com a consideração desse grupo, os estudiosos procuraram observar quais tipos de sujeitos, naturalmente aqueles para os quais a CV é obrigatória, são favoráveis para a manutenção ou queda das marcas de CV. De acordo com Rubio (2008, p. 47), “é de extrema importância a análise desse fator, para detectar principalmente se os sujeitos pronominais são mais propensos ou não a atuarem na manifestação da CV”.

A partir disso e, com base em amostra de fala coletada em São José do Rio Preto (SP), Rubio (2008) testou, dentre outros, os seguintes fatores: (i) *SN pleno simples*: as *peças da cidade* me **contaram**; (ii) *SN pleno nu*: *homens traem...mulheres são* traídas; (iii) *SN pleno composto c/núcleo adj. no singular*: *o meu pai e ele falou* assim; (iv) *Pronome pessoal*: *eles faz* o que *eles quer*; (v) *Pronome indefinido*: *algumas ficaram* lá... outras saíram; (vi) *Pronome demonstrativo*: *Essas são* as pessoas que realmente..; (vii) *Quantificador*: *todos querem* que ele fique; (viii) *Pronome relativo*: tem várias plantas *que servem* de remédio (RUBIO, 2008, p. 48, grifos no original).

Os resultados obtidos por Rubio (2008) indicaram como favoráveis à CV os seguintes fatores: *pronome pessoal* (PR. 0.54); *sujeito desinencial* (PR. 0.53); *pronome indefinido* (PR. 0.54) e *SN-pleno composto c/ núcleo adj. no plural* (PR. 0.79).

Até aqui, nossos comentários giraram em torno de variáveis linguísticas que, ora objetivam medir aspectos das formas verbais, caso da *saliência fônica*, ora estão centradas em propriedades referentes aos sujeitos das construções, como as *variáveis traço semântico do sujeito* e *tipo estrutural do sujeito*, sobre o favorecimento ou refreamento no uso da CV. Há, contudo, variáveis que procuram observar os tipos de relação entre verbo-sujeito que podem atuar de modo a favorecer o uso da manutenção ou queda das marcas de CV. Esse é o caso dos grupos de fatores *posição e distância entre sujeito-verbo*, *paralelismo formal no nível oracional* e *paralelismo formal no nível discursivo*, comentados adiante.

No quadro bibliográfico que levantamos, a variável *posição e distância entre verbo-sujeito* foi uma das mais recorrentes, mostrando-se significativa para os trabalhos de Anjos (1999), Monguilhott (2001, 2009), Pereira (2004), Oliveira (2005), Sgarbi (2006), Almeida (2006), Monte (2007), Gonçalves (2007), Rubio (2008) dentre outros. Como o

próprio nome sugere, com os grupos de fatores que compõem a referida variável, busca-se observar a influência da posição, bem como da distância sobre o uso da CV com a 3PP.

No que tange à distância, tem sido defendido que quanto mais próximos estiverem verbo-sujeito, maiores as chances das marcas de CV serem preservadas. Em sentido contrário, quanto maior a distância entre eles, maiores as chances de as marcas de CV não serem preservadas. Essa premissa tem sido sustentada e confirmada em praticamente todos os estudos que observamos.

No trabalho realizado por Sgarbi (2006), sobre a variação na CV com a 3PP nos falares de 30 municípios do Estado do Mato Grosso do Sul, a partir de dados retirados do *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul – ALMS*, por exemplo, a autora verificou que, de fato, a ausência de material fônico (em termos de sílabas) entre verbo-sujeito – o que faz com que estejam muito próximos – favorece o uso da variante com marcas de CV. Desse modo, construções do tipo: Os motorista dizem que na chuva...<sup>15</sup> se mostraram favoráveis ao uso da CV. Assim, no estudo de Sgarbi (2006), construções com verbo-sujeito muito próximos (sem material fônico entre eles) atingiram frequência de uso igual a 50% e peso relativo de 0.60. Por outro lado, construções com 1 ou 2 materiais entre sujeito-verbo, como em: Eles já moraram numa fazenda – consideradas longe – não impulsionaram o uso da CV, com 40% de frequência e 0.48 de peso relativo. De igual modo, construções com três ou mais sílabas entre verbo-sujeito, como em: As meninas lá da vila come bastante<sup>16</sup>, atingiram 47% de frequência e PR de apenas 0.24, mostrando-se também não aliadas ao uso da CV.

Ao observamos os pesos relativos atingidos para os fatores que compõem a variável distância entre sujeito-verbo no estudo de Sgarbi (2006), percebemos uma clara progressão na diminuição do uso da CV na medida em que aumenta a distância entre verbo-sujeito.

No que tange à *posição do sujeito em relação ao verbo*, é sabido que nossa língua permite duas posições para a colocação do (SN) sujeito, isto é, *anteposição ou pré-verbal* como em: depois que eles forU emBOra eu ri TANto e *posposição ou pós-verbal*: foi uns amigos (aí) dele que eu não estou lembrada assim<sup>17</sup>. A premissa que vem sendo sustentada, por meio da observação de dados empíricos, para esse fator é a de que o sujeito em *posição pré-verbal* exerce pressão favorável ao uso da CV, ao passo que o *sujeito em posição pós-verbal* tende a não favorecer o uso da variante com marcas de CV.

<sup>15</sup> Ilustração retirada de Sgarbi (2006, p. 91).

<sup>16</sup> Ilustração retiradas de Sgarbi (2006, p. 91).

<sup>17</sup> NORPOFOR, Inq. 10.

Dentre os estudos que comprovam tais hipóteses, vale salientar os resultados obtidos por Monguilhott (2009), ao testar a atuação da variável posição do sujeito em relação ao verbo. Em conformidade com o que a autora esperava, os resultados indicaram que *o sujeito anteposto ao verbo* favorece o uso da CV com 84% de frequência e 0.57 de peso relativo. Por outro lado, o *sujeito posposto* – também confirmando a hipótese da estudiosa – não favoreceu o uso da CV, com frequência de 34% e peso relativo igual a 0.08.

Uma das explicações para esse fato mais difundidas entre os estudiosos é a de que “[...] o sujeito quando posposto ao verbo passa a ser encarado como objeto pelo falante que não aplica a regra de concordância, já que não o considera sujeito da sentença” (MOGUILHOTT, 2009, p. 126). Diante disso, convém mencionar que nem sempre os estudiosos optam por medir a atuação da *posição e distância entre verbo-sujeito* separadamente. Essa foi a postura de Anjos (1999) para o trabalho com a variável *posição e distância entre verbo-sujeito*. Importante lembrar ainda que, além da posição e distância, Anjos (1999) considerou também a *presença explícita do sujeito na oração*.

Além das variáveis mencionadas até aqui, percebemos também que os fatores referentes ao *paralelismo oracional e discursivo* vêm constantemente sendo apontados como relevantes para os estudos sobre o fenômeno de variação na CV com a 3PP. Assim, resolvemos também testá-los em nosso estudo (Cf. Metodologia). Seguindo a linha de raciocínio de outros estudiosos (ANJOS, 1999; MONGUILHOTT, 2001; PEREIRA, 2004; MONTE, 2007), optamos por observar a influência do paralelismo através de duas variáveis que o compreendem em dois grandes níveis, como já sinalizamos, isto é, o *oracional* e o *discursivo*.

Assim, vemos que, como a variável *paralelismo formal no nível oracional*, procura-se medir a influência da *ausência ou presença de marcas plurais nos elementos do sintagma nominal* sobre a manutenção e/ou queda de marcas plurais no sintagma verbal. Em outras palavras, procura-se testar a premissa de que marcas conduzem a marcas e zero leva a zero (POPLACK, 1980; SCHERRE; NARO, 1991). Para melhor compreensão do que estamos proferindo, observemos as ocorrências abaixo, com ocorrências retiradas de nossa amostra:

Presença de marcas plurais nos elementos do SN (sujeito):

os meninos são acostumados com ela... (NORPOFOR, Inq. 09).

os meninos da muito trabalho... aí tem que fazer tudo

Ausência de marcas plurais no SN (sujeito):

meu pai e minha mãe me ensinou a ser honesta (NORPOFOR, Inq. 34).

podem ser que o prefeito e o governador tenha algum... alguma participação nisso né? (NORPOFOR, Inq. 06).

Naturalmente, e, seguindo critérios minuciosos, os pesquisadores estabelecem outros contextos variáveis para compor o grupo de fatores referente ao paralelismo oracional. O modelo que mais se aproxima do quadro adotado em nosso estudo foi proposto por Anjos (1999). No referido trabalho, foram testados os seguintes contextos: (i) *sujeito com marcas de plural explícitas sem Sprep*; (ii) *Sujeito sem marcas de plural explícitas com preposição*; (iii) *Sujeito sem marcas de plural explícita e sem preposição*; (iv) *Sujeito com marcas de plural explícitas e com preposição*; (v) *Presença de numeral no numeral no primeiro ou último elemento do SN sujeito* e (vi) *neutralização*.

Conforme já sinalizamos, uma vez assumidas as possíveis influências da *presença ou ausência de marcas plurais nos elementos do SN (sujeito)* sobre a variação na CV com a 3PP, o que marca a variável *paralelismo oracional*, tem-se observado também a atuação da *presença ou ausência de marcas padrões de concordância nos verbos* sobre a manutenção ou perda de tais marcas nos verbos seguintes, dentro de construções seriadas, o que abre espaço para o trabalho com a variável *paralelismo no nível discursivo*.

Com isso, as premissas que frequentemente têm sido sustentadas, dentro do modelo de análise que assumimos aqui, são as de que: (i) *verbo precedido de verbo com marcas formais de plural explícito* influencia a presença de marcas plurais nos verbos seguintes, dentro de construções seriadas como em: os vizinho pegarU e perguntarU pra mim...<sup>18</sup>; (ii) *verbo isolado ou primeiro de uma série* como em: os meninos são muito danados<sup>19</sup> tendem a favorecer o uso da concordância padrão e (iii) *Verbo precedido de verbo com marcas zero de plural* como em: eles passava e dizia “esse aí não esse aí é filho do R.”<sup>20</sup> tendem a favorecer o uso da CV.

Tendo em vista os pontos que discutimos aqui acerca dos fatores linguísticos que interferem no uso ou queda da CV com a 3PP, podemos, portanto concluir que, a variável *saliência fônica* tem indicado que quanto mais saliente for a diferença entre formas verbais no singular e plural, maiores as chances de haver o uso da CV. Em sentido oposto, formas menos

<sup>18</sup> NORPOFOR, Inq. 06.

<sup>19</sup> NORPOFOR, Inq. 09.

<sup>20</sup> NORPOFOR, Inq. 20.

salientes não têm se mostrado aliadas ao uso da CV (ANJOS, 1999; MONGUILHOTT, 2001, 2009; PEREIRA, 2004).

Para a variável *traço semântico do sujeito* vimos que o traço [+humano] tem favorecido o emprego da CV, ao contrário do traço [-humano] (ANJOS, 1999; SCHERRE; NARO, 2000; MONGUILHOTT, 2009; SGARBI, 2006). De igual modo, os diferentes tipos de sujeito, geralmente testados com a variável *tipo estrutural ou morfológico do sujeito*, também têm se mostrado importantes para o comportamento variável da CV com a 3PP. Assim, fatores como *pronome pessoal, sujeito desinencial, pronome indefinido e SN-pleno comp. c/núcleo adj. no plural* têm favorecido o uso das marcas de CV. Enquanto que fatores como *SN-pleno simples, pronome relativo, quantificador, SN-pleno comp. c/núcleo adj. no singular, pronome demonstrativo e SN-pleno nu* não têm se revelado aliados ao emprego da CV com a 3PP, tal como nos mostra o estudo de Rubio (2008).

No que tange à variável *posição e distância entre verbo-sujeito*, verificamos que tanto a posição do sujeito como a distância do sujeito interfere no uso da CV com a 3PP. Para a *posição*, vimos que o *sujeito anteposto* ao verbo tende a favorecer o emprego das marcas de CV, enquanto que o *sujeito posposto* ao verbo não tem se mostrado aliado ao uso da referida regra. No que se refere ao fator *distância*, vimos também que a maior proximidade entre verbo-sujeito tende a favorecer o uso da CV, ao passo que o maior distanciamento entre esses elementos não se mostra aliado ao uso da CV (ANJOS, 1999; SGARBI, 2006; MONGUILHOTT, 2009).

Além disso, observamos também que a variável *paralelismo formal no nível oracional* tem indicado que a presença de marcas plurais nos elementos do SN (sujeito) tende a favorecer a presença de marcas plurais também no verbo, aliando-se, assim, ao uso da variante padrão, para a concordância entre verbo-sujeito na 3PP. Em sentido oposto, a ausência de marcas plurais nos elementos que compõem o SN (sujeito) tende a conduzir a ausência de marcas plurais no verbo, favorecendo, desse modo, o uso da variante não-padrão (POPLACK, 1980; SCHERRE; NARO, 1991; ANJOS, 1999).

De igual modo, a variável *paralelismos formal no nível discursivo* tem apontado que a ausência de marcas de pluralidade no verbo tende a conduzir à ausência de marcas plurais em outros verbos – quando numa construção seriada – favorecendo, com isso, o uso da CV. Por outro lado, a presença de marcas plurais no verbo tende a favorecer o uso de marcas plurais nos verbos seguintes de uma construção seriada, assim, o uso da variante sem marcas de CV é favorecida (POPLACK, 1980; SCHERRE; NARO, 1991; ANJOS, 1999).

Com essas breves considerações, enceramos, neste capítulo, as discussões em torno das influências de fatores linguísticos sobre a variação na CV com a 3PP, já apontadas por outros estudiosos desse fenômeno. Lembramos que, no capítulo dedicado a nossa metodologia, tornamos a abordar muitas das questões aqui tratadas, com o intuito de embasar nossas expectativas para o comportamento das variáveis linguísticas *saliência fônica*, *traço semântico do sujeito*, *tipo estrutural do sujeito*, *posição e distância entre verbo-sujeito*, *paralelismo formal no nível oracional* e *paralelismo formal no nível discursivo*, testadas também neste estudo. Posto isso, passamos, na seção seguinte, a discutir algumas das questões que têm marcado a atuação de fatores sociais ou extralinguísticos sobre a variação na CV com a 3PP, em diferentes variedades do PB.

### 3.2 FATORES SOCIAIS

Conforme discutimos no capítulo 2, não interessa à Sociolinguística variacionista observar apenas a atuação de fatores inerentes ao sistema, isto é, fatores linguísticos, sobre os fenômenos de variação e mudança linguística. Também faz parte dos objetivos dessa perspectiva, investigar como fatores externos à língua, também chamados de fatores extralinguísticos, ora relacionados à identidade social do falante, ora “às circunstâncias que envolvem o falante ou o evento de fala” (RUBIO, 2008, p.54) atuam sobre os inúmeros fenômenos variáveis que podem ser observados nas línguas naturais. É, pois, a partir da observação rigorosa da correlação entre fatores linguísticos e sociais que os estudiosos vinculados a essa vertente buscam oferecer um retrato apurado dos mecanismos que atuam de modo favorável ou desfavorável sobre o uso das variantes em determinados fenômenos de variação e mudança na língua.

A partir disso, podemos tomar como fatores ligados ao perfil social dos falantes, o *sexo/gênero*, a *faixa etária*, o *grau de escolaridade*, o *status sócio-econômico* etc. Já, dentre os fatores relacionados às situações de interação, temos, por exemplo, o *grau de formalidade* e *informalidade* que as envolve. Para a sociolinguística variacionista, esses itens podem exercer pressão sobre o comportamento linguístico dos falantes, fazendo, por exemplo, com que, em situações formais, eles recorram mais às formas próximas do padrão normativo enquanto que, em situações informais, a tendência é a de que haja a diminuição dos usos de formas padronizadas (FARACO, 2007; CAMACHO, 2013; MARTINS; VIEIRA; TAVARES, 2014; BORTONI-RICARDO; ROCHA, 2014).

Obviamente, os graus de formalidade e informalidade que marcam uma ou outra situação de interação verbal são apenas alguns dos pontos que podem influenciar o comportamento linguístico dos falantes. Afinal, além desses dois fatores, a situação comunicativa é permeada por uma série de outros elementos que também costumam atuar sobre as opções linguísticas do falante, a saber: a identidade social do receptor, suas expectativas, bem como os objetivos do locutor, dentre outros.

Além dos fatores ligados às situações de interação, sabemos também que não é difícil perceber que a distância entre os espaços geográficos pode ser refletida nos modos como o falante faz uso de determinados fenômenos linguísticos. Em outros termos, mesmo análises superficiais permitem constatar que diferentes regiões geográficas apresentam particularidades linguísticas, que são devidamente refletidas no comportamento dos falantes. Tais diferenças podem ser sentidas em praticamente todos os níveis do sistema: morfológico, fonético-fonológico, sintático, semântico, lexical etc. (MOLLICA, 2012).

Ao lado dos fatores externos ligados ao sistema, o *gênero/sexo*, a *faixa etária*, *escolarização*, *status sócio-econômico*, ou seja, fatores inerentes ao perfil social dos falantes, conforme já sinalizamos, também figuram como ferramentas importantes para a compreensão dos fenômenos de variação e mudança linguística. Isso porque a estratificação dos falantes, segundo esses fatores, reflete diferenciações nas funções que desempenham nas sociedades em que vivem. Em outras palavras, dentro das sociedades organizadas, os sujeitos estabelecem entre si complexas relações nas quais desempenham papéis e são colocados em escalas sociais distintas, o que nos leva a crer que tais diferenciações também irão se refletir ou ‘pressionar’ o modo como eles usam a língua.

Diante dessas assertivas, Labov (2006) aponta que os indivíduos do sexo feminino, diante de fenômenos de variação e mudança, com muita ou pouca consciência social, tendem a usar mais formas inovadoras do que os homens, desde que elas sejam mais bem avaliadas socialmente. De igual modo, as mulheres tendem a se mostrar mais conformadas do que os homens com as normas sociolinguísticas que são explicitamente prescritas e menos receptivas do que falantes do sexo masculino às formas que não são explicitamente prescritas. Tais proposições têm, portanto, levado os estudiosos a sinalizarem uma correlação entre as escolhas linguísticas feitas por mulheres e o prestígio social das formas em disputa, dentro de um processo de variação e mudança linguística.

Assim, temos visto que falantes do sexo feminino tendem a usar, com maior frequência, formas de maior prestígio dentro de suas respectivas comunidades de fala. Por outro lado, falantes do sexo masculino tem se mostrado mais receptíveis ao uso de formas não

padronizadas ou desprestigiadas, desde que sejam orientados pelas normas da comunidade linguística a qual pertencem (CHAMBERS, 2001).

Trazendo as discussões em torno da variável *sexo/gênero* para o contexto das pesquisas sobre a variação na CV com a 3PP, vemos que outros estudiosos que já observaram esse fenômeno, levando em consideração o sexo como fator constituinte do perfil social do falante, buscaram verificar como, e em que medidas, mulheres e homens se comportam frente a esse fenômeno marcado socialmente. Assim, no já citado estudo sobre a variação na CV com a 3PP, nos falares de 30 municípios do Estado do Mato Grosso do Sul, Sgarbi (2006) testou a influência do fator *sexo*<sup>21</sup> sobre o referido fenômeno, partindo das hipóteses mencionadas anteriormente, ou seja, pressupondo que a variante prestigiada (com marcas de CV) tende a ser usada mais por mulheres do que a variante não prestigiada (sem marcas de CV).

As análises realizadas por Sgarbi (2006) indicaram que, de fato, as mulheres das comunidades estudadas se mostraram bem mais sensíveis ao uso da variante com marcas de CV do que os homens, pois, para as informantes do sexo feminino, o percentual de uso da variante com marcas de CV foi igual a 74% e PR de 0.75, enquanto que os homens atingiram 28% das ocorrências, equivalente a 0.30 de PR, não se mostrando, assim, propensos ao uso da variante padrão com marcas de CV.

Assim como a variável *sexo/gênero*, a *faixa etária* também figura como importante item para a observação da atuação de fatores ligados ao perfil social dos falantes sobre fenômenos de variação e mudança linguística. Afinal, não é difícil perceber que quanto maior for a diferença entre as faixas etárias dos falantes, maior a tendência de eles apresentarem traços distintivos em seus comportamentos linguísticos, ou seja, “quanto maior a diferença de idade, maior a probabilidade de encontramos diferenças na forma de falar de duas pessoas” (CHAGAS, 2014, p. 141).

Dotada de extrema complexidade, a variável faixa etária tem sido importante fator para a observação dos fenômenos de variação e mudança linguística no quadro das propostas da Sociolinguística variacionista. Através desse fator, os sociovariacionistas têm buscado observar as possíveis direções tomadas por fenômenos de variação e mudança, visto que com base na faixa etária é possível identificar para os fenômenos de variação e mudança “duas direções básicas: a relação de estabilidade entre variantes linguísticas – ou a existência de mudanças na língua” (SILVA; PAIVA, 1996, p. 350).

---

<sup>21</sup> A autora faz uso apenas do termo *sexo*.

De acordo com Eckert (1997), o aumento da idade tende a gerar um maior conservadorismo quanto ao uso das formas variantes. Com isso, falantes mais velhos tendem a usar, com menor frequência, variantes tidas como não-padrão ou inovadoras, mostrando-se, assim, mais resistentes à mudança. Em sentido contrário, falantes mais jovens aparentam ser mais sensíveis ao uso de formas mais inovadoras e, portanto, mais receptíveis aos processos de variação e mudança linguística.

Em seu conhecido estudo sobre a variação na pronúncia do /r/ retroflexo, em posição pós-vocálica, como em *car*, *card*, *four*, *fourth*<sup>22</sup> (carro, cartão, quarto, quatro, respectivamente), nas cidades de Nova York e em Matha's Vineyard, no estado de Massachussets, Labov (2008) atestou que os falantes dessas comunidades apresentaram comportamentos notavelmente diferenciados, segundo a influência de suas respectivas faixas etárias. De forma mais específica, viu-se que os falantes mais jovens, considerados em sua amostra, mostraram-se mais propícios ao uso da forma inovadora, ao passo que falantes mais velhos atuaram no sentido de conservar a forma padrão.

Para o fenômeno de variação na CV com a 3PP, a faixa etária tem se revelado um ponto da estratificação social dos falantes para a observação da CV com a 3PP. Assim, estudos como o de Anjos (1999), sobre o falar de João Pessoa – PA, indicam que, ao contrário das expectativas da autora, falantes com 15-25 anos favorecem o uso da CV (64% e PR. 0.57). Por outro lado, falantes com 26-49 anos (46% e 0.42), bem como informantes com mais de 50 anos (52% e PR. 0.49) não se mostraram propensos ao uso da variante com marcas de CV e, portanto, tida como conservadora.

Ainda sobre a atuação da faixa etária sobre o comportamento variável da CV com a 3PP, também é interessante observar os resultados obtidos por Monguilhott (2009) para a fala de Florianópolis – SC. Em seu estudo, a autora dividiu os falantes, segundo a faixa etária em quatro grupos: falantes jovens/ ensino fundamental; falantes jovens/ensino superior; falantes velhos/ ensino fundamental e falantes velhos/ ensino superior.

Em Monguilhott (2009), as análises apontaram que falantes jovens/ensino fundamental realizaram a CV quase que sem notáveis distinções do comportamento de falantes velhos/ensino fundamental. Para os primeiros, a frequência de uso para a variante com marcas de CV é de 72% e PR igual a 0.32. Já, para os segundos, os índices de CV atingiram 67% e PR de 0.28. Nos grupos dos falantes jovens/ensino superior e velhos/ensino superior, os índices, em termos de percentagens, mostraram-se praticamente os mesmos, com

---

<sup>22</sup> Ilustrações retiradas de Labov (2008 [1972], p.64).

89% de CV, para os jovens/ensino superior e 88%, para os velhos/ensino superior. Já os resultados para os pesos relativos foram bem mais diferenciados, pois os falantes jovens/ensino superior atingiram 0.74 de PR, enquanto que os falantes velhos/ensino superior atingiram 0.54 de PR.

Com isso, vemos que, ao contrário do esperado pela autora, os falantes mais jovens, tanto com ensino superior quanto com fundamental, mostraram-se mais conservadores. Sendo os falantes jovens/ensino superior os grandes favorecedores da CV.

É notável, na metodologia empregada por Moguilhott (2009), a preocupação em observar a variável *faixa etária* associada diretamente a outros fatores, mais especificamente, aos níveis de escolaridade possuídos por seus informantes. Tais preocupações podem ser justificadas, ao menos em parte, pelo fato de que, embora tenhamos discutido as variáveis sociais quase que dissociadas umas das outras, é de suma importância frisar que elas atuam em conjunto e nunca separadamente. A esse respeito, Naro (2012, p. 81) nos diz que:

[...] as mudanças linguísticas normalmente se processam de maneira gradual em várias dimensões. Nos eixos sociais, por exemplo, os falantes mais velhos costumam preservar as formas antigas, o que pode acontecer também com as pessoas mais escolarizadas, ou das camadas da população que gozam de maior prestígio social, ou ainda de grupos sociais que sofrem pressão social normalizadora, a exemplo do sexo feminino de maneira geral, ou das pessoas que exerçam atividades sócio-econômicas que exigem uma boa apresentação para o público.

As palavras de Naro (2012) confirmam o que indicamos acima, isto é, que em um processo de variação e mudança linguística, os fatores internos e externos ao sistema se entrecruzam e, de forma conjunta, atuam sobre a manutenção ou queda de uma dada variante linguística. Para ilustrar o que estamos afirmando, recorreremos novamente aos resultados obtidos por Monguilhott (2009), comentados nos parágrafos anteriores. Com eles, destacamos a atuação da *faixa etária* sobre a preservação ou não da CV com a 3PP. Com o cita estudo, foi possível perceber que a faixa etária mantém notórias relações com os níveis de escolaridade dos falantes.

Assim, vimos que não foi apenas a diminuição da idade – jovens ou velhos – dos falantes que favoreceu a CV, mas também o aumento dos níveis de escolaridade dos informantes – fundamental e superior. Partindo dessas observações, convém mencionar ainda que diferenças nos níveis de escolaridade possuídos pelos falantes também se mostram relevantes para o estudo de diversos fenômenos de variação e mudança linguística.

Sobre a escolarização dos falantes, parece consenso, dentre os estudiosos, a ideia de que a escola tende a moldar o comportamento dos indivíduos que a frequentam, aproximando-o cada vez do padrão normativo. No caso da queda de CV com a 3PP, sabemos que esse “é um dos tópicos gramaticais que os professores de Língua Portuguesa, de um modo geral, mais se empenham em corrigir nos seus alunos” (MONTE, 2007, p.13). Tais esforços vêm sendo revelados nos resultados obtidos por muitos estudos sobre o fenômeno em tela, a exemplo da pesquisa de Monguilhott (2009), comentada anteriormente e que quanto mais altos os níveis de escolaridade possuídos pelos falantes, maiores os índices de uso de CV.

Para assegurar ainda mais o que estamos discutindo acerca do papel da variável escolaridade, observemos também os resultados obtidos para a escolaridade no estudo de Anjos (1990) e Monte (2007) para a variação na CV com a 3PP. A pesquisa de Anjos (1999) trata do falar de João Pessoa – PB, com dados extraídos do *Projeto Variação Linguística do Estado da Paraíba – VALPB* (HORA, 1993). Os informantes de sua pesquisa foram estratificados, segundo a escolarização, em: nível I (sem escolaridade); II (primeiro ciclo do Ensino Fundamental); III (Fundamental completo); IV (Ensino Médio) e V (Ensino Superior). No referido estudo, a escolarização foi o primeiro fator selecionado pelo VARBRUL.

Com base nos dados fornecidos pelo programa, foi apontado que falantes sem escolarização formal não favorecem o uso de marcas de CV com a 3PP (30% PR. 0.26). Para o segundo subgrupo, a percentagem, em função do uso da mesma variante, foi de 35% com PR de 0.34, o que também indica que esse grupo não favorece o uso da regra em estudo por Anjos (1999). Nos terceiro e quarto níveis, os percentuais para a aplicação das regras de CV foram de 55% e 68% e pesos 0.50 e 0.63, respectivamente. Enquanto que os índices de uso para a queda das marcas de CV atingidos por falantes do quinto grupo foram de 74% e PR de 0.69.

Tais resultados indicam, portanto, que são os falantes com ensino médio (PR.0.63) e superior (PR. 0.69) que favorecem o uso da CV na amostra de Anjos (1999). Além disso, é possível perceber uma tendência quanto ao emprego da CV em função da variável escolaridade na comunidade de fala de João Pessoa - PB. Ou seja, quanto mais anos de escolaridade o falante possuir, maiores as chances de ele fazer uso da forma apontada como padrão, pela tradição escolar. Em sentido oposto, um menor contato com o ambiente escolar tende a desfavorecer a manutenção da forma consagrada pela escola. E, embora o grupo dos informantes com o ensino fundamental completo tenha se mostrado neutro com PR de 0.50 diante do uso da CV, os resultados de Anjos (1999) apontam uma clara gradação no aumento da variante com marcas de CV em conformidade com o aumento dos anos de

escolaridade dos falantes. Vale mencionar que essas eram as hipóteses iniciais levantadas pela autora.

Em Monte (2007), o fenômeno de variação na CV com a 3PP foi observado em uma comunidade periférica de São Carlos – SP, a partir de dados coletados em 20 entrevistas sociolinguísticas, elaboradas pelo estudioso. Seus informantes eram homens e mulheres da comunidade que possuíam *escolaridade nula* ou cursavam o *ensino fundamental pelo EJA* além de serem oriundos das regiões Norte e Sul/Sudeste da localidade em estudo. A variável escolaridade, em conformidade com o que era esperado pelo autor, apontou que os falantes não escolarizados tendem a não favorecer o uso da CV (19% e PR de 0.40). Por outro lado, os falantes escolarizados pelo EJA (31% e PR igual a 0.60) mostraram-se aliados ao uso da CV. Para o estudioso, tais resultados indicam que “a escolarização, mesmo supletiva, influencia o fenômeno variável de concordância verbal” (MONTE, 2007, p. 98).

Com as discussões estabelecidas nesta seção, para a atuação dos fatores sociais ou extralinguísticos sobre a variação na CV com a 3PP, estabelecida com base em diferentes variedades do PB, vimos que fatores inerentes ao perfil social dos falantes como *sexo/gênero*, *faixa etária* e *escolaridade* têm se revelado de suma importância para a sua compreensão.

Assim, vimos que para o fator *sexo/gênero* a premissa com a qual os sociolinguistas têm trabalhado assume que informantes do *sexo/gênero* feminino tendem a se mostrar mais conservadoras em suas escolhas linguísticas, tendendo, assim, a favorecer o uso de formas padronizadas e geralmente prestigiadas nas comunidades linguísticas em que vivem (CHAMBERS, 2001; LABOV, 2006). No caso da variação na CV com a 3PP, vimos que as mulheres têm se mostrado favoráveis ao uso da CV, ao contrário dos falantes do *sexo/gênero* masculino (SGARBI, 2006).

No que tange à atuação da variável *faixa etária*, observamos que as discussões acerca da influência de tal variável sugerem que falantes mais velhos tendem a se mostrar mais conservadores em seu comportamento linguístico, tendendo, portanto, a favorecer o emprego de variantes padronizadas (ECKERT, 1996; LABOV, 2008). Contudo, no trato da variação com a CV na 3PP, em diferentes variedades de fala do PB, temos visto que falantes mais jovens, ao contrário do esperado, tem se mostrado favorecedores do uso da CV, ao contrário de falantes mais velhos (ANJOS, 1999; MONGUILHOTT, 2009).

Assim como o *sexo/gênero* e a *faixa etária*, a variável *escolaridade* também tem se mostrado pertinente para a compreensão da variação na CV com a 3PP no falar brasileiro. Em linhas gerais, vimos que a maior escolarização tende a aproximar o falante do modelo de língua preservado nos grandes bancos escolares. Nesse sentido, estudos realizados à luz da

Sociolinguística variacionista têm indicado que, no que se refere ao fenômeno investigado por nós, o maior contato com ensino padronizado de língua têm favorecido o uso da CV, ao contrário de níveis menos elevados de escolaridade (ANJOS, 1999; MONTE, 2007; RUBIO, 2008; MONGUILHOTT, 2009).

Com essas considerações, bem como com as demais discussões estabelecidas neste capítulo, concluímos que tanto fatores linguísticos como sociais ou extralinguísticos possuem, um papel crucial para a compreensão dos fenômenos de variação e mudança linguística, tal como a Sociolinguística variacionista vem indicando há pouco mais de seis décadas. Tempo esse que, se comparado com o percurso de outras vertentes de estudos do fenômeno linguístico, pode parecer curto, e, de fato o é. Contudo, os esforços dos muitos pesquisadores comprometidos com a pesquisa variacionista têm proporcionado à nossa ciência inúmeros avanços e lançado luz a muitas questões para as quais durante muito tempo, pareceu não haver possibilidade de análises satisfatórias, a saber, a possibilidade mesmo de observar sistematicamente os fenômenos da variação e mudança linguística.

Colocamos, por último, que assim como para as discussões em torno da atuação das variáveis linguísticas já apontadas como pertinentes para a variação na CV com a 3PP, discutidas na seção 3.1.1, deste capítulo, retomaremos, em nossa metodologia, muitas das questões tratadas neste capítulo, para a atuação dos fatores sociais ou extralinguísticos. Afinal, tais discussões alimentaram as hipóteses que lançamos para o comportamento dos fatores extralinguísticos *sexo/gênero, faixa etária e escolaridade*, controlados neste estudo.

## 4 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentamos, detalhadamente, os procedimentos metodológicos percorridos, bem como os instrumentos utilizados para a realização de nosso estudo, que tem seus alicerces fundados na Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008), amplamente adotada para a observação de fenômenos variáveis (ARAÚJO, 2007).

### 4.1 TIPO DE PESQUISA

Esta pesquisa foi desenvolvida nos moldes da Teoria da Variação e Mudança Linguística, também denominada de Sociolinguística quantitativa ou variacionista. Tais designações se justificam pelo fato de que estudos desta natureza exigem o trabalho com uma grande quantidade de dados provenientes de linguagem em uso, o que pode ser obtido através de entrevistas sociolinguísticas. Este fato tem, portanto, reclamado análises estatísticas (TARALLO, 1985), nos levando a admitir que “em se tratando de variação, não se pode reduzir os fatos a uma questão de tudo ou nada, [assim, a Sociolinguística variacionista] opera com números e tratamento estatístico dos dados coletados” (OLIVEIRA, 2006, p. 41).

De igual modo, ao lidarmos com o modelo de análise consagrado pela Sociolinguística variacionista (LABOV, 2008), estamos trabalhando dentro de uma perspectiva que nos propicia a identificação de regras gramaticais, sempre variáveis, atuantes sobre um dado fenômeno de variação, em nosso caso específico, sobre a variação na CV com a 3PP. Tal fenômeno é tido como variável no sentido de que o favorecimento ou não de uma ou outra forma variante “dependerá de motivações linguísticas e extralinguísticas adequadas à aplicação de uma determinada regra. Por isso, pode-se dizer que é um sistema linguístico de probabilidades” (RODRIGUES, 2013, p. 54).

De acordo com Naro (2012, p. 16), “o problema central que se coloca para a Teoria da Variação e Mudança Linguística é a avaliação do *quantum* com que cada categoria postulada contribui para a realização de uma ou de outra variante das formas em competição”. Com isso, a utilização de ferramentas estatísticas fornecidas por programas computacionais – sobre os quais tornaremos a falar mais adiante – tem sido de grande valia para os sociovariacionistas. Neste estudo, adotamos o pacote de programas computacionais conhecido

como GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) que será melhor tratado na seção 4.8.

No que tange à necessidade de realizarmos análises quantitativas, ao observarmos a linguagem em uso, convém acrescentar as palavras de Guy e Zilles (2007, p. 73):

A realização de análises quantitativas possibilita o estudo da variação linguística, permitindo ao pesquisador apreender sua sistematicidade, seu encaixamento linguístico e social e sua eventual relação com a mudança linguística. A variação linguística, entendida como alternância entre dois ou mais elementos linguísticos, por sua própria natureza, não pode ser adequadamente descrita e analisada em termos categóricos ou estritamente qualitativos.

É fato conhecido que antes do advento da metodologia quantitativa com a Sociolinguística variacionista (LABOV, 2008) no cenário dos estudos da linguagem, o caráter variável de alguns mecanismos linguísticos foi exaustivamente tomado como um fator secundário, quando não caótico, aleatório e, portanto, impossível de ser sistematizado (CAMACHO, 2013). A esse respeito, Guy e Zilles (2007, p. 73) atentam para o fato de que “o uso de métodos estatísticos, contudo, tem permitido demonstrar o quão central a variação pode ser para o entendimento de questões como identidade, solidariedade ao grupo local, comunidade de fala, prestígio e estigma, entre tantas outras”.

Desse modo, por se tratar de uma pesquisa sociovariacionista, buscamos observar o peso com que fatores internos e/ou externos ao sistema atuam, principalmente, sobre o uso da variante sem marcas de CV com a 3PP no falar popular de Fortaleza – CE e, com isso, apontar suas regularidades. A respeito de poder, com tal perspectiva, obter uma visão não apenas da atuação de fatores inerentes ao sistema, mas também de externos a ele, destacamos ainda as palavras de Guy e Zilles (2007, p. 19):

Um dos atrativos – e um dos desafios – da pesquisa dialetal é ter a visão do deus Jano sobre os problemas da linguagem humana, simultaneamente olhando, de um lado, para a organização das formas linguísticas, e, de outro para a sua significância social. Essa dualidade de foco é um dos encantos da pesquisa dialetal [...], mas é também a fonte de certos problemas metodológicos fundamentais para a área.

A primeira dificuldade a que se referem os autores diz respeito à necessidade de coletarmos, conforme já pontuamos, uma grande quantidade de bons dados provenientes do comportamento espontâneo de muitos indivíduos em suas respectivas comunidades de fala. Em seguida, é preciso atentar para o manuseio e apresentação dos dados. Exige-se também,

que apresentemos uma interpretação e inferência adequada dos resultados obtidos, afinal, embora se trate de uma pesquisa com recorrência a dados percentuais e estatísticos para explicação dos resultados obtidos, não interessa à Sociolinguística apenas a apresentação de gráficos e tabelas. Diante disso, os dados numéricos devem ser relacionados ao perfil sócio-cultural do informante e é nele que muitas explicações para os dados estatísticos podem ser obtidas.

Além desses pontos, Naro (2012) destaca outros desafios para a pesquisa sociovariacionista, como a complexa tarefa de isolar e testar o efeito com que cada fator linguístico ou externo ao sistema atua sobre uma dada variante linguística. Afinal, “no uso real da língua, que constitui o dado do linguista, seja na forma falada ou na forma escrita, tais categorias se apresentam sempre conjugadas; na prática, a operação de uma regra variável é sempre o efeito da atuação simultânea de vários fatores (NARO, 2012, p. 16-17).

Neste sentido, vemos que, no caso da CV na língua portuguesa, a categoria morfológica do sujeito, por exemplo, atua sempre em conformidade com sua categoria posicional. Com isso, sempre que temos um dado tipo de sujeito (nome, pronome, sujeito oculto, explícito etc), temos também uma posição específica para ele, no caso de nossa língua, o sujeito pode aparecer posposto ou anteposto ao verbo (NARO, 2012). Contudo, mesmo diante da evidente e inquebrável interação entre as categorias testadas pelo pesquisador, as análises estatísticas com as quais se opera na pesquisa variacionista nos permitem observar não só as relações entre elas, mas também o peso com que cada uma – desde que apontada como relevante – interfere sobre um dado fenômeno variável.

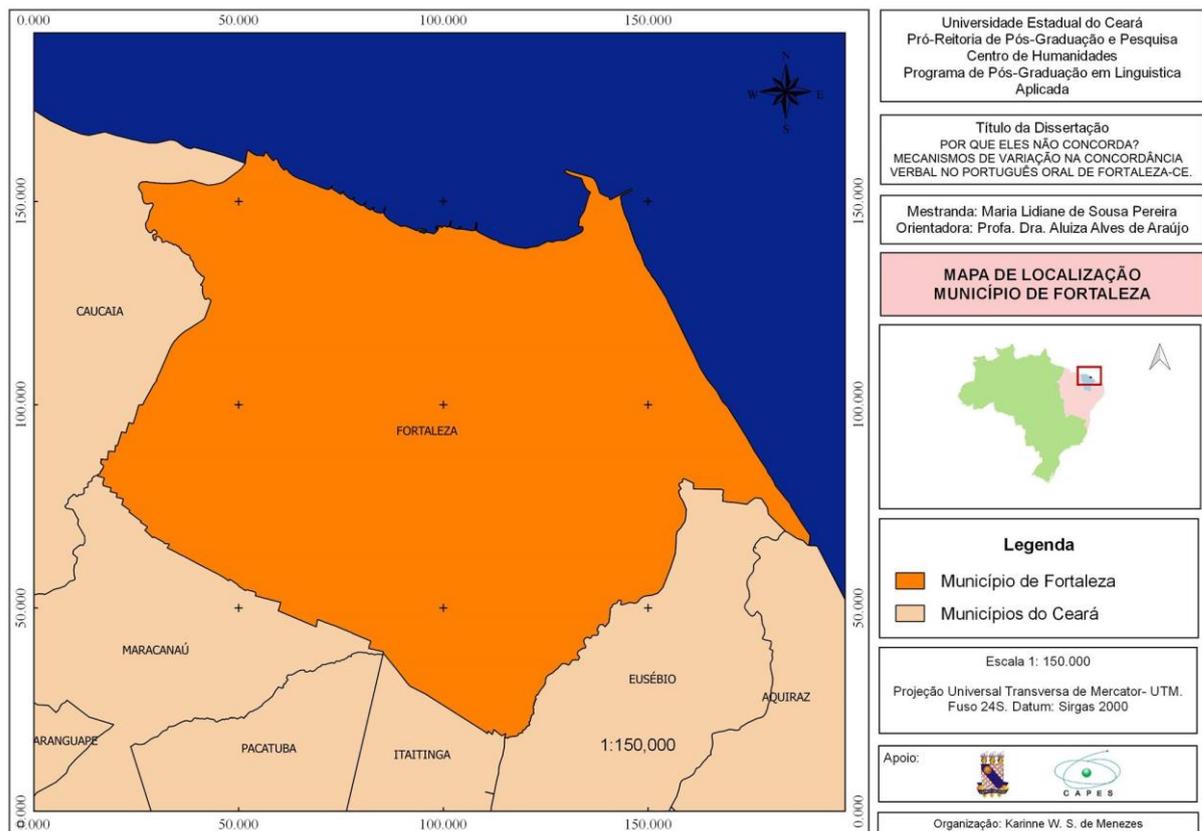
Interessante pontuar que, dentro dos princípios fundamentais dos estudos científicos, mais precisamente, a partir dos moldes e interesses das pesquisas quantitativas e qualitativas, nosso estudo se situa não apenas no âmbito das primeiras, mas também o vemos como descritivo.

Nesta seção, delineamos alguns dos pontos que assinalam o tipo de pesquisa realizada neste trabalho. Já a seção seguinte é dedicada à discussão de alguns aspectos históricos, geográficos da comunidade de fala selecionada para este estudo, isto é, Fortaleza – CE. Procuramos, na medida do possível, redimensionar as características históricas e geográficas ao momento em que o NORPOFOR foi construído, ou seja, entre agosto de 2003 a julho de 2006 (ARAÚJO, 2007).

## 4.2 A COMUNIDADE DE FALA DE FORTALEZA – CE

No capítulo dois desta dissertação, ao discutirmos alguns dos aspectos que caracterizam as propostas da sociolinguística variacionista, vimos que um dos pressupostos essenciais da referida vertente é a observação da língua em uso. Desse modo, os dados para a pesquisa sociolinguística devem ser provenientes do comportamento linguísticos de sujeitos reais, inseridos em situações reais de interação verbal. Tais falantes ou informantes, por sua vez, sempre integram uma determinada comunidade de fala. Atendendo a tais exigências, selecionamos, para o nosso estudo, a comunidade de fala de Fortaleza, capital do estado do Ceará, conforme a figura 1:

**Figura 1- Mapa de localização do Município de Fortaleza – CE**



Fonte: Elaborado por Karinne Menezes, à pedido da autora.

Situada à aproximadamente 2.285 km de Brasília – DF, Fortaleza se tornou, ao longo de seus quase 300 anos de existência, uma das maiores metrópoles brasileiras. De

acordo com os dados do IBGE 2015<sup>23</sup>, a região metropolitana de Fortaleza – CE conta hoje com cerca de 4.019.213 habitantes. Considerada a sexta capital mais populosa do Brasil e a mais populosa do Ceará, Fortaleza é também a metrópole mais dinâmica em termos de população no país, visto que apresenta hoje a maior densidade demográfica com 7, 786, 4 hab/km<sup>2</sup>.

Banhada pelo Atlântico e com cerca de 34 quilômetros de extensão de litoral, Fortaleza foi elevada à condição de vila em 1726. Ao longo, principalmente, dos séculos XVIII e XIX passou por inúmeras transformações geográficas, econômicas, políticas, culturais, dentre outras, que “[...] em tão pouco tempo modificaram o perfil da capital” (PONTE, 2007, p. 162). No ano de 1860, teve início a remodelação sócio-urbana de Fortaleza, que se estendeu até as primeiras décadas do século XX. De acordo com Ponte (2007, p. 163, grifos no original), “esse processo significou a inserção da capital cearense no contexto da *belle époque* (belos tempos), termo francês cunhado para traduzir a euforia europeia com as novidades extasiantes decorrentes da revolução científico-tecnológica (1850-1870 em diante)”.

Com isso, eclodiu em Fortaleza e em outras cidades brasileiras, um desejo de transformação guiado por uma série de discursos, projetos, medidas que encobriam as cidades brasileiras em uma espécie de ‘projeto civilizatório’, que tomava como base os padrões europeus, em particular, os parisienses. Tais projetos eram patrocinados, em especial, pelas elites econômicas, políticas e intelectuais (PONTE, 2007). A esse respeito, ver figura 2:

---

<sup>23</sup> Tais informações podem ser consultadas na íntegra através do endereço: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2015/>>.

**Figura 2 - Jardim 7 de Setembro na Praça do Ferreira (Cartão colonizado do Século XX)**



Fonte: Site Fortaleza Bela.

A partir da década de 1840, Fortaleza passou a experimentar um período rico no setor de exportação algodoeira, o que impulsionou enormemente seu crescimento econômico. A partir disso, a capital cearense foi se encaminhando para aquilo que seria sua transformação em principal “centro urbano, econômico, financeiro e social do Ceará, sobrepujando Aracati que, desde o século XVIII, ostentava essa condição” (PONTE, 2007, p. 163).

A explosão da exportação de algodão, bem como aos sucessivos processos de modernização pelos quais passou Fortaleza, culminaram no alarmante crescimento da capital cearense. Grande parte desse crescimento é entendido também como resultado de inúmeros e intensos processos de migração, pois Fortaleza sempre foi um dos principais endereços de populações rurais e/ou pertencentes a regiões do interior nordestino. A esse respeito, Sousa (2009, p. 16) aponta que, até os dias de hoje, “a ausência de dinamismo dos núcleos urbanos do interior do Estado, incapazes de atrair a população migrante do campo, tem contribuído para intensificar a migração para Fortaleza”.

No período em que o NORPOFOR foi constituído, Fortaleza já apontava a maior densidade demográfica do Brasil e possuía mais de dois milhões de habitantes. De forma mais precisa, no senso do IBGE 2000<sup>24</sup>, constava cerca de 2.141.402 milhões de habitantes. Esses

<sup>24</sup> As referentes estimativas podem ser consultadas no endereço: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/>.

números, se comparados com os atuais, indicam claramente um notável crescimento populacional nos últimos 10 anos e, principalmente em relação à décadas mais distantes como, por exemplo, a década de 1970, para a qual as estimativas eram de 1.100,00 de habitantes (SOUZA, 2009).

Naturalmente, o acelerado crescimento pelo qual passou e passa a capital cearense, desde que foi elevada ao *status* de vila, acarreta profundas implicações tanto sociais como econômicas. Neste sentido, Fortaleza vem “exigindo mais investimentos em infraestrutura social e mais oportunidades de emprego” (SOUZA, 2009, p. 16). Contudo, “[...] as novas oportunidades de trabalho estão longe de atender a grande faixa de população em idade produtiva” (SOUZA, 2009, p. 18).

Se, em meados do século XVII, Fortaleza era tida como vila, hoje, conforme estamos apontando, figura como uma das maiores metrópoles brasileiras. Seus milhões de habitantes estão distribuídos em 119 bairros, ao longo de sete Secretarias Executivas Regionais, as quais fazem parte de um processo cujo objetivo é descentralizar a administração da cidade. Para que possamos visualizar melhor tal estimativa, observemos a figura 3:

**Figura 3 - Mapa das regionais de Fortaleza – CE**



Fonte: Governo do Estado do Ceará.

Feitas algumas considerações sobre aspectos históricos e geográficos de Fortaleza – CE, passamos, na seção seguinte, a abordar os principais pontos referentes aos informantes e à amostra de fala, a partir dos quais realizamos este estudo.

#### 4.3 A AMOSTRA E OS INFORMANTES

Desde a década de 1970, bancos de dados sociolinguísticos são construídos no Brasil. Seja com base na linguagem tida como culta<sup>25</sup> ou popular das diferentes regiões do nosso país e, não raro, apresentando configurações notavelmente distintas, todos aparentam ter um objetivo em comum, isto é, servir como fonte para a observação do comportamento linguístico dos brasileiros em situações reais de interação (FREITAG, 2014).

De fato, a existência de bancos de dados sociolinguísticos figura como ferramenta preciosa diante da tentativa de alcançar objetivos constantemente perseguidos pelos sociolinguistas. Um dos maiores é, a nosso ver, fornecer um retrato apurado das mais variadas realidades linguísticas do nosso país.

O desejo de apresentar estudos através dos quais é possível obter uma visão mais apurada da diversidade linguística brasileira pode ser percebido na obra de pesquisadores, mesmo antes do advento da sociolinguística variacionista. Esse é o caso de Amaral (1976), para o qual a realização de trabalhos descritivos seria uma ferramenta de suma importância para o conhecimento da vasta realidade linguística do Brasil, pois com eles:

Teríamos, [...] um grande número de pequenas contribuições, restritas em volumes e em pretensão, mas que na sua simplicidade modesta, escorreita e séria prestariam muito maior serviço do que certos trabalhos mais ou menos vastos, que de quando em quando se nos deparam, repositórios incongruentes de fatos recolhidos a todo preço e de generalizações e filiações quase sempre apressadas (AMARAL, 1976, p. 12).

Dentre os bancos de dados sociolinguísticos de linguagem falada já construídos em nosso país, destacamos o projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza, o NORPOFOR, adotado em nossa pesquisa. Esse *corpus* foi organizado com o intuito de “armazenar e disponibilizar material linguístico representativo do falar popular dos

---

<sup>25</sup> Dentre os bancos de linguagem tida como culta, vale mencionar o Projeto Norma Linguística Urbana Culta (NURC), iniciado ainda na década de 1970, em cinco capitais brasileiras: Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Salvador. Além do NURC, temos notícias também do projeto Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT), construído entre os anos de 1993-1995 sob a coordenação do professor Dr. José Lemos Monteiro e com apoio da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

fortalezenses” (ARAÚJO, 2007, p. 52). Sua construção ocorreu entre agosto de 2003 e julho de 2006, tendo à sua frente a professora Dra. Aluiza Alves de Araújo, em colaboração com bolsistas de Iniciação Científica, alunos voluntários e professores vinculados à Universidade Estadual do Ceará (UECE)<sup>26</sup>. Antes de o NORPOFOR ser construído, Araújo (2011b) destaca que não tínhamos um *corpus* que fosse quantitativamente representativo da variedade popular da capital cearense, muito menos “que controlasse as variáveis gênero, faixa etária, escolaridade e tipo de registro” (ARAÚJO, 2011b, p. 836).

Seguindo os princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística variacionista, o NORPOFOR comporta hoje 149 inquéritos, com os quais podemos ter acesso à fala de 198 fortalezenses, estratificados de modo, relativamente, equilibrado, conforme o gênero/sexo<sup>27</sup> (masculino e feminino), a faixa etária (I – 15 a 25 anos; II – 26 a 49 anos e III – 50 anos em diante), a escolaridade (A – 0 a 4 anos; B – 5 a 8 anos e C – 9 a 11 anos) e o tipo de inquérito: DID (Diálogo entre Informante e Documentador), EF (Elocação Formal: aulas ministradas por professores leigos, pregações ou palestras) e D2 (Diálogo entre Dois Informantes). Para melhor visualização da composição do NORPOFOR, vejamos o quadro 1:

**Quadro 1 - Distribuição dos informantes do NORPOFOR por gênero/sexo, idade, tipo de registro e escolaridade**

Registro	Gênero																	
	Masculino									Feminino								
	DID			D2			EF			DID			D2			EF		
Escolaridade	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C
I	5	4	5	4	4	5	2	2	4	4	5	4	2	5	5	0	0	2
II	4	5	5	4	4	4	4	3	4	5	5	5	4	5	5	0	5	4
III	5	6	5	3	3	4	3	2	1	4	5	4	4	5	4	1	1	1

Fonte: Araújo (2011b, p. 839).

Evidentemente, não julgamos necessário trabalhar com todos os inquéritos que compõem o NORPOFOR para obter uma amostra significativa do falar popular fortalezense.

<sup>26</sup> Maiores informações acerca dos colaboradores do projeto NORPOFOR podem ser conferidas em Araújo (2007).

<sup>27</sup> Embora a autora tenha trabalhado apenas com o termo gênero, frisamos que, em nossa pesquisa, adotamos também o termo sexo, visto que as distinções feitas dos falantes, em relação a essa variável social, aconteceram, essencialmente, com base em distinções biológicas.

A esse respeito, Guy e Zilles (2007) indicam que uma amostra satisfatória pode comportar, no mínimo, 4 ou 5 informantes por célula.

Seguindo essa linha de raciocínio, efetuamos um recorte no quadro geral que compõe o NORPOFOR e construímos uma subamostra bastante equilibrada da qual extraímos nossos dados. Nela, selecionamos 72 informantes, situados apenas nos inquéritos do tipo DID. Eles foram divididos ainda em três faixas etárias, três níveis de escolaridade e dois gêneros/sexos diferentes, o que nos dá um total de 4 informantes por célula.

Ao todo, consideramos 36 informantes do gênero/sexo masculino, distribuídos ainda em: (i) 12 homens, para a faixa etária I, com escolarização A; (ii) 12 homens, para a faixa etária II e escolarização B; (iii) 12 homens, para a faixa etária III, com escolaridade C. De igual modo, analisamos a fala de 36 informantes do sexo feminino, distribuídos igualmente em: (i) 12 mulheres, na faixa etária I, com escolaridade A; (ii) 12 mulheres, na faixa II, com escolarização B e (iii) 12 mulheres, na faixa III, com escolarização C. Essas mesmas informações podem ser conferidas no quadro 2:

**Quadro 2 - Distribuição dos informantes em função das variáveis sociais controladas em nossa amostra**

	DID					
	Sexo/Gênero					
	Masculino			Feminino		
Escolaridade Faixa etária	A (0-4)	B (5-8)	C (9-11)	A (0-4)	B (5-8)	C (9-11)
15 a 25 anos	4	4	4	4	4	4
26 a 49 anos	4	4	4	4	4	4
a partir de 50 anos	4	4	4	4	4	4

Fonte: Elaborado pela autora.

Sobre a opção de trabalhar apenas com o DID, salientamos que ela se justifica, ao menos em parte, por três fatores: primeiro, o trabalho com o DID permitiu que uma amostra totalmente equilibrada, quanto ao número de informantes selecionados por célula, fosse montada. Segundo, concordamos com Araújo (2007), quando atenta que nos registros do tipo DID, há menos sobreposição de vozes, em comparação com o D2, o que certamente facilita a audição dos dados. Já em comparação com o EF, também é notável a maior qualidade sonora

dos inquéritos do tipo DID. E, terceiro, vemos que, na grande maioria dos trabalhos já realizados sobre a variação entre verbo-sujeito na 3PP, também foram utilizados os DID. Tal fato pode, na medida do possível, facilitar possíveis comparações entre os nossos resultados e aqueles alcançados por outros estudiosos.

Posto isso, frisamos que, no que concerne aos critérios de seleção dos informantes para a construção do NORPOFOR, Araújo (2007) enfatiza que foram adotados basicamente três: (i): o informante teria que ter nascido em Fortaleza ou no interior do estado do Ceará, tendo mudado para a capital com, no máximo, cinco anos de idade; (ii) foi necessário que o informante nunca tivesse se ausentado da capital por mais de dois anos consecutivos e (iii) foi exigido que os falantes possuíssem pais cearenses. Tais critérios foram devidamente adotados com o intuito de “neutralizar a influência dos falares de outras regiões” (ARAÚJO, 2007, p.53). Além disso, a distribuição dos informantes selecionados para compor o NORPOFOR deveria contemplar as seis regionais que constituem Fortaleza (cf. figura 3).

Além dessas características, é importante mencionar outros aspectos do perfil social dos informantes do NORPOFOR, pois, com base neles, cremos ser possível compreender melhor porque o *corpus* em questão pode ser tido como representativo do falar popular de Fortaleza – CE. Assim, ressaltamos, conforme Araújo (2011b, p. 839, grifos nossos), que “[...] os informantes apresentam **baixo nível socioeconômico**, tomando-se a sua **profissão**, a do cônjuge e a dos seus pais, o **local de moradia** e a quantidade de filhos, como indicadores da classe social”.

Em relação às atividades ou profissões dos informantes do gênero/sexo feminino selecionados, Araújo (2007) explica que foram entrevistadas donas de casa, empregadas domésticas, estudantes, costureiras, comerciantes, diarista, vendedoras autônomas, cabeleireiras, digitadoras, artesãs e desempregadas. Para compor o quadro de informantes do gênero/sexo masculino foram selecionados estudantes, prestadores de serviços gerais, vigilantes, vendedores, porteiros, pedreiros, motoristas, eletricitas, garçons, estofadores, aposentados, auxiliares de soldador, desempregados, vendedores autônomos, mergulhadores, funcionários públicos municipais, técnicos em informática e seguranças.

Ao lado da seleção minuciosa dos informantes, segundo seu perfil de trabalho, buscou-se obter também uma representação geográfica significativa da cidade de Fortaleza. Neste sentido, a seleção dos informantes, de modo geral, contemplou 69, dos 119 bairros que formam a cidade, devidamente distribuídos, conforme já pontuamos, entre as seis regionais da região metropolitana de Fortaleza.

Com o recorte que efetuamos no quadro geral que compõe o NORPOFOR, os 72 informantes que selecionamos ficaram distribuídos em 38 bairros situados ao longo das seis regionais da capital cearense. Isso nos proporcionou, ainda que de forma desequilibrada, um panorama geográfico de praticamente toda área da cidade. Ao tentarmos estabelecer relações entre a localização geográfica dos fortalezenses e seus níveis econômicos, recorreremos aos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 2000<sup>28</sup>. Com eles, percebemos, antes de tudo, notáveis diferenças quanto ao perfil econômico das famílias fortalezenses de acordo com suas localizações geográficas. Neste sentido, é possível identificar os bairros com maiores e menores rendas.

Em outras palavras, os bairros situados no leste e sudeste (R\$ 1.566,29 e R\$ 4.288,36), incluindo o Centro da cidade (R\$ 1.306,06), apresentam as maiores rendas. Em sentido contrário, os bairros com as menores rendas (R\$ 239,25 e 349,74) estão situados, principalmente, ao oeste de Fortaleza – CE. Sobre eles, Araújo e Carleial (2003, p. 8) indicam:

São bairros antigos e novos que se misturam, nesse traçado, acompanhando o litoral (Arraial Moura Brasil, Pirambu, Cristo Redentor, Barra do Ceará e Floresta), além de prosseguir no sentido norte-sul (Autran Nunes, Genibau, Granja Portugal, Granja Lisboa, Bom Jardim, Parque São José, Parque Santa Rosa (Apolo XI), Parque Presidente Vargas, Canindezinho e Siqueira); finalmente, mais para o sul, encontram-se: Barroso, Jangurussu e Curió.

Contudo, não podemos esquecer que é possível encontrar, ainda que de forma reduzida, bairros com rendas tidas como altas, mesmo na região oeste da capital Fortaleza – CE, são eles: bairro de Fátima (R\$ 2.017,22), Benfica (R\$ 1.417,93) e Parquelândia (R\$ 1.530,53).

Essas divisões econômicas e regionais comportam em si questões histórico-sociais extremamente complexas. Uma das mais latentes situa-se na construção de uma Fortaleza polarizada, frente à suposta existência de bairros pobres e ricos. Dicotomia esta que vem sendo cada vez mais questionada. Afinal, há tempos não é possível apontar, com precisão, e com base em argumentos sólidos, as fronteiras entre áreas tidas como ricas, ao Leste, e áreas pobres, ao Oeste. O que temos hoje é a identificação de nítidos e inegáveis conflitos

---

<sup>28</sup> Naturalmente, já é possível contar com dados mais recentes como o censo 2015. Contudo, recorreremos aos dados do IBGE 2000, porque foi justamente nesse período em que o NORPOFOR foi construído. Frisamos também que os dados consultados para este estudo podem ser acessados através do seguinte endereço eletrônico: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/>>

resultantes dos contrastes entre ricos e pobres que dividem praticamente o mesmo espaço. De acordo com Araújo e Carleial (2003, p. 7):

[...] a cidade com o tempo foi mudando seus contornos, através da mobilidade espacial de famílias abastadas, antigas moradoras do centro ou de bairros a oeste do perímetro central, que, devido à instalação de comércio e a localização de postos de trabalhos de pobres, transferiram suas residências para o leste, área de expansão urbana. Porém, a novidade recente é que fica cada vez mais difícil, o isolamento dessas famílias em bairros específicos, pois, os pobres têm aumentado sistematicamente.

Diante de tais reconhecimentos, Araújo e Carleial (2003), também pautadas em dados obtidos pelo IBGE 2000, discutem algumas das inúmeras transformações sofridas por Fortaleza em virtude das constantes dinâmicas geográficas e econômicas, que possibilitaram a construção de uma metrópole privilegiada em termos de investimento de capital tanto por parte de setores privados como públicos. Com isso, as autoras indicam que tais investimentos certamente facilitaram a concentração de riqueza, principalmente comercial da qual disfruta hoje Fortaleza – CE, em relação às demais cidades cearenses. No entanto, quase que, de modo contraditório, indicam também que os investimentos comerciais não foram capazes de evitar o aumento da pobreza na capital cearense (ARAÚJO; CARLEIAL, 2003).

Posto isso, passamos à leitura do quadro 3 com o intuito de obter uma visão mais concisa do perfil de nossos informantes. Nele, apresentamos a distribuição dos informantes selecionados por inquérito, bairro e regionais, gênero/sexo, escolaridade, faixa etária e atividade/profissão, para nossa amostra. Vale lembrar que as informações dispostas no quadro 3 foram obtidas através da observação atenta das fichas preenchidas pelos informantes na época em que o NORPOFOR foi construído. Essas fichas se encontram hoje sob os cuidados da professora Dra. Aluiza Alves de Araújo.

**Quadro 3 - Distribuição dos informantes por nº de inq/ gênero/sexo/ escolaridade/ faixa etária/ atividade/profissão/ bairro e regionais**

Inq./Sexo	Escolaridade	Faixa etária	Atividade/profissão	Bairro/SER
06/ Mulher	0-4 anos	60 anos	Prendas do lar	Cristo Redentor/ I
09/Mulher	0-4 anos	21 anos	Prendas do lar	Santo Amaro/ V
10/Mulher	0-4 anos	34 anos	Doméstica	Bom Jardim/ V
11/Homem	9-11 anos	29 anos	Mecânico	Vila Pery/ IV
12/Mulher	5-8 anos	23 anos	Autônoma	Barroso/ VI
16/Mulher	5-8 anos	37 anos	Doméstica	Mondubim/ V
18/Mulher	0-4 anos	21 anos	Estudante	Messejana/ VI
19/Homem	0-4 anos	59 anos	Vigilante	Messejana/ VI
20/Homem	9-11 anos	18 anos	Estudante	Caça e Pesca (Praia do

				Futuro)/ II
21/Homem	5-8 anos	31 anos	Desempregado/vigilante	Jardim Iracema/ I
22/Homem	0-4 anos	25 anos	Vigilante	Monte Castelo/ I
23/Homem	0-4 anos	21 anos	Serviços Gerais de laboratório	Vila Bethânia/ IV
26/Homem	0-4 anos	73 anos	Aposentado	Pirambu/ I
29/Homem	5-8 anos	34 anos	Técnico em eletrônica	Vila Pery/ IV
30/Homem	0-4 anos	30 anos	Porteiro	Henrique Jorge/ III
31/Mulher	0-4 anos	38 anos	Prendas do lar	Castelão/ VI
32/Homem	9-11 anos	16 anos	Estudante	Aldeota/ II
33/Mulher	5-8 anos	23 anos	Doméstica	Cidade dos Funcionários/ VI
34/Mulher	9-11 anos	26 anos	Doméstica	Bom Jardim/ V
38/Homem	5-8 anos	16 anos	Auxiliar de soldador	Granja Portugal/ V
39/Mulher	5-8 anos	52 anos	Prendas do lar	Antônio Bezerra/ III
40/Mulher	0-4 anos	55 anos	Prendas do lar	Antônio Bezerra/ III
45/Homem	0-4 anos	63 anos	Porteiro	Jardim Guanabara/ I
46/Homem	09-11 anos	58 anos	Eletricista	Conjunto Ceará/ V
47/Homem	5-8 anos	23 anos	Pedreiro	Pirambu/ I
48/Mulher	5-8 anos	60 anos	Operadora de Máquina	Messejana/ VI
53/Mulher	5-8 anos	57 anos	Doméstica	Parque Santa Rosa/ V
55/Mulher	9-11 anos	27 anos	Desempregada	Cristo Redentor/ I
57/Mulher	0-4 anos	67 anos	Prendas do lar	Jóquei Clube/ III
58/Homem	9-11 anos	52 anos	Biscateiro	Barra do Ceará/ I
59/Homem	9-11 anos	24 anos	Professor de Reforço	São Gerardo/ I
61/Homem	5-8 anos	63 anos	Funcionário Público	Cidade 2000/ II
62/Mulher	9-11 anos	50 anos	Pequena Empresária	Cidade 2000/ II
63/Mulher	9-11 anos	37 anos	Digitadora	Barra do Ceará/ I
64/Mulher	9-11 anos	51 anos	Prendas do lar	Cidade 2000/ II
65/Homem	5-8 anos	53 anos	Motorista	Henrique Jorge/ III
66/Mulher	9-11 anos	53 anos	Artesã	Demócrito Rocha/ IV
67/Mulher	9-11 anos	19 anos	Desempregada	Jóquei Clube/ III
69/Mulher	5-8 anos	34 anos	Desempregada	Carlito Pamplona/ I
70/Mulher	0-4 anos	15 anos	Desempregada	São Cristóvão/ I
73/Mulher	9-11 anos	22 anos	Atendente	Jóquei Clube/ III
75/Homem	5-8 anos	52 anos	Vigilante	Conjunto Ceará/ V
76/Homem	9-11 anos	33 anos	Técnico em informática	Pres. Kennedy/ III
78/Homem	9-11 anos	34 anos	Segurança	Cristo Redentor/ I
79/Mulher	5-8 anos	25 anos	Prendas do lar	Cristo Redentor/ I
82/Mulher	9-11 anos	18 anos	Estudante	Farias Brito/ I
84/Homem	0-4 anos	34 anos	Estofador	Conjunto Ceará/ V
85/Homem	5-8 anos	38 anos	Entregador de remédios	Conjunto Ceará/ V
86/Mulher	0-4 anos	47 anos	Prendas do lar	Conjunto Ceará/ V
88/Mulher	5-8 anos	27 anos	Cabeleireira	Conjunto Ceará/ V
89/Homem	9-11 anos	33 anos	Instalador (eletricidade)	Conjunto Ceará/ V
90/Mulher	5-8 anos	31 anos	Doméstica	Mondubim/ V
91/Homem	5-8 anos	62 anos	Eletricista	Conjunto Ceará/ V
92/Homem	5-8 anos	32 anos	Autônomo	Farias Brito/ I
95/Homem	0-4 anos	75 anos	Aposentado (vigilante)	Aerolândia/ VI
102/Mulher	0-4 anos	25 anos	Diarista	Barra do Ceará/ I
103/Homem	0-4 anos	34 anos	Serviços Gerais	Messejana/ VI
104/Homem	0-4 anos	26 anos	Pedreiro	Rodolfo Teófilo/ III
105/Mulher	9-11 anos	38 anos	Secretária escolar	Jardim América/ IV
112/Homem	5-8 anos	15 anos	Estudante	Maraponga/ V
115/Mulher	0-4 anos	31 anos	Prendas do lar	Vila Manoel Sátiro/ V
131/Mulher	5-8 anos	64 anos	Prendas do lar	Joaquim Távora/ II
143/Mulher	9-11 anos	53 anos	Decoradora	Parangaba/ IV
149/Homem	9-11 anos	76 anos	Motorista	Aerolândia/ VI
150/Homem	0-4 anos	23 anos	Garçom	José Walter/ V

158/Homem	9-11 anos	58 anos	Aposentado (motorista)	Parangaba/ IV
161/Homem	0-4 anos	25 anos	Auxiliar de pedreiro	Castelão/ IV
68/Mulher	9-11 anos	17 anos	Estudante	Henrique Jorge/ III
56/Homem	9-11 anos	15 anos	Estudante	Aldeota/ II
87/Homem	5-8 anos	17 anos	Serviços Gerais	Conjunto Ceará/ V
126/Mulher	0-4 anos	50 anos	Costureira	Maraponga/ V
80/Mulher	5-8 anos	24 anos	Prendas do lar	Antônio Bezerra/ III

Fonte: Elaborado pela autora.

Com base no quadro 3, é possível perceber outros aspectos do perfil social dos informantes que compõem nossa amostra, além de suas distribuições geográficas que, de fato, contemplam as seis regionais de Fortaleza – CE. Os demais aspectos correspondem, portanto, e, conforme já observamos, ao gênero/sexo, a faixa etária e atividades/profissões dos nossos informantes.

No que concerne, ao fator gênero/sexo, temos a divisão dos informantes em homens e mulheres. Na construção do NORPOFOR, tais distinções foram feitas com base apenas em traços biológicos e não nos graus de masculinidade e feminilidade que podem ser construídos sócio-historicamente. A esse respeito, Labov (2006) atenta que, na tradição variacionista, temos operado principalmente com distinções biológicas, quando tentamos observar nuances no comportamento linguístico dos falantes, correlacionando-as ao fator sexo/gênero.

No que se refere à escolaridade dos informantes, vemos que nenhum deles possui ensino superior. Assim sendo, trabalhamos apenas com falantes que possuem de 0 a 4 anos, 5 a 8 anos e 9 a 11 anos de escolaridade. Sobre esse ponto, destacamos, conforme Araújo (2007, p. 55):

A primeira abrange tanto os informantes que nunca frequentaram a escola quanto os que possuem o antigo primário completo ou incompleto; a segunda contempla os indivíduos que apresentam o primeiro grau completo ou incompleto; e a terceira refere-se aos informantes que têm o segundo grau completo ou incompleto. Fez-se a opção pela nomenclatura do antigo currículo escolar por facilitar aos informantes saber em que nível de escolaridade se enquadravam, já que a maioria desconhecia a reformulação curricular.

No tocante à faixa etária, a estratificação dos falantes também se deu com base em três grandes grupos. No primeiro, temos informantes com 15-25 anos, isto é, com um intervalo de dez anos entre eles. De modo geral, os informantes com essa faixa etária eram adolescentes, economicamente dependentes dos pais. Outros eram jovens que estavam tentando ou ingressaram no mercado de trabalho há pouco tempo. A segunda faixa etária – 26 a 44 anos – é composta, principalmente, por adultos atuando ou com condições de atuar

profissionalmente no mercado de trabalho. Enquanto que, na terceira faixa etária, encontramos falantes com mais de 50, que eram, portanto, sujeitos ainda atuantes profissionalmente ou aposentados (ARAÚJO, 2007).

Por último, convém tecer algumas considerações acerca do perfil profissional ou sobre as ocupações dos informantes selecionados para nosso estudo. Neste sentido, o quadro de informantes do gênero/sexo feminino foi formado por: onze mulheres que se ocupavam com prendas do lar; seis domésticas; uma autônoma; quatro estudantes; quatro desempregadas; uma pequena empresária; uma digitadora; uma artesã; uma atendente; uma operadora de máquina; uma costureira; uma decoradora; uma secretária escolar; uma diarista e uma cabelereira.

Compondo o quadro profissional ou de atividades dos informantes do gênero/sexo masculino, tivemos: três estudantes; dois auxiliares de serviços gerais; um auxiliar de pedreiro; um mecânico; um garçom; três vigilantes; dois pedreiros; um auxiliar de serviços gerais de laboratório; três aposentados; dois motoristas; um desempregado; um autônomo; um técnico em informática; um entregador de remédios; dois seguranças; três eletricitas; um técnico em eletrônica; dois porteiros; um auxiliar de soldado; um professor de reforço; um funcionário público; um estofador; um biscateiro.

Tendo abordado, nesta seção, os principais pontos referentes aos informantes e a amostra de linguagem falada usadas neste estudo, dedicamos, a seção seguinte, às discussões em torno dos principais procedimentos realizados para a construção das entrevistas do NORPOFOR.

#### 4.4 ENTREVISTAS DO NORPOFOR

Para a composição do NORPOFOR foram feitas entrevistas sociolinguísticas realizadas através do contato direto entre informante e documentador, no caso das entrevistas do tipo DID. Para tanto, eram estabelecidas datas, horários e locais específicos, sempre de acordo com a disponibilidade e escolha dos informantes. Embora a maioria dos participantes tenha escolhido a própria residência como local da entrevista, alguns optaram por ser entrevistados nas escolas que frequentavam, quando frequentavam, na casa de amigos ou familiares, além de seus locais de trabalho. Salientamos que a localização dos informantes era feita pelos próprios documentadores ou através de terceiros com quem o pesquisador mantinha algum contato.

Após a localização dos informantes que atendiam às estratificações sociais estabelecidas para a composição do NORPOFOR, bem como aos critérios de seleção dos informantes, conforme discutimos na seção anterior, os pesquisadores estabeleciam com eles os primeiros contatos. A partir disso, eram feitas sondagens, através de perguntas iniciais, dispostas em forma de fichas. Com tais perguntas, buscava-se obter informações sobre aspectos que assinalam o perfil sociocultural dos possíveis entrevistados. Além disso, esse primeiro contato, bem como as perguntas feitas nas fichas, permitiam também que o documentador conhecesse um pouco o seu informante, o que certamente poderia facilitar o desenvolvimento dos assuntos tratados durante a entrevista.

Uma vez constatada a adequação do falante aos critérios determinados, o que naturalmente, nem sempre acontecia, as entrevistas eram realizadas. A esse respeito, Araújo (2007) destaca que sempre era proposto um segundo encontro ao entrevistado. Esse encontro, por sua vez, deveria estar totalmente de acordo com a disponibilidade dos informantes, contudo e, também atendendo ao desejo do informante, algumas entrevistas eram realizadas já no primeiro contato entre ele e o entrevistador/pesquisador.

Como um dos critérios para tentar não comprometer a autenticidade do objeto a ser coletado, isto é, o *vernáculo* do informante, e também para evitar respostas curtas ou monossilábicas, os reais objetivos e interesses da entrevista, ou seja, coletar amostras de sua fala, inicialmente, não eram revelados ao falante. A esse respeito, Araújo (2007, p. 57) nos diz que:

[...] esclarecia-se, apenas, que a pesquisa estava sendo realizada em toda a cidade de Fortaleza com finalidade histórica e cultural, daí o interesse em conhecer, de cada um, a experiência pessoal, as lembranças relacionadas a fatos pessoais e históricos, os anseios, as preocupações, costumes locais, entre outros.

No entanto, lembramos que os participantes eram devidamente e previamente esclarecidos de que a entrevista seria gravada. Além disso, ao término da gravação, os reais motivos da entrevista eram esclarecidos aos informantes. Assim, Araújo (2011b, p. 841) nos explica que os participantes ouvidos eram informados de que se tratava de uma “uma pesquisa linguística sobre o falar local, o que não dificultava a liberação do uso das fitas, contanto que as identidades dos falantes fossem mantidas em sigilo”.

Além de não revelar, ao menos de imediato, os reais interesses das entrevistas, outro notável ponto aos quais os entrevistadores recorreram para tentar amenizar possíveis influências de sua presença, bem como fazer com que o entrevistado esquecesse, na medida do possível, da presença do gravador – fatos que poderiam gerar alguma tensão no falante e

fazer com que monitorassem suas falas – diz respeito ao modo de conduzir a entrevista, isto é, de forma descontraída e espontânea. Assim, as perguntas direcionadas ao entrevistado eram formuladas de modo claro e preciso.

Além disso, os falantes eram instigados a narrar, comentar fatos de suas vidas que, de algum modo, os marcaram de forma positiva e/ou negativa. Com isso, era esperado que o falante ficasse mais à vontade, chegando mesmo a esquecer de que estava sendo gravado. Assinalamos que esses cuidados foram tomados com o intuito de amenizar o chamado *paradoxo do observador* (LABOV, 2008), sobre o qual esboçamos alguns comentários no capítulo dois deste trabalho.

Embora concordemos com Freitag (2013, p. 01), quando atenta para o fato de que “a intransponível relação assimétrica estabelecida entre o pesquisador de campo (da universidade) e o falante” pode comprometer, de algum modo, a coleta satisfatória do vernáculo, acreditamos, quase que de modo contraditório, que, com os citados cuidados tomados pelos documentadores do NORPOFOR, foi possível obter um modelo de fala espontâneo por parte do informante. Nosso posicionamento pode ser justificado em virtude de que nos pareceram evidentes, ao longo das entrevistas, os cuidados tomados pelos pesquisadores para não sobreporem suas falas as do informante, deixando com que falasse o máximo e mais livremente possível. Pontuamos que todas as perguntas feitas pelo documentador durante as entrevistas não eram formuladas previamente.

Desse modo, sempre que possível, os documentadores valorizavam e investiam quando identificavam temas que tocavam os entrevistados. Tais temas estavam, na grande maioria das vezes, relacionados a fatos de suas vidas, como acontecimentos passados que despertavam sentimentos alegres ou tristes. No caso desse último, localizamos inquéritos em que o informante se mostrava muito emocionado, chegando mesmo a chorar durante a entrevista, quando resgatava memórias de episódios que envolviam, sobretudo, alguma morte de pessoas próximas, principalmente familiares. Nesses casos, o documentador esperava que o entrevistado se recompusesse para, assim, continuar a entrevista.

Além de buscar conduzir a entrevista de modo natural, Araújo (2011b) destaca ainda que os documentadores foram instruídos, todos do mesmo modo, sobre como proceder durante as entrevistas. Tais instruções eram fornecidas com o intuito de buscar, além de garantir uma amostra satisfatória do vernáculo do informante, preservar a qualidade dos inquéritos. Assim, os pesquisadores incumbidos de realizar determinada entrevista deveriam não só estimular o informante a falar, mas também “controlar os fatores que pudessem prejudicar a qualidade da gravação (intervenção de terceiros, ruídos externos, manuseio do

gravador e fitas cassete, entre outros)” (ARAÚJO, 2011b, p. 841). Ao todo, o NORPOFOR contou com a colaboração de 92 documentadores. Desse total, três eram professores universitários (Aluiza Alves de Araújo, Kilpatrick Müller Campelo e Socorro Abreu), 19 universitários e 70 universitárias, todos e todas vinculadas ao curso de graduação em Letras da Universidade Estadual do Ceará.

Para as gravações do NORPOFOR, foram utilizadas fitas cassetes e um gravador analógico Sony TCM - DV e três gravadores analógicos CSR (Slimline Cassete Recorder with ATRS WG223 - TR). Posteriormente, as gravações dos inquéritos foram digitalizadas pela coordenadora do projeto, a professora Dra. Aluiza Alves de Araújo, com o auxílio do programa computacional *Sound Forge 5.0*:

[...] que permitia eliminar ou reduzir eventuais ruídos físicos durante a gravação, e, em seguida, eram transportadas para um CD, com a ajuda de outro programa, o Nero, já que o CD, entre outras vantagens, é mais resistente à umidade e não apresenta o problema do acúmulo de bolor (ARAÚJO, 2007, p. 58).

No que concerne à duração das entrevistas do DID, convém lembrar que elas duravam, em média, 45 a 60 minutos. Para este estudo, foram ouvidas cerca de 55 horas de gravação. Assinalamos que a audição dos inquéritos foi realizada através de oitiva, isto é, não usamos nenhum programa computacional para esta tarefa. Acreditando que, nos momentos iniciais das entrevistas, o falante poderia estar um pouco tenso, optamos por desprezar, conforme sugerem Araújo (2007), Rodrigues (2013), Guimarães (2014) e Sousa (2015), os 10 primeiros minutos de cada inquérito.

Tendo abordado, nesta seção, alguns dos principais procedimentos percorridos para a elaboração das entrevistas do NORPOFOR, comentamos, na seção seguinte, o quadro de procedimentos realizados durante o levantamento dos dados deste estudo.

#### 4.5 LEVANTAMENTO DOS DADOS

O levantamento dos dados analisados se deu, principalmente, através da audição dos 72 inquéritos do NORPOFOR selecionadas por nós. A partir disso, tabulamos todas as ocorrências de construções, envolvendo a CV na 3PP encontradas na fala dos nossos informantes. Contudo, nem todas as ocorrências foram consideradas. Assim, apresentamos

nas seções seguintes, as variáveis linguísticas e sociais testadas, bem como os contextos excluídos e considerados neste estudo.

## 4.6 VARIÁVEIS

### 4.6.1 Variável dependente

Nossa variável dependente é de natureza binária, ou seja, comporta duas variantes linguísticas (SCHERRE; NARO, 2012). Na primeira, as marcas de pluralidade impostas pelas GTs para a CV na 3PP são preservadas, daí a tendência de ser chamada de variante padrão. Já na segunda, essas marcas de CV não são mantidas, a esta, dá-se, comumente, o nome de variante não-padrão. A título de ilustração, vejamos as ocorrências abaixo, todas retiradas do NORPOFOR:

#### Ausência de CV com a 3PP

(5) eles vive direitinho aí... (NORPOFOR, Inq. 06).

(6) elas tratava a gente como gente... (NORPOFOR, Inq. 06).

(7) as minhas irmã também sofreu muito... (NORPOFOR, Inq. 06).

#### Presença de CV com a 3PP

(8) eles queriam pelar a minha cabe::ça (NORPOFOR, Inq. 06).

(9) e eles não tão nem aí... quando a pessoa pega uma coisinha como essa a minha neta... (NORPOFOR, Inq.06).

(10) meus pais morrerU muito ce::do... (NORPOFOR, Inq.06).

Para a observação do fenômeno de variação na CV com a 3PP, assumimos, em conformidade com os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008), que o uso das variantes com e sem marcas de CV não acontece de forma aleatória, mas sim, sob a influência de fatores ou variáveis independentes, que são melhor definidas na seção 4.6.2. Essas variáveis podem ser de natureza linguística e/ou extralinguística (social) ao sistema linguístico.

Além de identificar as variantes que compõem nosso fenômeno variável, foi preciso delimitar ainda os contextos previstos para a CV com a 3PP, controlados em nosso estudo, bem como os casos de exclusão.

Para a seleção dos contextos que marcam nossa variável dependente e que foram considerados nesta pesquisa, bem como aqueles que foram excluídos, os trabalhos de Pereira (2004) e Monte (2007) foram bastante significativos. Com base nestes dois estudos e, naturalmente, na observação das ocorrências presentes em nossa amostra, controlamos os casos em que o SN (sujeito) era marcado pelos seguintes elementos:

**- Nome substantivo no singular com um ou mais termos determinantes no plural:**

(11) as droga tão solta aí no meio do mundo só a misericórdia de Deus só a misericórdia de Deus... (NORPOFOR, Inq. 06).

(12) os filho já tão tudo criAdo né? (NORPOFOR, Inq. 09).

(13) os vizinho pegarU e perguntarU pra mim... (NORPOFOR, Inq. 06).

**- Nome substantivo no plural:**

(14) ah as professoras era ótimas legais... (NORPOFOR, Inq. 09).

(15) os meninos ia passear com o pai deles (NORPOFOR, Inq. 09).

(16) meus meninos não faz questão para brincar... (NORPOFOR, Inq. 09).

**- Pronomes pessoais eles / elas com referência determinada:**

(17) os samurais eles eram só da guarda do rei por exemplo (NORPOFOR, Inq. 12).

(18) os animais né você vê que eles nascem já com o seu instinto (NORPOFOR, Inq. 12).

(19) minhas moças... têm um bom têm uns namorados... eles são iguais meus filhos pra mim... (NORPOFOR, Inq. 19).

**- Pronome pessoal eles com referência indeterminada:**

(17) eles não gosta muito (NORPOFOR, Inq. 09).

(18) a casa bem grande... bem espaçosa para eles brincar... (NORPOFOR, Inq. 09).

(19) eles estudarU um estudava lá na C.... o outro estudava lá na::... na:: na dona L.... pronto (NORPOFOR, Inq. 09).

**- Numeral no plural:**

(20) dois casarU entre si (NORPOFOR, Inq. 11).

(21) morreu já dois... (NORPOFOR, Inq. 19).

(22) então foi três anos namorando (NORPOFOR, Inq. 34).

**- Dois ou mais nomes substantivos ou nome substantivo e pronome ele/ela (sujeito composto):**

(23) meu pai e minha mãe ensinou a honestidade pra mim (NORPOFOR, Inq. 34).

(24) aí meu pai e minha mãe levava nós pra passear (NORPOFOR, Inq. 40).

(25) de casa trabalham o marido e o filho (NORPOFOR, Inq. 40).

**- Outros pronomes (indefinidos/demonstrativos):**

(26) mas uns diz assim raPAZ fique aqui até:: você se aposentar (NORPORFOR, Inq. 45).

(27) os outros fizerU... as besteiras... (NORPOFOR, Inq. 46).

(28) esses gostam de tomar umas bebidinhas (NORPOFOR, Inq. 64).

Ao lado dos contextos selecionados, localizamos também alguns casos ‘especiais’ que optamos por desconsiderar. Alguns deles fazem parte de regras para as quais a CV com a 3PP é tida como um ponto facultativo, outros envolvem critérios semânticos ou são entendidos como desvios, já alguns não apresentam distinções, na fala, entre plural e singular, dentre outros casos, vejamos:

**- Formas verbais que no singular e no plural não se distinguem na pronúncia por serem homófonas: tem/ têm, vem/vêm e derivados:**

(30) eles não tem o castigo que devia ter... (NORPOFOR, Inq. 06).

(31) porque elas não tem nem pai nem tem mãe (NORPOFOR, Inq. 06).

(32) eles vem atrás de mim... (NORPOFOR, Inq. 06).

**- Respostas dadas pelo informante em que se repete a forma verbal da pergunta feita pelo documentador:**

(33) Doc<sup>29</sup>. e como é que são os professores? (NORPOFOR, Inq. 09).  
 Inf. ah os professores são ótimos né (NORPOFOR, Inq. 09).

(34) Doc. mas o/ os enfermeiros não deixam não né? (NORPOFOR, Inq. 09).  
 Inf. deixam não (NORPOFOR, Inq. 09).

(35) Doc. e quem são esses teus amigos? (NORPOFOR, Inq. 09).  
 Inf. são uns conhecidos meus é uns colegas de ( )... faz tempo que eu ando lá... aí eu vou para lá (NORPOFOR, Inq. 09).

**- Verbo no plural com casa vazia do sujeito indeterminado (sem referente no trecho do discurso). Esse é um contexto em que a marca de plural do verbo seria condicionada não pelo critério sintático (concordância com o sujeito), mas pelo critério semântico (noção de indeterminação do sujeito):**

(36) quando disserU assim vamos palar a cabeça de todas duas... (NORPOFOR, Inq. 06).

(37) aí arrastarU ele lá para a banda dali da... da Osório de Paiva (NORPOFOR, Inq. 09).

(38) não sei eu acho que não... não quiserU né...( NORPOFOR, Inq. 09).

**- Sujeito representado pelo pronome indefinido ‘tudo’ remetendo a um SN de 3ªPP:**

(39) nesse dia chegaram tudo de uma vez (NORPOFOR, Inq. 55).

(40) tudo são super legal também (NORPOFOR, Inq. 70).

(41) tudo são dependente da gente... (NORPOFOR, Inq. 143).

**- Sujeito representado por substantivo coletivo no singular que pode desencadear a chamada concordância semântica:**

(42) aí o pessoal começaram eu acho que ele não me dizia não... (NORPOFOR, Inq. 06).

(43) o pessoal começaram... a bater no ouvido... falar porque ele trabalhava de noite... (NORPOFOR, Inq. 06).

---

<sup>29</sup> Doc. (documentador). Inf. (informante).

(44) o pessoal ficam... assim olhando... (NORPOFOR, Inq. 19).

**- Sujeito constituído por expressão partitiva. Para a tradição gramatical, o sujeito formado por expressões partitivas pode levar o verbo tanto para plural como para o singular. Nestes casos, portanto, a concordância entre verbo-sujeito é um ponto facultativo (CUNHA; CINTRA, 2013):**

(45) e agora a grande maioria das pessoas tinham saído (NORPOFOR, Inq. 58).

(46) a maioria delas já... já faleceram (NORPOFOR, Inq. 75).

(47) a maioria são carinhosas com a gente (NORPOFOR, Inq. 67).

**- Construções que remetem a trechos de poemas, canções, ditados populares presentes na fala do informante:**

(48) “eles estão instituídos da glória de Deus... sejam justificados... gratuitamente... pela sua graça... pela redenção que há Jesus...” (NORPOFOR, Inq.11).

Após apresentarmos, nesta seção, nossa variável dependente, assim como alguns casos localizados nos dados extraídos de nossa amostra, mas que optamos por excluir, apresentamos, na seção seguinte, as variáveis independentes linguísticas e sociais testadas em nosso estudo. Na seção 4.6.2.1, apresentamos as variáveis de caráter linguístico, já na seção 4.6.2.2, abordarmos as variáveis extralinguísticas ou sociais.

#### **4.6.2 Variáveis independentes**

As variáveis independentes controladas neste estudo seguem as recomendações da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008) e podem, portanto, ser agrupadas em dois grandes grupos. Primeiro, temos as variáveis linguísticas e, em segundo, as variáveis sociais. Aquelas foram selecionadas tendo em vista que frequentemente se mostraram relevantes no quadro bibliográfico que levantamos e por acreditarmos que elas também poderiam estar atuando sobre a variação na CV com a 3PP, no falar popular de Fortaleza – CE. Perspectiva similar foi assumida na seleção das variáveis sociais, contudo, a escolha dessas foi guiada, basicamente, pela estratificação social dos informantes do NORPOFOR.

Ao todo, controlamos 6 variáveis linguísticas (**a**: saliência fônica; **b**: traço humano do sujeito; **c**: posição e distância entre verbo-sujeito; **d**: paralelismo formal no nível oracional; **e**: paralelismo formal no nível discursivo e **f**: tipo estrutural do sujeito) e 3 variáveis sociais (**a**: gênero/sexo; **b**: escolaridade e **c**: faixa etária). Tendo em vista que, no capítulo três, discutimos de forma mais detida cada uma delas, limitamos – nos, nas seções seguintes, a apresentar, primeiramente, o quadro de fatores que compõem cada uma das variáveis linguísticas e, em seguida, as de caráter social.

Tomamos o cuidado de ilustrar, no caso das variáveis linguísticas, todos os fatores testados com ocorrências retiradas da amostra considerada neste estudo. De igual modo, apresentamos nossas expectativas iniciais para o comportamento de cada um dos fatores considerados sobre as com e sem marcas de CV com a 3PP. No capítulo seguinte, retornamos às nossas hipóteses, com o intuito de observar se elas foram confirmadas ou refutadas pelos resultados obtidos.

#### 4.6.2.1 Variáveis linguísticas

##### A - Saliência fônica

Com a variável saliência fônica, buscamos observar a influência de diferentes níveis de saliência entre as formas verbais no plural e singular sobre a variação na CV com a 3PP. Para esse grupo, elencamos seis fatores, divididos em dois grandes níveis, conforme o modelo proposto por Naro (1981) e, mais recentemente, adotado por Anjos (1999), Monguilhott (2001), Naro e Scherre (2006), entre outros. Assim, situamos as formas com oposição não acentuada (menos salientes) no nível 1, e as formas com oposição acentuada (mais salientes), no nível 2, conforme ilustramos logo abaixo:

##### Nível 1: Oposição não acentuada

a) não envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural.  
(consegue/conseguem, corre/correm, vive/vivem, sabe/sabem).

(50) é importante dizer o que eles pode (NORPOFOR, Inq. 62).

(51) as pessoas podem até participar de alguma entidade de algum partido aquela coisa toda (NORPOFOR, Inq. 58).

b) envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural.

(ganha/ganham, era/eram, gosta/gostam).

(52) elas utilizam muito pneumáticas (NORPOFOR, Inq. 55).

(53) eles incentiva foi algo que eu tava meio assim meio perdido sem palavra procurando não pensava em nada (NORPOFOR, Inq. 59).

c) envolve acréscimo de segmentos na forma plural.  
(diz/dizem, quer/querem).

(54) se eles quer tirar a gente... éh derrubar as barracas... (NORPOFOR, Inq. 58).

(55) automaticamente eles querem oferecer (NORPOFOR, Inq. 62).

Nível 2: Oposição acentuada

a) envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural.  
(tá/tão, vai/vão, foi/foru).

(56) as coisas hoje tá muito diferente (NORPOFOR, Inq. 65).

(57) uns menino que tão SEMpre...informado sabe? (NORPOFOR, Inq. 66).

b) Envolve acréscimo de seguimentos e mudanças vocálicas na forma plural.  
(bateu/bateram, viu/viram, incluindo o par foi/foram que perde a semivogal).

(58) ela abortou parece que foi dois... ao todo (NORPOFOR, Inq. 69).

(59) os recursos da energia forU repassados pra agua (NORPOFOR, Inq.78).

c) envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural.  
(veio/vieram, é/são, disse/disseram).

(60) eles são muito bons (NORPOFOR, Inq. 34).

(61) é caras NÉ as passagens?... Mas eu tenho vontade... (NORPOFOR, Inq. 53).

Para essa variável, nossa expectativa inicial é a de que formas menos salientes favoreçam o uso da variante sem marcas de CV, já que as diferenças entre essas formas são menos perceptíveis para o falante. Além disso, tal hipótese se justifica porque, no capítulo 3, ao tratarmos dos resultados obtidos por outros pesquisadores para atuação da variável saliência fônica, vimos que as formas verbais mais salientes tendem a favorecer o uso da variante com marcas de CV. Assim, e, em sentido oposto, somos levados a supor que essas formas não favorecem o uso da variante sem marcas de CV com a 3PP, em nossa amostra.

## B - Traço humano do sujeito

Dentre as variáveis linguísticas mais recorrentes em nosso quadro bibliográfico, destacamos a que chamamos, aqui, de *traço humano do sujeito*. Com ela, o objetivo é testar a influência do aspecto humano e não-humano do sujeito sobre o comportamento variável da CV com a 3PP.

A tendência que vem sendo percebida para esse fator é a de que o traço [humano] atua de modo favorável ao uso da variante com marcas de CV com a 3PP, na fala dos brasileiros (ANJOS, 1999; RUBIO, 2008), visto que formas com esse traço se caracterizam “mais prototipicamente como sujeito” (MONGUILHOTT, 2009, p. 101).

Diante disso, parece-nos oportuno supor que o traço não-humano poderia estar favorecendo o uso da variante sem marcas de CV, pois concordamos com Moguilhott (2009, p. 101, aspas no original), quando sugere que o traço não-humano, “numa escala de ‘sujeitividade’, apresenta-se menos ‘sujeito’”. Abaixo, explicitamos os dois fatores que selecionamos para controlar na variável traço humano do sujeito:

### a) Traço humano

(62) as menina aju::da... (NORPOFOR, Inq. 06).

(63) os vizinho pegarU e perguntarU pra mim... (NORPOFOR, Inq. 09).

(64) os meninos perturba né chora aí eu num tenho paciência de sair com menino chorando (NORPOFOR, Inq. 09).

### b) Traço não-humano

(65) os dois compartimentos ta do mesmo jeito (NORPOFOR, Inq. 09).

(66) sÓ se escu::tava os grito os grito mesmo (Inq. 10).

(67) os passarinhos tiverU medo de um/ de um carro que alarmou... (Inq.16).

Como é possível ver nas ocorrências supramencionadas, incluímos no fator traço não-humano construções em que o sujeito apresenta tanto o traço animado como inanimado. Nosso critério de separação entre esses fatores humano e não-humano foi, portanto, a capacidade de o SN (sujeito) remeter ou não à traços da espécie humana. Naturalmente, poderíamos ter separado as formas presentes no traço não-humano em dois fatores: sujeito não-humano e animado, como em (67) e não-humano e inanimado, como em (65) e (66).

Acreditamos que nossa opção pode ser justificada pelo fato de que, durante a coleta de nossos dados, localizamos poucas ocorrências de sujeito animado e não-humano, o que poderia ter nos levado a excluir tais casos. Contudo, achamos mais interessante testá-los. Para tanto, estabelecemos o segundo grupo, que, conforme já nos referimos, comporta tanto SN (sujeito) que apresentam traços animados e não-humanos como formas inanimadas e não-humanas.

### **C - Posição e distância entre verbo-sujeito**

Ao lado das variáveis saliência fônica e traço humano do sujeito, resolvemos testar a variável *posição e distância entre verbo-sujeito*, que também vem se mostrando produtiva dentre os estudos sobre a variação na CV com a 3PP. No que concerne à posição, é sabido que, na língua portuguesa, o sujeito pode aparecer de duas maneiras: anteposto (à esquerda) ou posposto (à direita) ao verbo.

Para esse fator, temos visto que o sujeito anteposto ao verbo tem favorecido o uso da variante com marcas de CV. O mesmo, no entanto, não acontece com o sujeito posposto (LEMLE; NARO, 1977; PONTES, 1986; RODRIGUES, 1987; SCHERRE; NARO, 1997; CARDOSO, 2005; MONGUILHOTT, 2001, 2009). Segundo Pontes (1986), o fato de a posposição do sujeito se mostrar mais favorável ao uso da variante com marcas de CV pode estar relacionado com o indício de que, nesses casos, o sujeito aparenta perder seu estatuto de sujeito, passando, assim a apresentar aspectos de objeto.

Além disso, sujeito e verbo podem apresentar diferentes graus de proximidade. Em linhas gerais, dizemos que eles se encontram muito próximos quando não há nenhum tipo de material fônico separando-os. De igual modo, é possível identificar diferentes níveis de distanciamento, segundo o número de materiais fônicos intervenientes entre verbo-sujeito.

No já comentado estudo de Sgarbi (2006), foram elencados três fatores diferentes para compor a variável distância entre sujeito-verbo (i: ausência de material fônico; ii: presença de 1 ou 2 sílabas e iii: presença de 3 ou mais sílabas). A autora percebeu que o uso da variante com marcas de CV foi favorecido quando não havia nenhum material interveniente entre verbo-sujeito. Essa mesma tendência, contudo, não foi registrada diante do aumento da distância entre tais termos.

Assim, resultados como estes têm, portanto, ajudado a sustentar a hipótese de que a maior distância entre verbo-sujeito tende a favorecer o uso da variante sem marcas de CV. Com isso, parece-nos que, quando há algum material entre sujeito-verbo, a relação entre eles

pode parecer, ao falante, menos evidente. Para testar a atuação da variável *posição e distância entre verbo-sujeito*, estabelecemos quatro fatores, os quais são ilustrados logo abaixo:

a) Sujeito anteposto perto (um após o outro).

(68) os casais deve ser com suas esposas (Inq. 18).

(69) eles segue as mesmas coisas (Inq. 18).

b) Sujeito anteposto longe (com 1 ou mais sílabas entre verbo-sujeito).

(70) elas logo mudarU pro meu lado né (Inq.18).

(71) os meninos aí conhece... (Inq. 19).

c) Sujeito posposto perto (um após o outro).

(72) óh é o seguinte... de quem é as letras? (Inq. 20).

(73) são palavras baixas e::... já tentei até ligar pra polícia mas... (Inq. 22).

d) Sujeito posposto longe (com 1 ou mais sílabas entre eles).

(74) que eu tenho do passado... são só lembranças ruins... (Inq. 22).

(75) tava lá as bebidas para que guardar... (Inq. 16).

Embora tenhamos constatado, na bibliografia pesquisada, que os fatores distância e posição do sujeito em relação ao verbo costumam ser testados separadamente, resolvemos amalgamar a distância e a posição em uma única variável. Assumindo, logo de início, a estreita relação entre esses dois fatores. Diante do que mencionamos sobre esses fatores, nos parece válido esperar que os fatores *sujeito posposto perto* e *sujeito posposto longe* favoreçam o uso da variante sem marcas de CV com a 3PP.

#### D - Paralelismo formal no nível oracional

Resolvemos testar também a influência do *paralelismo oracional* sobre a variação na CV com a 3PP. Buscamos, com isso, medir a influência da presença ou ausência de marcas plurais no SN (sujeito) sobre a presença ou ausência de marcas plurais nos SV (sintagma verbal). Apresentamos, abaixo, o conjunto de fatores que compõem a variável *paralelismo oracional no nível oracional*, controlado neste estudo, vejamos:

a) Sujeito com marcas de plural explícitas sem Sprep.

(76) eles fizerU isso agora (Inq. 06).

(77) as minhas filha são boas... (Inq. 06).

b) Sujeito com marcas de plural explícitas com Sprep.

(78) as latas de mantimentos era cheias e::... (Inq.19).

c) Sujeito sem marcas de plural explícitas com Sprep.

(79) os passarinhos da mulher é muito importante... (Inq. 16).

d) Sujeito sem marcas de plural explícitas sem Sprep.

(80) as menina aju::da... (Inq. 06).

(81) alí os Outro queria acompanhar né?... (Inq. 06).

e) Presença de numeral no primeiro ou último elemento do SN (sujeito).

(82) era separados eles dois (Inq.09).

(83) não foi só ele foram dois amigos também dele (Inq. 09).

Conforme as ilustrações apresentadas, elegemos cinco fatores para compor a variável paralelismo no nível oracional. Nossa expectativa para essa variável é a de que a ausência de marcas plural no SN (sujeito) conduza à ausência de marcas de plural também no verbo, conforme a literatura especializada vem mostrando (ANJOS, 1999; ALVES DA SILVA, 2005; RUBIO, 2008; TEIXEIRA; LUCCHESI; MENDES, 2013).

### **E - Paralelismo formal no nível discursivo**

Para testar a variável *paralelismo formal no nível discursivo*, separamos as construções em dois grandes níveis: (i) construções seriadas e (ii) construções com verbos isolados. Para a formulação do primeiro grupo, adotamos os mesmo critérios estabelecidos por Scherre e Naro (1991) e Anjos (1999). Assim, trabalhamos apenas com construções nas quais o sujeito tinha “a mesma referência que o sujeito da construção anterior e não deveria estar separada desta construção por mais de 10 cláusulas, e nem pelo discurso do entrevistador” (ANJOS, 1999, p. 85).

Acreditando que a ausência de marcas plurais em um SV (sintagma verbal) conduz à ausência de marcas plurais no SV seguinte. Por outro lado, esperamos que verbos isolados se mostrem mais propícios ao uso da variante com marcas de CV. A partir disso, elegemos os seguintes fatores:

a) Verbo precedido de verbo com marcas formais de plural explícitas no discurso do informante

(84) eles passavam e morriam (Inq. 20).

(85) aí eles parU e me derU um envelope (Inq. 21).

b) Verbo precedido de verbo com marcas zero de plural no discurso do informante

(86) as pessoas SEgue todos os santo mas esquece de seguir o santo dos santos... (Inq. 22).

(87) eles risca os carros... eu via... risca os carros...seca os pneus dos carros é a pior bagunça (Inq.39).

c) Verbo isolado ou primeiro de uma série

(88) lá eles não paga esgoto (Inq. 39).

(89) eles forU criados pra lá e de lá (Inq. 39).

De acordo com o que já sinalizamos, nossa hipótese para este grupo é a de que a ausência de marcas plurais no primeiro SV leve à ausência de marcas no (s) SV seguinte (s). Acreditamos também que o fator verbo isolado ou primeiro de uma série pode também favorecer a variante com marcas de CV.

## F - Tipo estrutural do sujeito

Para compor a variável *tipo estrutural do sujeito*, selecionamos sete fatores, cada um correspondendo a uma representação de tipo de sujeito que pode ocorrer na língua portuguesa. Tais fatores são devidamente ilustrados logo adiante:

a) SN pleno simples

(90) ai quando chovia as paredes ficava todas brejadas assim... (Inq. 39).

(91) as pessoas não apanhava muito não (Inq. 39).

## b) SN pleno nu

(92) amigos mesmo de VERDAde são poucos (Inq. 47).

(93) a gente se admirava de peessoas que tratavam bem mas que geralmente não... (Inq. 59).

## c) SN pleno composto

(94) la mora três solteiros e a menina (Inq. 64).

(95) muitas vezes chegava lá homens e mulheres chorando... (Inq. 62).

## d) Pronome pessoal

(96) eles num são muito danados não (Inq. 64).

(97) eles tirava sempre assim um mês né (Inq. 65).

## e) Pronome indefinido

(98) alguns não falava lá era difícil demais pra gente (Inq. 67).

(99) outros cortam cabe::lo né (Inq. 88).

## f) Pronome demonstrativo

(100) esses aí são os verdadeiros anarquistas (Inq. 89).

(101) aqueles que ficarU... num... aprovarU não (Inq. 92).

## g) Quantificador

(102) Nem todos paga trinta reais (Inq. 06).

Para testar essa variável, assumimos juntamente com Zilles (2000) uma suposta relação entre o tipo e a posição do sujeito. De acordo com a autora, SNs do tipo pleno (simples, nu e composto), bem como pronomes indefinidos tendem a aparecer à direita do verbo. Neste sentido, é sabido que a posposição do sujeito tende a favorecer a CV. Assim, nossa expectativa é a de que os fatores SN pleno (simples, nu e composto) e pronomes indefinidos favoreçam o uso da variante com marcas de CV com a 3PP.

## 4.6.2.2 Variáveis extralinguísticas/sociais

## A - Sexo/gênero

No quadro das variáveis sociais, a variável gênero/sexo pode ser apontada como uma das mais testadas nas pesquisas sociovariacionistas. Dentre os estudos clássicos que observaram a atuação do fator sexo,<sup>30</sup> podemos citar o trabalho de Fisher (1958), sobre a variação na alternância entre *in-ing*, no final de verbos no presente particípio em inglês, fenômeno bastante recorrente na fala de crianças em processo de alfabetização residentes em uma vila semi-rural da Nova Inglaterra. Com ele, o autor verificou que a forma padrão<sup>31</sup> (*ing*) era mais recorrente na fala de crianças do sexo feminino do que no comportamento linguístico de crianças do sexo masculino.

Desde então, diversos estudos têm apontado a atuação da variável gênero/sexo sobre muitos fenômenos de variação e mudança linguística. Para essa variável, Labov (1994), ciente dos achados de Fisher (1958), assume que homens e mulheres, não raramente, tendem a apresentar distinções, em maior ou menor nível, em seus comportamentos linguísticos e podem desempenhar diferentes papéis diante de fenômenos de variação e mudança linguística. Esse fato tem feito com que Labov (1994, 2006) compreenda tal fator como um ponto da estratificação social dos falantes relevante “[...] para quase todos os casos de variação estável ou mudança em curso que se tem estudado” (LABOV, 2006, p.401, tradução nossa)<sup>32</sup>.

Segundo ele, os homens tendem a ser menos conservadores, fazendo maior uso das formas não padronizadas. Em sentido oposto, as mulheres aparentam ser mais propícias ao uso de formas padronizadas. Fato este que faz com que sejam percebidas como mais conservadoras do que indivíduos do sexo masculino. No entanto, diante de processos de variação e mudança linguística, as mulheres tendem a se mostrar mais inovadoras, desde que a forma nova seja bem avaliada socialmente. Caso contrário, elas tendem a optar pela forma que está há mais tempo na língua e que, geralmente, é tida como padrão.

Tais conjunturas têm levado Labov (2006) a defender a existência do chamado *paradoxo do gênero*. Com ele, entende-se que as mulheres tendem a favorecer o uso das variantes inovadoras, desde que sejam prestigiadas, no entanto, se mostram mais conservadoras diante do uso de formas inovadoras, quando elas não são bem avaliadas socialmente (LABOV, 2006).

Tendo em vista que este estudo contempla um fenômeno de variação marcado socialmente, apresentando, de um lado, uma variante bem avaliada socialmente, de outro, uma

<sup>30</sup> O termo sexo é usado em conformidade com o estudo de Fischer (1958).

<sup>31</sup> O termo padrão é empregado em referência ao modelo de língua imposto pela tradição gramatical.

<sup>32</sup> No original “[...] en casi cualquier caso de estratificación social estable y cambio en curso que se haya estudiado”.

forma estigmatizada, esperamos que as mulheres não favoreçam o uso da variante sem marcas de CV. Em sentido oposto, supomos que os homens estão atuando de modo favorável ao uso da variante sem marcas de CV com a 3PP na comunidade de fala de Fortaleza – CE.

Diante dessas expectativas, convém destacar as palavras de Labov (2006, p. 402, tradução nossa)<sup>33</sup> quando nos diz que, “a pesar das mudanças radicais na posição socioeconômica das mulheres nas sociedades, devemos lembrar que elas seguem se mostrando mais preocupadas [com a educação] das crianças e figurando como um grupo de *status* menos favorecido”. Com isso, vemos que o reconhecimento de que as mulheres ainda tendem a desempenhar um forte papel materno e ocupar uma posição ainda não favorecida em sociedades como a brasileira podem fazer com elas busquem preservar em seus comportamentos linguísticos formas prestigiadas. Diante disso, convém destacar ainda as palavras de Santos (2011, p.48):

As mulheres sinalizam seu *status* social através da sua utilização da norma, abertamente variantes de prestígio. A entrada feminina no mercado de trabalho é um fato relativamente recente. A necessidade de reconhecimento profissional e social é ainda uma prioridade feminina. Os homens, por outro lado, já conquistaram os espaços públicos, o respeito e reconhecimento sociais necessários, o que sinaliza uma diferença de prioridade entre os grupos. Enquanto mulheres ainda têm de buscar respeito social, os homens podem contar com a memória coletiva e gozar do reconhecimento de que gozam os falantes desse gênero<sup>34</sup>.

Nossas expectativas para o comportamento da variável gênero/sexo sobre o fenômeno investigado podem ser justificadas ainda, tendo em vista que, dentre os resultados obtidos para a variável gênero/sexo observados nos estudos sociolinguísticos, comentados no capítulo 3, vimos que informantes do sexo feminino têm se mostrado favoráveis ao uso da CV com a 3PP. Assim, somos levados a supor que os informantes do gênero/sexo masculino podem favorecer a ausência de CV no falar popular de Fortaleza – CE, ao contrário das mulheres.

Posto isso, frisamos que, seguindo as estratificações dos falantes, segundo a variável gênero/sexo, assumidas para a construção do NORPOFOR, controlamos dois fatores, em nossa amostra:

a) homens

---

<sup>33</sup> No original: “A pesar de los cambios radicales en la posición socioeconómica de las mujeres en las sociedades que habremos de considerar, seguen siendo quienes más se ocupan de niños y siguen un grupo de estatus secundário”.

<sup>34</sup> O termo gênero é usado em conformidade com o original.

b) mulheres

## **B - Faixa etária**

Papel importante, no quadro das pesquisas sociolinguísticas, também é atribuído à variável faixa etária. Ela nos permite observar, não somente um quadro de variação, mas também nos possibilita formular inferências sobre um possível quadro de mudança. Primeiro, temos assumido que falantes com diferentes faixas etárias e, portanto, pertencentes a diferentes gerações, tendem a apresentar diferenças em seus comportamentos linguísticos.

De igual modo, com a variável faixa etária, naturalmente com o auxílio de outros fatores sociais, como o gênero/sexo e escolaridade, e linguísticos – estes dependendo do fenômeno investigado – é possível inferir se um fenômeno apresenta indícios de mudança em curso ou se figura como variação estável. A esse respeito, destacamos, conforme Araújo (2007, p. 395) que “[...] o comportamento linguístico de cada geração reflete um estágio da língua, com os grupos etários mais jovens introduzindo novas formas alternantes que substituem gradativamente aquelas que caracterizam a fala de indivíduos de faixas etárias mais velhas”.

Assim, vemos que os grupos mais jovens tendem a se mostrar mais favoráveis ao uso de formas inovadoras, enquanto falantes mais velhos podem se mostrar mais conservadores diante de fenômenos de variação e mudança linguística. Para nosso trabalho, esse é, justamente, o comportamento que esperamos dos nossos informantes.

Em outras palavras, acreditamos que falantes mais jovens estão favorecendo o uso da CV com a 3PP no falar popular de Fortaleza – CE, ao contrário dos falantes mais velhos. Assumimos essa hipótese, tendo em vista que, no quadro dos estudos observados sobre o fenômeno investigado por nós, conforme discutido no capítulo 3, os falantes mais jovens não se mostraram favoráveis ao uso da variante sem marcas de CV, mas sim da variante com marcas de CV.

Lembramos que, para a variável faixa etária, trabalhamos com três faixas distintas, segundo o modelo de construção do NORPOFOR:

- a) Faixa I: 15 a 25 anos
- b) Faixa II: 26 a 49 anos
- c) Faixa III: A partir de 50 anos

## C - Escolaridade

Para completar o quadro das variáveis sociais testadas em nosso estudo, tratamos a escolaridade que também tem se mostrado bastante produtiva para as pesquisas sociolinguísticas. Controlando tal variável, assumimos que a escolaridade pode atuar de modo significativo sobre o comportamento linguístico dos falantes.

Em linhas gerais, temos percebido que graus mais elevados de escolaridade tendem a aproximar a fala e/ou escrita dos sujeitos, pertencentes a determinadas comunidades de fala, do modelo de língua perpetuado pela escola que, na grande maioria das vezes, reflete um modelo padronizado e que, supostamente, se aproxima da língua e/ou escrita dos falantes situados em escalas sociais mais favorecidas (FARACO, 2008; VOTRE, 2012).

No que tange à variação na CV com a 3PP, os estudos sociolinguísticos, incluindo alguns dos que comentamos no capítulo 3, têm frequentemente indicado que a ausência de CV é mais presente no comportamento linguístico de informantes com pouca ou nenhuma escolaridade. Em sentido oposto, falantes com altos níveis de escolarização tendem a favorecer, de modo mais acentuado, o uso da CV. Esse fato parece indicar uma tendência de uso e pode ser percebido em praticamente todas as regiões brasileiras (PEREIRA; ARAÚJO, 2016).

Diante disso, vale lembrar que, ao tratar da variação na CV com a 3PP, estamos diante de um fenômeno marcado socialmente. Assim, como já foi indicado em muitos momentos deste trabalho, temos uma forma preservada pela tradição escolar e uma forma estigmatizada que tende a ser alvo de crítica, desprezo e correção na escola.

Desse modo, somos levados a supor que falantes com pouco ou nenhum acesso aos bancos escolares usam, de modo mais discreto, formas prestigiadas e preservadas pela tradição escolar, recorrendo, assim e, em maior grau, à formas não prestigiadas. Ao testarmos a variável escolaridade, trabalhamos com os três níveis contemplados pelo NORPOFOR, isto é:

- a) Nível I: nenhum a 4 anos
- b) Nível II: 5 a 8 anos
- c) Nível III: 9 a anos

#### 4.7 CODIFICAÇÃO DOS FATORES

Após concluirmos o nosso envelope de variação no qual descrevemos a variável dependente com todas as suas variantes e todos os contextos controlados em nosso estudo, além de indicarmos as variáveis linguísticas e sociais a serem testadas (COELHO *et al.*, 2015), demos início à codificação dos dados. Nessa parte do trabalho, cada fator testado recebeu um código diferente. Para isso, seguimos as instruções de Coelho (*et al.*, 2012) e Guy e Zilles (2007). Assim, usamos as letras, números e outros símbolos que compõem os caracteres disponíveis no computador.

Para facilitar a compreensão do que estamos colocando a respeito da codificação das ocorrências do fenômeno investigado, observemos a seguinte ocorrência, retirada do inquérito 06: eles vinha atrás... Neste estudo, ela foi codificada da seguinte maneira: (0=h1+&eMiN. Nessa cadeia de codificação, o numeral (0) representa a variante dependente concordância não-padrão; o símbolo (=) corresponde ao fator *envolve mudança na qualidade da vogal temática*, da variável independente *saliência fônica*; a letra (h) representa o fator *traço humano*, da variável *traço humano do sujeito*; o numeral (1) corresponde ao fator *sujeito anteposto perto* (um após o outro), da variável *posição e distância entre verbo-sujeito*; o símbolo (+) representa o fator *sujeito com marcas de plural explícitas sem Sprep*, da variável *paralelismo formal no nível oracional*; o símbolo (&) corresponde ao fator *verbo isolado ou primeiro de uma série*, da variável *paralelismo formal no nível discursivo*; a letra (e) representa o fator *pronome pessoal*, da variável *tipo estrutural do sujeito*; a letra (M) corresponde ao fator *mulher*, da variável social *gênero/sexo*; a letra (i) ao fator *falante com mais de 50 anos*, da variável *faixa etária* e a letra (N) corresponde ao fator *falante com 0-4 anos de escolaridade*, da variável *escolaridade*.

Assinalamos que procuramos, na medida do possível, dar ao fator testado um código que, de algum modo, se assemelhasse ao fator controlado. Tomamos esse cuidado com o intuito de facilitar nossa memorização durante a codificação dos dados coletados. Após a codificação de todos os fatores, submetemos nossos dados às análises do GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), sobre o qual tecemos maiores comentários na seção seguinte.

#### 4.8 FERRAMENTA ESTATÍSTICA

Para as análises estatísticas realizadas neste trabalho, adotamos o GoldVarbX<sup>35</sup> (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), programa computacional muito usado entre os sociovariacionistas. Atualmente, o GoldVarbX figura como uma adaptação do VARBRUL para o ambiente *Windows* (SCHERRE, 2012). De acordo com Guy e Zilles (2007, p. 105, grifos nossos), “o VARBRUL é um conjunto de programas computacionais de **análise multivariada**, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística”. As análises são tidas como multivariadas porque permitem “separar, quantificar e testar a significância dos efeitos dos fatores contextuais em uma variável linguística” (GUY; ZILLES, 2007, p. 34).

Com isso, vemos que a ferramenta de análise estatística adotada aqui serve aos nossos interesses, já que buscamos observar, em termos numéricos, justamente, em que medidas fatores externos e/ou internos ao sistema linguístico atuam, principalmente, sobre o uso da variante não-padrão para a concordância entre verbo-sujeito na 3PP. O *quantum* com que as categorias postuladas atuam sobre o fenômeno investigado é, então, um dos problemas centrais para a sociolinguística (NARO, 2012).

Neste sentido, o GoldVarbX nos fornece, conforme veremos no capítulo seguinte, as percentagens e os pesos relativos referentes à atuação de todos os fatores que elencamos como possíveis favorecedores ou não da variante não-padrão no fenômeno investigado. Em um trabalho de base quantitativa como este, calcular a probabilidade de uso de dadas regras é de suma importância. Contudo, é preciso lembrar que:

[...] os resultados numéricos obtidos pelos programas só têm valor estatístico. O seu valor linguístico é atribuído e interpretado pelo linguista. [...] Nunca é demais repetir que a estatística é apenas um instrumento valioso que pode nos auxiliar a entender um pouco mais o comportamento de fenômenos linguísticos (SCHERRE; NARO, 2012, p. 162).

No que tange à consideração dos valores alcançados para as percentagens e para os pesos relativos, ressaltamos que, no capítulo seguinte, discutimos tanto os valores atingidos para as percentagens como para os pesos relativos. Isso porque, considerar apenas as

---

<sup>35</sup> É possível ter acesso, gratuitamente, ao GoldVarbX através do endereço: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.htm.l>.

percentagens não é uma opção tida, dentre os variacionistas, como suficiente. De acordo com Naro (2012, p.19), as frequências brutas dos resultados “podem ser falaciosas, porque seu cálculo não leva em conta as interrelações existentes entre as categorias que atuam numa regra variável”.

Neste sentido, a possibilidade de calcular os pesos relativos de cada fator, o que também é possível com a utilização do GoldVarbX, é um ponto bastante significativo das análises estatísticas realizadas em um estudo variacionista, visto que eles podem fornecer informações estatisticamente mais precisas. Os pesos relativos fornecidos pelo programa são entendidos como valores projetados, durante as análises multivariadas, com o intuito de medir a atuação dos fatores linguísticos e sociais sobre cada forma que compõe o fenômeno variável em análise, isto é, em função da variável dependente (SCHERRE; NARO, 2012).

Durante o manuseio dos chamados pesos relativos, que são estabelecidos entre 0 e 1,00, entenderemos, conforme explicam Guy e Zilles (2007, p. 211), que seu “efeito [...] pode ser neutro (0,50), favorecedor (acima de 0,50) ou desfavorecedor (abaixo de 0,50) em relação à aplicação da regra em estudo”.

Lembramos que esses valores são válidos apenas para fenômenos que comportam duas variantes linguísticas, isto é, para uma variante binária, caso do fenômeno estudado por nós. Para variáveis que apresentam mais de duas variantes, o efeito dos pesos é observado com base em outros valores (Cf. nota 11). Além de ser possível observar a influência dos fatores testados, com as análises fornecidas pelo GoldVarbX, poderemos perceber também qual a variante favorita para a expressão de concordância entre verbo-sujeito na 3PP, no falar popular dos fortalezenses.

Durante as análises, o pesquisador deve atentar ainda para o chamado *input* das rodadas fornecidas pelo programa. Segundo Scherre e Naro (2012, p. 165, aspas no original):

O papel do *input* no modelo misto ou logístico é o de fazer com que exista ‘somente um conjunto de efeitos de fatores que prediz qualquer conjunto particular de percentagens contextuais’ e permitir que diferentes análises do mesmo conjunto de dados possam ser adequadamente comparadas (Sankoff, 1988b). O *input* funciona como um ponto de referência para o fenômeno variável, e o efeito de cada fator pode ser interpretado como uma medida do desvio deste ponto de referência associado ao fator.

Em outras palavras o *input* de cada regra variável é uma medida do uso geral do fenômeno. Ele nos indica a probabilidade que a variante, sobre a qual a análise está centrada, tem de ocorrer nos grupos de fatores considerados em cada rodada (GUY; ZILLES, 2007). O

valor do *input* é fornecido em números de 0,000 a 1,000. Assim sendo, “um *input* de 0,024 nos diz que a variante analisada tem 2,4% (24/1000) de probabilidade de ocorrer no contexto da rodada” (SOUZA, 2015, p.64).

Além do *input*, é preciso atentar ainda para o *nível de significância* da rodada considerada significativa. Sobre esse ponto, Scherre e Naro (2012) indicam que quanto mais baixo, isto é, próximo de 0,05 ou 0,01, mais confiável é a rodada. Isso significa dizer, grosso modo, que os dados obtidos não foram camuflados pelos percentuais fornecidos. Naturalmente, há limites para se considerar a análise, de fato, significativa. Tais limites, ou margem de erro, giram em torno de 0,050, isto é, 5% (GUY; ZILLES, 2007).

Posto isso, frisamos que o GoldVarb X pode realizar várias análises ou rodadas. A primeira delas, geralmente, é feita com o intuito de calcular as porcentagens para todos os fatores controlados, devidamente informadas pelo chamado ‘arquivo de células’. Nessa fase das análises, podem aparecer alguns nocautes. Na terminologia de análises estatísticas realizadas dentro da perspectiva variacionista, um nocaute acontece quando “[...] um fator, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente” (GUY; ZILLES, 2007, p. 158)<sup>36</sup>.

Os nocautes são entendidos como um problema para as análises estatísticas fornecidas pelo GoldVarb X, pois implicam dizer que, em um dado contexto, o uso de uma determinada variante foi categórico, ou seja, não houve variação. E, como estamos apontando, o programa adotado por nós, opera apenas com regras variáveis. Além disso, “o valor do peso de um nocaute não precisa ser calculado: se a porcentagem de aplicação em determinado contexto é 0%, o peso deste fator é 0, e se a porcentagem é 100%, o peso é 1, e nada mais importa, a não ser o efeito do fator em questão (GUY; ZILLES, 2007, p. 158).

Diante disso, é preciso saber como proceder na presença de nocautes. Segundo Guy e Zilles (2007), há várias maneiras de lidarmos com um nocaute, a fim de darmos sequência a nossas análises. Em linhas gerais, os pesquisadores têm optado pela eliminação do grupo de fatores em que o nocaute aparece ou pelo amálgama, isto é, junção dos fatores que apresentaram nocautes com outros fatores do grupo.

Para a primeira alternativa, é preciso observar se os dados eliminados não trarão prejuízos para as demais rodadas, o que pode acontecer quando o número de dados eliminados é muito elevado. Já no caso dos amálgamas, o pesquisador deve se basear em critérios de ordem teórica e quantitativa, ou seja, é preciso “combinar fatores que são linguística ou

---

<sup>36</sup> Durante nossas análises, ocorreram alguns nocautes que, no capítulo seguinte, serão apresentados, bem como os procedimentos adotados para eliminá-los.

socialmente semelhantes, ou que podem ser tratados como subtipos de uma supercategoria, e que ao mesmo tempo são semelhantes em termos quantitativos” (GUY; ZILLES, 2007, p. 160).

Eliminados os nocautes, que podem ocorrer, é possível dar continuidade às rodadas dos dados no GoldVarb X. Ele nos indicará quais variáveis, tanto linguísticas como sociais, mostraram-se estatisticamente relevantes e apontará aquelas que não se revelaram pertinentes. Lembramos que a seleção das variáveis pelo programa obedece à ordem de relevância com que cada uma delas atuou sobre o fenômeno de variação estudado.

Além dos chamados amálgamas dos fatores, vale pontuar ainda que o GoldVarb X nos possibilita excluir fatores ou grupos inteiros, caso o pesquisador julgue necessário (GUY; ZILLES, 2007). De igual modo, o programa nos possibilita realizar análises mais ‘refinadas’. Nelas é possível observar como o fenômeno investigado se comporta mais especificamente no falar de informantes com determinado perfil social (GUY; ZILLES, 2007).

Por exemplo, neste trabalho – conforme veremos no capítulo 5 – julgamos interessante observar, de modo mais apurado como a variação entre verbo-sujeito na 3PP ocorre no falar dos fortalezenses com 0-4 anos de escolaridade, bem como no falar apenas dos mais velhos e no comportamento apenas das mulheres. Para isso, realizamos uma análise, além da análise geral, em função de cada um dos grupos citados. Para tanto, foi preciso, por exemplo, eliminar, na rodada para os falantes menos escolarizados, as células dos informantes com 5-8 anos e 9-11 anos de escolarização. Na rodada realizada somente para os falantes mais velhos, ou seja, com mais de 50 anos, eliminamos as células referentes ao comportamento dos informantes com 15-25 e com 26-49 anos. Já na rodada realizada somente em função das mulheres, eliminamos as células para o comportamento dos falantes do sexo masculino.

Por último, convém mencionar que, com dados fornecidos pelo programa, foi possível verificar se as hipóteses que inicialmente levantamos foram confirmadas ou não. Assim sendo, caso um grupo de fatores tenha sido selecionado, dizemos que a hipótese foi confirmada. Caso ele tenha sido selecionado, mas os fatores que o compõem não se comportaram de acordo com o que esperávamos, dizemos que a hipótese também foi rejeitada. Em sentido oposto, quando o grupo de fatores testado foi selecionado e os fatores que o compõem se comportam como esperávamos, dizemos, então, que a hipótese foi confirmada.

Após discutirmos, neste capítulo, os principais procedimentos metodológicos percorridos para a realização deste estudo, apresentamos e discutimos, no capítulo seguinte,

os resultados alcançados com as análises estatísticas realizadas sobre os dados, com o auxílio do GoldVarb X.



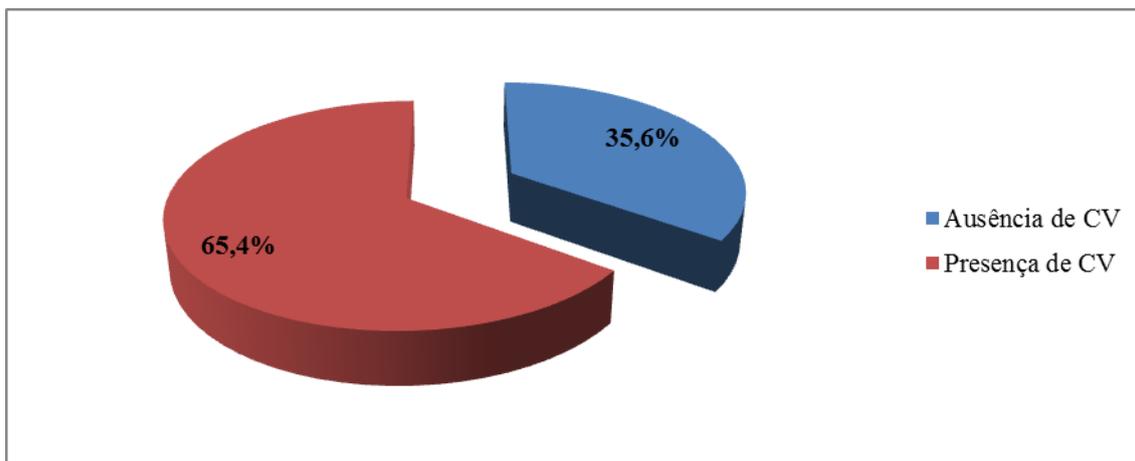
## 5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresentamos e discutimos os resultados obtidos para a investigação do fenômeno de variação na CV com a 3PP, no falar popular de Fortaleza – CE. Com o intuito de oferecer um apurado quadro dos resultados aos quais chegamos, após rigorosas análises, distribuimos nossos resultados em gráficos e tabelas, a partir dos quais discutimos o comportamento da CV com a 3PP, bem como das variáveis independentes, tanto de natureza linguística como social, que se mostraram relevantes para o fenômeno em estudo. Pontuamos que todas as rodadas foram realizadas em função da ausência de CV, o que naturalmente não nos impede de observar como a presença de CV se comportou em nossa amostra.

Ao todo, foram realizadas 5 rodadas. Na primeira, procuramos obter uma visão geral da variação na CV com a 3PP, no falar de Fortaleza – CE, no universo da amostra construída para este estudo. Nessa rodada, foram localizados alguns nocautes, o que impossibilita o programa de apontar os grupos de fatores relevantes para o estudo, bem como de calcular os pesos relativos para os fatores selecionados. Após a eliminação dos nocautes, realizamos uma segunda rodada, na qual foram selecionadas cinco variáveis linguísticas e três sociais. Tendo em vista que todas as variáveis sociais foram selecionadas, realizamos mais três rodadas refinadas, uma para cada um dos fatores sociais apontados como significativos para este trabalho, o que nos permitiu observar o comportamento da CV com a 3PP em diferentes estratos sociais. Assim, a terceira rodada foi realizada em função apenas dos *falantes não escolarizados*; a quarta, para os *informantes mais velhos* e a quinta, para os *falantes do sexo/gênero feminino*.

### 5.1 PRIMEIRA RODADA: VISÃO GERAL DO FENÔMENO

Nossa primeira rodada indicou que, ao longo dos 72 inquéritos selecionados para esta pesquisa, obtivemos 3.489 ocorrências de variação na CV com a 3PP. Desse total, 2.283 (65,4%) apresentam a CV, enquanto que 1.206 (34,6%), das ocorrências, correspondem à ausência de CV. Tais resultados podem ser melhor observados no gráfico 1:

**Gráfico 1 - Frequência de uso da CV com a 3PP para a primeira rodada**

Fonte: Elaborado pela autora.

Os resultados do gráfico 1 indicam que, ao contrário do que esperávamos, a frequência de uso da ausência de CV foi notavelmente menor do que o uso da CV com a 3PP, presente quase que no dobro das ocorrências do referido fenômeno em nossa amostra. A partir disso, podemos afirmar que, no processo de variação entre presença *versus* ausência marcas de CV com a 3PP, no falar popular de Fortaleza – CE, há a predominância da CV. Em outras palavras, nossos resultados indicam que a presença de CV é mais frequente no comportamento dos falantes selecionados para este estudo. Vemos também que, no falar dos fortalezenses, a ausência e presença de CV coexistem e são usadas, em maior e menor grau em situações reais de interação verbal.

Ainda em relação aos índices gerais para a variação na CV com a 3PP, ressaltamos que fomos surpreendidos por eles. Afinal, inicialmente, compartilhávamos a ideia de que as variedades tidas como populares tendem a se mostrar mais sensíveis ao uso da variante sem marcas de CV (ANJOS 1999; MONGUILHOTT 2001; ALVES DA SILVA, 2005; MONTE, 2007; LUCCHESI; BAXTER; SILVA, 2009), o que não aconteceu em nossa amostra. A esse respeito, vejamos a frequência de uso da ausência de CV em outras variedades do PB, que também não levaram em consideração falantes com ensino superior completo, um dos principais critérios adotados para a construção do NORPOFOR, a partir do qual construímos a amostra deste estudo:

**Tabela 1 - Número de ocorrências e frequência de uso da ausência de CV em diferentes variedades do PB**

Variedade/Estudo	Nº de oco/Nº total de dados	%
Cinzento, Morrinhos e Poções – BA: (Alves da Silva, 2005)	1.733/2.100	83%
Salvador –BA: (Teixeira; Lucchesi e Mendes, 2013)	1.078/1.409	77%
Mato Grosso do Sul –MS: (Sgarbi, 2006)	439/832	53%

Fonte: Elaborado pela autora.

Como podemos ver na tabela 1, o uso da variante sem marcas de CV, em três diferentes variedades do PB, se mostrou bem mais acentuado do que na variedade popular de Fortaleza – CE. Longe de nos desconsertar, visto que contrariam o que esperávamos de início, esses resultados nos instigam a buscar possíveis explicações para eles. A tese ventilada para tentar explicar as notáveis diferenças entre os resultados de nossa amostra e os três referidos estudos na tabela 1 é a de que tais diferenças podem estar associadas às diferenciações na estratificação social dos falantes para a amostra usada neste estudo e nos demais, em especial no que tange à variável escolaridade.

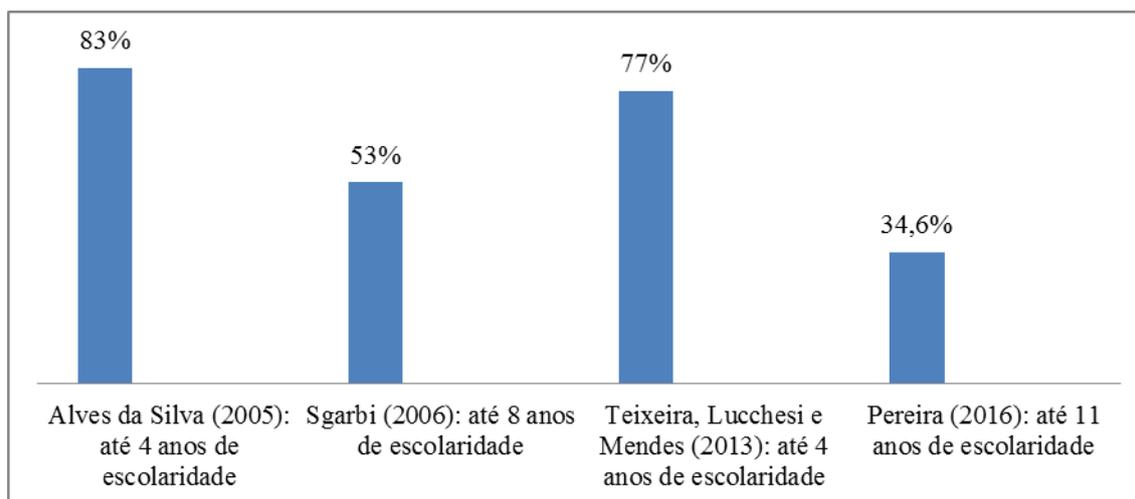
De modo mais direto, nos trabalhos de Alves da Silva (2005) e Teixeira, Lucchesi e Mendes (2013), para os quais a ausência de CV ocorreu com maior frequência, foram selecionados falantes que possuíam até 4 anos de escolaridade. Frisamos que o primeiro realizou seu estudo com base em amostras de fala colhidas em três comunidades (Cinzento, Morrinhos e Poços) e o segundo em duas comunidades (Itapuã e Liberdade), todas localizadas no interior da Bahia – BA.

Por sua vez, Sgarbi (2006), que estudou a variação na CV com a 3PP em 30 municípios diferentes do estado do Mato Grosso do Sul – MS, considerou falantes com até 8 anos de escolaridade. Já em nossa pesquisa, trabalhamos com informantes que possuíam até 11 anos de escolaridade. Além disso, é importante lembrar que os dados desta dissertação são provenientes do comportamento de falantes oriundos de um grande centro urbano, o que certamente pode influenciar seus comportamentos linguísticos, fazendo com que tendam a preservar em seus comportamentos linguísticos a forma para a CV mais próxima do modelo de língua preservado pelos grandes bancos escolares.

Diante disso, somos, portanto, levados a supor que a diminuição da frequência no uso da variante sem marcas de CV com a 3PP pode estar relacionada ao aumento da escolaridade dos informantes considerados em cada estudo, bem como ao tipo de comunidade em estudo. Para melhor observar as diferenças percentuais entre o uso da ausência de CV

neste e em outras variedades do PB, comparamos os resultados para o uso da variante sem marcas de CV, em nossa amostra, e nos estudos de Alves da Silva (2005), Teixeira, Lucchesi e Mendes (2013) e Sgarbi (2006), conforme o gráfico 2:

**Gráfico 2 - Comparação entre a frequências de uso da ausência de CV neste estudo e em outras variedades do PB**



Fonte: Elaborado pela autora.

De fato, ao observarmos o gráfico 2, percebemos uma notória diminuição no uso da ausência de CV com a 3PP, neste estudo, em relação ao uso da mesma variante nos trabalhos de Alves da Silva (2005), Teixeira, Lucchesi e Mendes (2013) e Sgarbi (2006), realizados em outras variedades do PB. Conforme já pontuamos, essa diminuição das porcentagens para o uso para a ausência de CV nos parece estar associada ao aumento da escolaridade dos falantes considerados em cada amostra de fala e ao tipo de comunidade de fala estudada.

Além de nos proporcionar uma visão geral da variação na CV com a 3PP, no falar de Fortaleza – CE, a rodada 1 deste estudo também apontou alguns nocautes. Os grupos que apresentaram nocautes foram: *paralelismo formal no nível oracional* e *paralelismo formal no nível discursivo*. Conforme discutimos no capítulo anterior, o nocaute acontece quando uma das variantes controladas ocorre de modo categórico em um determinado contexto (GUY; ZILLES, 2007).

Por exemplo, na variável *paralelismo formal no nível discursivo*, o uso da ausência de CV com a 3PP se revelou categórico diante do seguinte contexto: *verbo precedido de verbo com marcas zero de plural no discurso do informante*, para o qual registramos apenas 4 ocorrências. Já na variável *paralelismo formal no nível oracional*, o uso

da ausência de CV também se mostrou categórico diante do contexto: *sujeito sem marcas de plural explícitas e sem preposição*, para o qual obtivemos 63 ocorrências.

Dada a impossibilidade de prosseguir as análises no GoldVarb X com nocautes entre os dados, resolvemos eliminá-los, amalgamando os fatores em que o uso da ausência de CV se mostrou categórico com outro fator do mesmo grupo com o qual apresentava alguma similaridade linguística. De modo mais preciso, na variável paralelismo formal no nível oracional, por exemplo, amalgamamos o fator *verbo precedido de verbo com marcas zero de plural no discurso do informante* com o fator *verbo precedido de verbo com marcas formais de plural explícitas no discurso do informante*.

Desse modo, a variável paralelismo formal no nível oracional, para a qual tínhamos elencado, de início, três fatores (cf. Metodologia), ficou apenas com dois, isto é: *verbo precedido de verbo com ou sem marcas formais de concordância no discurso do informante* e *verbo isolado ou primeiro de uma série*. Na seção seguinte, apresentamos os resultados para a referida variável, já que podemos antecipar que ela foi selecionada pelo GoldVarb X, como estatisticamente relevante.

## 5.2 SEGUNDA RODADA

Após amalgamarmos os fatores que apresentaram nocautes na primeira rodada, realizamos uma segunda rodada com a qual obtivemos resultados significativos. Assim, foi possível identificar quais fatores se mostraram relevantes para a variação na CV com a 3PP, para a rodada 2 deste estudo, bem como calcular o peso relativo dos fatores selecionados.

Para nossa segunda rodada, portanto, o melhor nível de análise foi o *step up 45*, com *input* de 0.275 e nível de significância igual a 0.010, o que indica que a variante sem marcas de CV tem grandes probabilidades de ocorrer nos contextos selecionados para esta rodada. As variáveis apontadas como estatisticamente relevantes para a segunda rodada foram, nesta mesma ordem: *saliência fônica*, *escolaridade*, *traço humano do sujeito*, *paralelismo formal no nível discursivo*, *faixa etária*, *posição e distância entre sujeito e verbo*, *tipo estrutural do sujeito* e *sexo/gênero*.

Desse modo, vemos que, dentre as seis variáveis linguísticas testadas, apenas o *paralelismo formal no nível oracional* foi descartado pelo programa. Refutando, assim, a hipótese inicial de que essa variável poderia ser relevante para este estudo, a exemplo de outras pesquisas sobre a variação na CV com a 3PP (ANJOS, 1999; MONGUILHOTT, 2001;

MONTE, 2007; RUBIO, 2008). Já, dentre as variáveis sociais controladas, vemos que todas foram selecionadas pelo GoldVarb X.

Dito isso, passamos a apresentar os resultados para cada variável apontada como pertinente na segunda rodada deste estudo. Frisamos que elas foram devidamente apresentadas segundo a ordem de seleção pelo programa.

### **Saliência fônica**

Ao voltarmos nossas atenções para estudos sobre a variação na CV com a 3PP realizados em outras variedades do PB (cf. capítulo 3), objetivávamos, principalmente, observar quais variáveis, tanto linguísticas como sociais, frequentemente são apontadas como relevantes para o fenômeno em estudo. Dentre as variáveis linguísticas, vimos que a saliência fônica foi indicada como pertinente em grande parte das pesquisas que observamos (ANJOS, 1999; MONGUILHOTT, 2001, 2009; MONTE, 2007; RUBIO, 2008). Diante disso, resolvemos testá-la neste estudo, acreditando que a referida variável também poderia se mostrar pertinente para a variação na CV com a 3PP, com base em dados retirados do falar popular de Fortaleza – CE.

Conforme apontamos anteriormente, a saliência fônica foi, neste estudo, a primeira variável apontada como estatisticamente relevante pelo GoldVarb X, confirmando, assim, a hipótese de que ela estaria atuando sobre o fenômeno investigado também no falar popular dos fortalezenses.

Em linhas gerais, com o controle da variável saliência fônica, buscamos observar como maiores e menores ‘níveis’ de saliência entre as formas verbais no singular e plural podem influenciar o uso das variantes com e sem marcas de CV com a 3PP. De acordo com as discussões que estabelecemos nos capítulos 3 e 4, desta dissertação, a premissa para atuação dos fatores que compõem a variável saliência fônica é a de que formas menos salientes e, conseqüentemente, menos perceptíveis, tendem a favorecer a ausência de CV enquanto as formas mais salientes e, por isso, mais perceptíveis tendem a favorecer o uso da CV (LEMLE; NARO, 1977; NARO, 1981; SCHERRE, 1989; SCHERRE; NARO, 1997, 1998).

Corroborando com tais premissas, ao testarmos a variável saliência fônica, esperávamos, justamente, que as formas menos salientes favorecessem a ausência de CV, enquanto não ensejávamos para as formas mais salientes grandes atuações em relação ao favorecimento da ausência de CV com a 3PP no falar popular de Fortaleza – CE. Posto isso,

vejamos os resultados para os fatores que compõem a variável saliência fônica, controlados em nosso estudo, conforme a tabela 2:

**Tabela 2 - Atuação da variável saliência fônica sobre a ausência de CV**

<b>Nível 1: Posição não acentuada</b>	<b>Apl/Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
a. Não envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural	165/201	45,1%	0.674
b. Envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural	699/1398	50,0%	0.734
c. Envolve acréscimo de segmentos na forma plural	123/184	66,8%	0.832
<b>Nível 2: Posição acentuada</b>			
a. Envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural	71/756	9,4%	0.162
b. Envolve acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural	78/242	32,2%	0.534
c. Envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural	70/543	13,9%	0.194

Fonte: Elaborado pela autora.

Os dados da tabela 2 confirmam nossas hipóteses iniciais para a atuação da variável saliência fônica sobre a variação na CV com a 3PP em nossa amostra, isso porque as formas menos salientes, distribuídas no nível 1 (posição não acentuada), apresentaram índices bem maiores para o uso da variante sem marcas de CV do que as formas mais salientes, postas no nível 2 (posição acentuada). De modo mais preciso, vemos que as formas menos salientes favorecem o uso da ausência de CV.

Assim, apresentamos nas ocorrências (103), (104) e (105) contextos que correspondem aos níveis 1a, 1b e 1c, respectivamente, isto é, aos contextos que beneficiaram, em nossa amostra, o uso da variante sem marcas de CV, na variável saliência fônica:

(103) não sei dizer o que o eles sabe (NORPOFOR, Inq. 06).

(104) as menina aju::da... (NORPOFOR, In. 06).

(105) aí eles diz assim (NORPOFOR, Inq. 10).

Se por um lado, vimos que as formas menos salientes favorecem o uso da variante sem marcas de CV em nossa amostra, os dados da tabela 2 indicam também que as formas mais salientes não se mostraram estatisticamente aliadas ao uso da referida variante. No entanto, essa constatação não é de todo verdade, afinal, o fator do nível 2b (envolve acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural), ou seja, situado entre as formas mais salientes, se mostrou favorável para o uso da ausência de CV, contrariando, assim, o que esperávamos para o comportamento do referido fator, no nível 2.

Desse modo, construções como em (106): e elas foram até o mercado<sup>37</sup>, ainda que situadas no nível das formas mais salientes, se mostraram favoráveis ao uso da variante sem marcas de CV. Por outro lado, as formas dos níveis 2a (Envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural) e 2c (Envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural), para as formas mais salientes, não favoreceram o uso da variante sem marcas de CV. Sobre tais formas, vejamos as ocorrências em (107) e (108):

(107) os seios já tá mais protegidos co/com o protetor (NORPOFOR, Inq. 12).

(108) eles não são:: éh:: monoteístas né (NORPOFOR, Inq. 12).

Em termos numéricos, vimos que, para o fator do nível 2b (envolve acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural), a frequência de uso da variante sem marcas de CV foi igual a 32,2% e o seu peso relativo correspondente a 0.534. Tais números indicam que, apesar de o nível 2b apresentar frequência menor do que todos os fatores controlados no nível 1, ele favorece, ainda que discretamente, a ausência de CV.

Em sentido contrário e atendendo as nossas expectativas, os fatores situados nos níveis 2a (Envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural) e 2c (Envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural), conforme já indicamos, não favoreceram o uso da variante sem marcas de CV. Para o nível 2a, a frequência para a ausência de CV foi de 9,4% com peso relativo igual a 0.162.

Seguindo a mesma linha, o nível 2c também apresentou baixos índices de uso da variante sem marcas de CV. Para ele, a frequência de uso da referida variante foi igual a 13,9% e peso relativo de 0.194. Ao compararmos os resultados dos níveis 2a e 2c, vemos que eles apresentam um percentual pequeno de diferença, quanto ao uso da variante sem marcas de CV, tanto em termos de frequência como de peso relativo.

No que tange aos fatores do nível 1 da variável saliência fônica, vemos, conforme também já indicamos, que todos os fatores favoreceram o uso da variante sem marcas de CV com a 3PP.

Assim, os dados indicam que, para o nível 1a (Não envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural), o índice de frequência para a variante sem marcas de CV é igual a 45,1% e peso relativo de 0.674. De igual modo, os níveis 1b (Envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural) e 1c (Envolve acréscimo de segmentos na forma plural) também favoreceram a ausência de CV. O primeiro atingiu um percentual de 50% e peso relativo igual

---

<sup>37</sup> NORPOR, Inq. 11.

a 0.734, enquanto que o segundo apresentou índices e pesos ainda mais elevados com 66,8% de frequência e peso relativo de 0.832.

Tais resultados confirmam, de fato, nossas hipóteses em relação à variável saliência fônica, isto é, a de que formas verbais menos salientes favorecem a ausência de CV com a 3PP. Os níveis extremos (mais favorável e menos favorável) para a variável saliência fônica são, portanto, 1c e 2a. O primeiro atuou no sentido de favorecer a ausência de CV, enquanto que o segundo agiu no sentido de inibi-la.

### **Escolaridade**

A variável escolaridade foi a primeira de caráter social selecionada pelo GoldVarb X como estatisticamente relevante para este estudo. Desse modo, inserimo-nos no quadro dos estudos variaconistas que apontam a correlação entre a escolaridade e o uso de determinadas variantes linguísticas, de forma mais precisa, das variantes com e sem marcas de CV com a 3PP.

Conforme discutimos, em outros momentos deste estudo, o uso de formas próximas ao modelo de língua imposto pela tradição escolar tem sido associado à linguagem de falantes com mais anos de escolarização. Por outro lado, temos percebido uma tendência maior para a presença de formas que não condizem com o modelo de língua preservado pela tradição escolar, no comportamento linguístico de falantes com pouca ou nenhuma escolaridade.

Dentro dessas assertivas, estudos acerca do comportamento variável da CV com a 3PP, realizados a partir de diferentes amostras de fala no PB, indicam que quanto menos escolarização os falantes possuem, maior a probabilidade de eles usarem a variante sem marcas de CV (ANJOS, 1999; OLIVEIRA, 2005; SGARBI, 2006; MONTE, 2007; RUBIO, 2008; MONGUILHOTT, 2009). Sobre os resultados obtidos para a variável escolaridade, no falar popular de Fortaleza – CE, vejamos, portanto, a tabela 3:

**Tabela 3 - Atuação da variável escolaridade sobre a ausência de CV**

<b>Escolaridade</b>	<b>Apl/Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
0-4 anos	523/1.096	47,7%	0.694
5-8 anos	381/1.020	37,4%	0.525
9-11 anos	302/1.373	22,0%	0.326

Fonte: Elaborado pela autora.

Com esses resultados, constatamos que os falantes com 0-4 anos de escolaridade são, no falar popular de Fortaleza – CE, os grandes favorecedores da ausência de CV com a 3PP. Para os falantes com 0-4 anos, foi registrada uma frequência de uso da variante sem marcas de CV igual a 47,7% e peso relativo de 0.694. Assim como os falantes com 0-4 anos, os informantes com 5-8 anos também favoreceram, ainda que discretamente, a ausência de CV. Para eles, registramos uma frequência de uso da variante sem marcas de CV equivalente a 37,4% e peso relativo de 0.525. Em sentido oposto, os falantes com 9-11 não se mostraram favoráveis ao uso da ausência de CV, atingindo uma frequência de 22,0% e peso relativo igual a 0.326.

Esses resultados não apenas indicam os falantes com 0-4 anos e 5-8 anos de escolarização como sensíveis ao uso da variante sem marcas de CV, mas também confirmam as hipóteses que inicialmente levantamos para os três fatores que compõem a variável escolaridade. Em outras palavras, esperávamos que os falantes com 0-4 anos se mostrassem bem mais propensos a ausência de CV do que os falantes com 5-8 anos e com 9-11 anos, o que de fato, foi confirmado como indica o peso relativo de 0.694, para os falantes com 0-4 anos. Pontuamos, novamente, que, ao lado dos falantes com 0-4 anos, os informantes com 5-8 anos (0.525) também favoreceram o uso da variante sem marcas de CV, enquanto que os falantes com 9-11 anos (0.326) não favoreceram a regra em questão.

Dentre os pontos que podem justificar nossas expectativas iniciais e que se confirmaram, destacamos que os informantes com 0-4 e 5-8 anos de escolaridade selecionados para compor nossa amostra correspondem, em geral, a sujeitos que, além de possuir menos contato com o contexto de ensino formal, aparentemente não exerciam atividades profissionais, por exemplo, que exigissem deles um comportamento linguístico mais próximo do padrão escolar. Esse não era o caso de falantes com até 11 anos de escolarização, para os quais esperávamos índices menores de uso da variante sem marcas de CV e, conseqüentemente, o seu não favorecimento.

Além disso, a hipótese preliminar de que os falantes com menos escolaridade seriam aliados ao uso da variante sem marcas de CV era amparada pelo fato de que, durante a observação dos estudos relevantes para a variação na CV com a 3PP, já realizados em outras variedades do PB (ANJOS, 1999; SGARBI, 2006; MONTE, 2007; RUBIO, 2008; MONGUILHOTT, 2009), percebemos o constante favorecimento do uso da variante sem marcas de CV no comportamento de sujeitos com mais escolaridade. Isso, naturalmente, levou-nos a supor que falantes com menos escolarização poderiam favorecer a ausência de CV em nossa amostra.

De igual modo, é fato conhecido, conforme indicamos ao longo deste trabalho, sempre que abordamos a atuação da variável escolaridade, que a escola tende a atuar sobre a fala e/ou escrita dos indivíduos que a frequentam (VOTRE, 2012) no sentido de preservar as formas adotadas pelas GTs e, geralmente, tidas como prestigiadas. Assim, acredita-se que o uso da variante sem marcas de CV tende a ser maior no comportamento de falantes que possuem pouca ou nenhuma escolaridade e, menor no comportamento de falantes com mais escolaridade, uma vez que a ausência de CV não é preservada pelas GTs, mas sim, alvo constante de correção (MONTE, 2007; CARDOSO; COBUCCI, 2014). Neste sentido, Ribeiro e Lacerda (2013, p. 96) indicam:

[...] a atuação da escola [...] é um fator que busca homogeneizar a língua em todo o território brasileiro, independentemente das divisões sócio-geográficas. Essa pretensa homogeneização se dá rumo à fala urbana, que, por sua vez, caminha em direção à língua padrão, à língua dos nossos colonizadores europeus, já que, até hoje, é a língua portuguesa (e não o português brasileiro) que ocupa o lugar central (e/ou único) nas escolas brasileiras, bem como nos meios de comunicação em massa.

Vemos, com isso, que a escola exerce papel extremamente importante diante de fenômenos de variação e mudança, podendo refreá-los, quando condena o uso de determinadas variantes, caso da variante sem marcas de CV com a 3PP, ou ajudando a disseminá-la. Neste último caso, a escola toma as variantes como objeto de ensino e, quando não as insere no quadro de estudos programados, pelo menos não as condena, o que certamente contribui para que as formas que não aparecem nas GTs sejam menos marcadas socialmente.

Ainda sobre a atuação da variável escolaridade sobre o fenômenos de variação e mudança linguística, destacamos, conforme Martellota (2001, p. 48-49, grifos do autor) que:

Os usos de *bicicleta/bicicreta*, *eles fizeram/eles fez*, *nós falamos/nós fala*, por exemplo, podem ser considerados casos de variação estável, pois as formas sem prestígio de cada par acima não costumam aparecer na fala de grupos com mais escolaridade. Usos como *a gente estuda/nós estudamos* e *falarei/vou falar* poderiam ser considerados (com base em pesquisas como as de Lopes, 2004 e Tesch, 2011), casos de mudança em curso. Os novos usos (*a gente e ir + infinitivo*) foram se espalhando e hoje são muito frequentes na fala de pessoas de todos os níveis de escolaridade.

Seguindo essa linha de raciocínio, podemos dizer que, a julgar pelo comportamento da variável escolaridade, no falar popular de Fortaleza – CE, a variação na

CV com a 3PP não apresenta indícios de um fenômeno de mudança em curso, mas sim de variação estável. Isso porque, o uso da variante sem marcas de CV foi favorecido por informantes com pouco ou nenhuma escolaridade. Enquanto que os falantes com mais escolarização não se mostraram aliados à ausência de CV. Além disso, somos levados a concluir que, a ausência de CV na amostra estudada por nós é uma forma que acarreta estigma, sendo coibida por falantes com mais anos de escolaridade.

Acreditamos que para uma indicação mais apurada sobre o não favorecimento da CV com a 3PP entre os falantes com maior ou menor escolaridade no falar da capital cearense, seria interessante também a observação desse fenômeno também na fala de falantes com ensino superior completo. Assim, poderíamos observar em que medidas falantes com ensino superior completo podem favorecer ou refrear o uso da variante sem marcas de CV e, confirmar, no caso de não serem aliados ao uso da ausência de CV que, de fato, quanto maior o contato dos falantes com o ensino formal, maiores as probabilidades de eles refrearem o uso da variante sem marcas de CV.

No entanto, até onde sabemos, não dispomos de nenhum estudo que tenha observado o comportamento variável da CV com a 3PP, no falar de Fortaleza – CE com base em dados coletados no comportamento de informantes com ensino superior completo. Isso, para nós, sinaliza uma lacuna no quadro dos estudos sobre o referido fenômeno de variação no falar fortalezense e que, certamente, pode ser preenchida com trabalhos futuros.

### **Traço humano do sujeito**

A variável traço humano do sujeito foi a segunda variável linguística e a terceira variável, dentro da classificação geral desta rodada, apontada como relevante para nosso estudo. Esse fato confirma nossa expectativa inicial para ela, isto é, a de que a referida variável poderia estar atuando sobre a variação na CV a 3PP, no falar de Fortaleza – CE. Sobre os resultados obtidos para o traço humano do sujeito, vejamos a tabela 4:

**Tabela 4 - Atuação da variável traço humano do sujeito sobre a ausência de CV**

<b>Traço humano no sujeito</b>	<b>Apl/Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
SN [humano]	896/2.789	32,1%	0.463
SN [não humano]	310/700	44,3%	0.642

Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com esses resultados, vemos que, no falar popular de Fortaleza – CE, o traço não humano como em (109): as horas num instante se passa... é aliado ao uso da variante sem marcas de CV com a 3PP, atingindo peso relativo favorável a ausência de CV, igual a 0.642. Por outro lado, o fator traço humano como em (110): meus pais eram pobres...<sup>38</sup> não beneficiou o uso da variante sem marcas de CV, com frequência de 32, 1% e peso relativo de 0.463.

Além da seleção da variável traço humano do sujeito como estatisticamente relevante, os resultados obtidos para os dois fatores que a compõem, também, se comportaram como esperávamos. Isto é, inicialmente acreditávamos que o traço humano não favoreceria a variante sem marcas de CV, pois, em praticamente todos os estudos do nosso quadro bibliográfico que também testaram a referida variável (ANJOS, 1999; MONGUILHOTT, 2001; RUBIO, 2008) indicaram que o traço humano é aliado ao uso da variante com marcas de CV. Sendo assim, fomos levados a supor que o traço não-humano poderia, então, influenciar de forma positiva o uso da variante sem marcas de CV, o que de fato veio a confirmar-se em nossa amostra.

### Paralelismo formal no nível discursivo

Para o nosso estudo, a variável paralelismo formal no nível discursivo também se mostrou relevante, confirmando assim nossa hipótese de que ela poderia estar atuando sobre a variação na CV com a 3PP, no falar popular de Fortaleza – CE. Sobre os resultados obtidos para a referida variável, em nossa amostra, vejamos os dados da tabela 5:

**Tabela 5 - Atuação da variável paralelismo formal no nível discursivo sobre a ausência de CV**

Paralelismo formal no nível discursivo	Apl/Total	%	PR
Verbo precedido de verbo com/sem marcas formais de concordância	72/552	13,0%	0.281
Verbo isolado ou primeiro de uma série	1134/2.937	38,6%	0.544

Fonte: Elaborado pela autora.

Com base nesses resultados, é possível afirmar que, no falar popular da capital cearense, o fator verbo isolado ou primeiro de uma série como em (111): esses gatos bota no mato... é aliado ao uso da variante sem marcas de CV, com peso relativo de 0.544. Em sentido

<sup>38</sup> As ilustrações 109 e 110 foram retiradas do Inq. 16, NORPOFOR.

contrário, vemos que o fator verbo precedido de verbo com/sem marcas formais de concordância como em (112): os dois... se conhecerU lá e se casarU...<sup>39</sup> não se mostrou aliado à ausência de CV, visto que seu peso relativo foi igual a 0.281, o que, de fato, o aponta como um fator desfavorável ao uso da variante sem marcas de CV.

Importante lembrar que, em virtude de um nocaute no fator verbo precedido de verbo sem marcas de concordância, conforme explicamos na seção dedicada à rodada 1, neste capítulo, fomos levados a amalgamar as formas que apresentavam essas características com o fator verbo precedido de verbo com marcas de concordância. Assim, no fator verbo precedido de verbo com/sem marcas formais de concordância, que se mostrou desfavorável ao uso da variante sem marcas de CV, trabalhamos com construções nas quais as formas verbais eram precedidas tanto por verbos com marcas de concordância como por verbos sem marcas de concordância.

Diante disso, somos levados a supor que, no falar popular de Fortaleza – CE, o uso da variante sem marcas de CV, segundo a variável paralelismo formal no nível discursivo, pode estar mais associado ao isolamento da forma verbal, como quando aparece em primeiro e único em uma construção, do que mesmo à ausência de marcas de concordância nos primeiros verbos de uma construção seriada.

### **Faixa etária**

A faixa etária foi a segunda variável social apontada como relevante para o nosso estudo e a quinta na classificação geral dos fatores selecionados para esta rodada. A seleção da referida variável como estatisticamente pertinente confirma o que esperávamos, isto é, que o uso da variante sem marcas de CV com a 3PP estaria correlacionada à diferenciação de idade entre os falantes selecionados para este estudo. Os resultados obtidos para a faixa etária estão devidamente dispostos na tabela 6:

**Tabela 6 - Atuação da variável faixa etária sobre a ausência de CV**

<b>Faixa etária</b>	<b>Apl/Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
15-25 anos	302/918	32,9%	0.474
26-49 anos	414/1.406	29,4%	0.445
Mais de 50 anos	490/1.165	42,1%	0.586

Fonte: Elaborado pela autora.

<sup>39</sup> As ilustrações (111) e (112) foram retiradas do Inq. 16, NORPOFOR.

Esses resultados indicam que, no falar popular de Fortaleza – CE, os falantes com mais de 50 anos de idade são aliados ao uso da variante sem marcas de CV com a 3PP, com peso relativo de 0.586. Por outro lado, os falantes com 15-25 anos (0.474) e 26-49 (0.445) não favoreceram a ausência de CV.

Esses resultados refutam nossas hipóteses iniciais para os fatores que compõem a variável faixa etária, isso porque, inicialmente acreditávamos que os falantes mais jovens, por supostamente serem menos conservadores do ponto de vista linguístico, poderiam favorecer a ausência de CV. De igual modo, esperávamos que os falantes com mais de 50 anos realizassem mais a CV, visto que esperávamos deles um comportamento mais conservador (ECKERT, 1997).

Em direção oposta as nossas expectativas, os resultados obtidos neste trabalho para a variável faixa não apontam os falantes mais velhos como aliados ao uso da CV. Contudo, nossos dados caminham em direção aos resultados já apontados por outros estudiosos para o comportamento da variação na CV com a 3PP, segundo a variável faixa etária (ANJOS, 1999; ALVES DA SILVA, 2005; OLIVEIRA, 2006; MONGUILHOTT, 2009) isso porque percebemos uma tendência, por parte dos falantes mais velhos, a não favorecerem o uso da variante com marcas de CV.

Tendo em vista que os falantes mais jovens, ao contrário do que esperávamos, não se mostraram menos conservadores, e sim os mais velhos, poderíamos então supor que na comunidade de fala de Fortaleza – CE tais resultados poderiam indicar pequenos indícios de mudança em curso, tendo em vista que a variante sem marcas de CV prevaleceu, justamente, no comportamento de falantes que, supostamente, deveriam ser mais conservadores. No entanto, é preciso muita cautela para supor que temos diante de nós indícios de mudança em curso. Afinal, os falantes com mais de 50 anos selecionados para compor nossa amostra já estavam, em sua grande maioria, há bastante tempo longe dos bancos escolares, bem como do mercado de trabalho, fatores estes que podem diminuir a recorrência às formas prestigiadas (ANJOS, 1999; ALVES DA SILVA, 2005). Além disso, as frequências e os pesos relativos obtidos para os fatores controlados não apresentaram disparidades entre si.

### **Posição e distância entre sujeito e verbo**

Para este estudo, a variável posição e distância entre sujeito e verbo também foi apontada como estatisticamente relevante, confirmando, assim, nossas expectativas iniciais

quanto à possível relevância da variável em questão para a variação na CV com a 3PP, no falar popular de Fortaleza – CE. Vejamos, na tabela 7, os resultados obtidos para ela.

**Tabela 7 - Atuação da variável posição e distância entre sujeito e verbo sobre a ausência de CV**

<b>Posição e distância entre sujeito e verbo</b>	<b>Apl/Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
Sujeito anteposto perto (um após o outro)	656/1956	33,5%	0.480
Sujeito anteposto longe (com 1 ou mais sílabas entre eles)	367/1092	33,6%	0.491
Sujeito posposto perto (um após o outro)	146/391	37,3%	0.561
Sujeito posposto longe (com 1 ou mais sílabas entre eles)	37/50	74,0%	0.878

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir de tais resultados, vemos que os fatores sujeito posposto perto (um após o outro), com peso relativo de 0.561, e o fator sujeito posposto longe (com 1 ou mais sílabas entre eles), com peso igual a 0.878, são aliados ao uso da variante sem marcas de CV, em especial, este segundo fator, cujo peso o aponta como muito favorável a ausência de CV. Para que possamos perceber melhor, ocorrências com os referidos contextos, observemos as ocorrências (113) e (114), respectivamente:

(113) tive nove filho tá todos criado graças a Deus (NORPOFOR, Inq. 39).

(114) tá aqui todos dois (NORPOFOR, Inq. 39).

Em sentido oposto, os fatores sujeito anteposto perto (um após o outro) e sujeito anteposto longe (com 1 ou mais sílabas entre eles), para os quais registramos pesos relativos de 0.480 e 0.491, respectivamente, não se mostraram favoráveis ao emprego da variante sem marcas de CV. Para construções com os fatores citados, vejamos as ocorrências (115) e (116):

(115) eles são opiniosos eu sou opiniosa e meia... (NORPOFOR, Inq. 39).

(116) eles ainda puxava a orelha do meu irmão né (NORPOFOR, Inq. 115).

Tanto os resultados obtidos para os fatores sujeito posposto perto (um após o outro) e sujeito posposto longe (com 1 ou mais sílabas entre eles) como para os fatores sujeito anteposto perto (um após o outro) e sujeito anteposto longe (com 1 ou mais sílabas entre eles), confirmam, portanto, nossas expectativas para os fatores que compõem a variável posição e distância entre verbo-sujeito.

### Tipo estrutural do sujeito

A seleção da variável linguística tipo estrutural do sujeito confirmou mais uma de nossas hipóteses iniciais, ou seja, a de que os fatores controlados na referida variável poderiam estar atuando sobre o uso das variantes com e sem marcas de CV com a 3PP, no falar popular de Fortaleza – CE. Os resultados dispostos na tabela 8 apontam, portanto, a atuação dos fatores da variável tipo estrutural do sujeito sobre a o fenômeno em estudo, na amostra estudada, vejamos:

**Tabela 8 - Atuação da variável tipo estrutural do sujeito sobre a ausência de CV**

Tipo estrutural do sujeito	Apl/Total	%	PR
SN-pleno simples	474/1.184	40,0%	0.557
SN-pleno nu	52/225	23,1%	0.365
Pronome pessoal	487/1.516	32,1%	0.482
Pronome indefinido	46/115	29,7%	0.453
Pronome demonstrativo	12/70	17,1%	0.318
SN-pleno composto	19/32	59,4%	0.745
Quantificador	116/307	37,8%	0.507

Fonte: Elaborado pela autora.

Dos sete fatores que compõem a variável tipo estrutural do sujeito, vemos que dois deles se revelaram aliados ao uso da variante sem marcas de CV: SN-pleno simples (0.557), e o fator SN-pleno composto (0.745) presentes nas ocorrências (117) e (118):

(117) as pessoas tão matando hoje por causa d'uma moedinha de cinquenta centavos (NORPOFOR, Inq. 105).

(118) pode ser que o prefeito e o governador tenha algum... alguma participação participação nisso né? (NORPOFOR, Inq. 105).

Em sentido oposto, os fatores SN-pleno nu (0.365), Pronome pessoal (0.482), Pronome indefinido (0.453) e Pronome demonstrativo (0.318) não favoreceram a ausência de CV, enquanto que o fator Quantificador (0.507) se mostrou praticamente neutro.

Esses resultados confirmam também nossas expectativas porque, inicialmente, esperávamos que os tipos de sujeitos tidos como compostos favorecessem a ausência de CV. De igual modo, acreditávamos também que as estruturas com SN- pleno simples também se mostrariam aliadas ao uso da variante sem marcas de CV.

Tais proposições se justificam, conforme explicamos em nossa metodologia, primeiramente porque assumimos, juntamente com Zilles (2000), uma relação entre a ausência de CV e a posição do sujeito. Assim, espera-se que o sujeito situado à direita do verbo favoreça a ausência de CV, o que também foi indicado neste estudo, com o controle da variável posição e distância entre sujeito e verbo. Nesse sentido, é sabido que sujeitos compostos e SN-pleno simples têm grandes probabilidades de aparecerem pospostos ao verbo, estando, portanto, também mais favoráveis ao uso da variante sem marcas de CV.

Da mesma forma, acreditávamos que a tendência de sujeitos compostos favorecerem a variante sem marcas de CV pode estar relacionada ao fato de que, nesse tipo de estrutura, temos mais de um elemento marcando o SN-sujeito, carregando, assim, a noção de pluralidade e podendo fazer com que o falante entenda como desnecessária a marcação da noção de plural também nos verbos. O mesmo é válido para o SN-pleno simples, visto que, nesses casos, controlamos estruturas que sempre apresentavam a noção de plural na estrutura do SN-sujeito, o que também pode levar o falante a dispensar o emprego da pluralidade nas formas verbais, por julgá-las redundantes.

### **Sexo/gênero**

Dentre os fatores selecionados para a rodada 2, a variável sexo/gênero foi a última apontada como relevante pelo Goldvarb X. Os resultados obtidos para essa variável estão dispostos na tabela 9:

**Tabela 9 - Atuação da variável sexo/gênero sobre a ausência de CV**

<b>Sexo</b>	<b>Apl/Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
Homens	564/1.755	32,1%	0.472
Mulheres	642/1.734	37,0%	0.528

Fonte: Elaborado pela autora.

Os dados da tabela 9 indicam que, ao contrário do que esperávamos, as mulheres favoreceram o uso da variante sem marcas de CV, ainda que discretamente, (0.528), enquanto que os homens não se mostraram aliados a tal regra (0.472). Assim, vemos que, embora as mulheres favoreçam a ausência de CV, não nos parece válido indicar que o comportamento das mulheres apresenta notáveis distinções do comportamento dos homens no que tange à variação na CV com a 3PP, na amostra deste estudo. Afinal, as diferenças entre os pesos relativos obtidos não se mostraram acentuadas.

Lembramos que esperávamos que os resultados da variável sexo/gênero apontassem as mulheres como não aliadas da ausência de CV. Esses resultados eram esperados porque, em conformidade com o que já discutimos, tradicionalmente espera-se que as mulheres façam um uso maior das formas linguísticas prestigiadas do que os homens. Comportamento esse que vem sendo confirmado em algumas pesquisas (SGARBI, 2006; MONTE, 2007) e refutado, assim como neste estudo, em outros trabalhos (ALVES DA SILVA, 2005) sobre variação na CV com a 3PP.

No que tange à inferência de possíveis indícios de mudança com base na variável sexo/gênero, poderíamos ser levados a supor que, tendo as mulheres se mostrado mais favoráveis ao uso da variante sem marcas de CV do que os homens, diante de um fenômeno estigmatizado socialmente, teríamos aí indícios de mudança. No entanto, não nos parece plausível defender essa tese, uma vez que os comportamentos de homens e mulheres diante da variação, na CV com a 3PP, no falar popular de Fortaleza – CE não apresentaram grandes diferenças.

Nesse caso, acreditamos que por um lado, os resultados obtidos para a variável sexo/gênero refutam nossa hipótese de que as mulheres se mostrariam mais conservadoras, por outro, reforçam, ao lado dos resultados obtidos para os demais fatores sociais – escolaridade e faixa etária – a ideia de que temos diante de nós um fenômeno de mudança estável e, portanto, sem indícios de mudança em curso.

Com essas considerações acerca do comportamento da variável sexo/gênero, concluímos a apresentação dos resultados obtidos para todas as variáveis selecionadas na segunda rodada. Assim, passamos a discutir e apresentar, na seção seguinte, os resultados obtidos para cada uma das variáveis apontadas como estatisticamente relevante para a terceira rodada, isto é, em função dos falantes menos escolarizados.

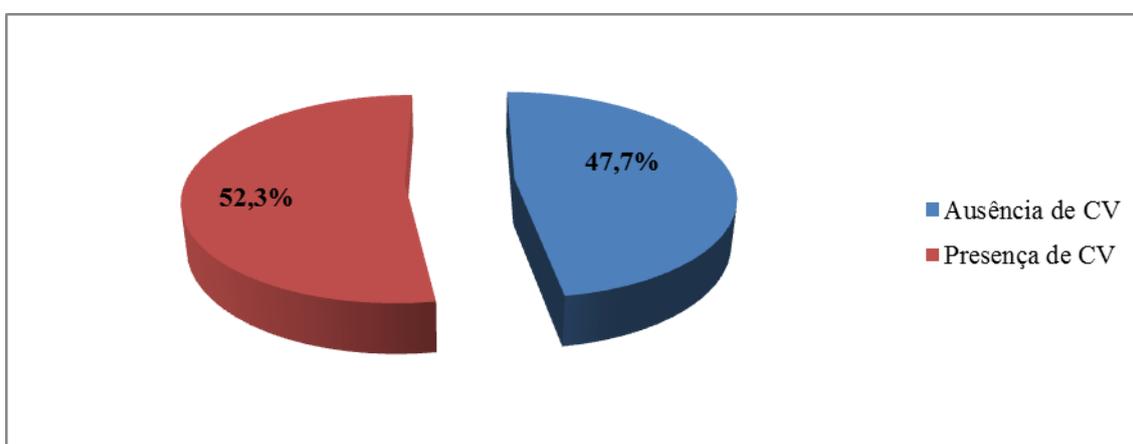
### 5.3 TERCEIRA RODADA: APENAS PARA OS MENOS ESCOLARIZADOS

Tendo em vista que os falantes com 0-4 anos, ou seja, os menos escolarizados da nossa amostra, revelaram-se grandes aliados ao uso da ausência de CV com a 3PP, no falar de Fortaleza – CE, resolvemos realizar uma rodada observando apenas o comportamento dos falantes menos escolarizados diante do fenômeno de variação em tela. Para tanto, descartamos de nossa terceira rodada, os dados referentes aos falantes com 0-5 e 9-11 anos de escolaridade. Desse modo, controlamos, dentre os fatores sociais, o *sexo/gênero* e a *faixa etária*, bem como todas as variáveis linguísticas consideradas nas rodadas 1 e 2, ou seja:

*saliência fônica, traço humano do sujeito, posição e distância entre sujeito e verbo, paralelismo formal no nível oracional, paralelismo formal no nível discursivo e tipo estrutural do sujeito.*

Para esta rodada, foram localizadas 1.096 ocorrências do fenômeno investigado, sendo que 523 ocorrências (47,7%) correspondiam à variante sem marcas de CV, enquanto que 573 (52,3%) à variante com marcas de CV. Para melhor visualização destes resultados, vejamos o gráfico 3:

**Gráfico 3 – Frequência de uso da CV com a 3PP para os menos escolarizados**



Fonte: Elaborado pela autora.

Com base nesses resultados, vemos que quase não há diferenciação para o uso das variantes padrão e não-padrão no comportamento dos informantes com menos escolaridade de nossa amostra. Pois, embora a frequência de uso da variante padrão tenha sido maior em relação à variante não-padrão, a diferença entre elas é de apenas 4,6 pontos percentuais. Como não localizamos nenhum nocaute para a primeira rodada com dados provenientes do comportamento de falantes com menos escolarização, seguimos com nossas análises, solicitando ao GoldVarb X a seleção dos fatores pertinentes para esta rodada, juntamente com o cálculo dos pesos relativos.

Para a terceira rodada, o melhor nível de análise foi o *step up 34* (*input* 0.440, significância 0.013). As variáveis apontadas como relevantes, nessa mesma ordem, foram: *saliência fônica, paralelismo formal no nível discursivo, traço humano do sujeito, sexo/gênero, faixa etária e tipo de sujeito*. Com isso, notamos que apenas os fatores *paralelismo formal no nível oracional e posição e distância entre sujeito-verbo* foram descartados pelo programa. A esse respeito, estabelecemos uma breve comparação com a

rodada 2 e vemos que o paralelismo formal no nível oracional tornou a ser descartado pelo programa, enquanto que a variável posição e distância entre sujeito-verbo, selecionada na rodada anterior, também não foi apontada como relevante, em termos estatísticos, para a terceira rodada.

Posto isso, apresentamos na sequência, todos os resultados obtidos para as variáveis selecionadas, atendendo a ordem de seleção no GoldVarb X.

### Saliência fônica

Assim como na rodada 2, a variável saliência fônica foi a primeira apontada como relevante para a rodada 3. Os resultados obtidos para a referida variável estão devidamente dispostos na tabela 10:

**Tabela 10 - Atuação da variável saliência fônica sobre a ausência de CV**

<b>Nível I: Posição não acentuada</b>	<b>Apl/Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
a. Não envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural	84/113	74,3%	0.808
b. Envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural	284/403	70,4%	0.740
c. Envolve acréscimo de segmentos na forma plural	51/71	71,8%	0.802
<b>Nível II: Posição acentuada</b>			
a. Envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural	39/289	13,5%	0.148
b. Envolve acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural	30/69	43,5%	0.558
c. Envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural	34/49	22,8%	0.211

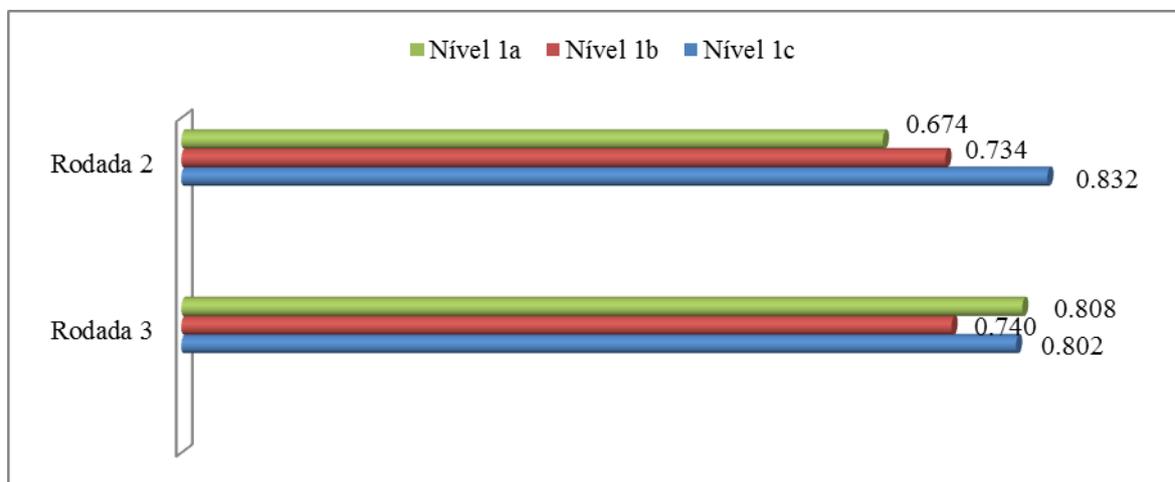
Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com esses resultados, os fatores situados no nível I (posição não acentuada) e, portanto, menos salientes, beneficiam significativamente, o uso da variante sem marcas de CV. Assim, registramos para o nível 1a (Não envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural) frequência de 74, 3% e peso relativo de 0.808. O nível 1b (Envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural), por sua vez, atingiu frequência igual a 70,4% e peso relativo de 0.740. De igual modo, o nível 1c (Envolve acréscimo de segmentos na forma plural) atingiu frequência de 71,8% e peso relativo de 0.802.

Ressaltamos que essa disposição para o favorecimento da ausência de CV pelos fatores do nível I (posição não acentuada) também foi descoberta na rodada 2, na qual, assim, como nesta rodada, todos os fatores que referiam formas menos salientes beneficiaram o uso da variante sem marcas de CV. Não obstante, é possível perceber algumas nuances, para o favorecimento da variante sem marcas de CV, entre as formas menos salientes, isto é, do nível

I (posição não acentuada), controladas nesta rodada em relação à rodada 2. Para que possamos visualizar mais claramente o que estamos apontando, vejamos o gráfico 4:

**Gráfico 4 - Comparação entre os pesos relativos da ausência de CV no nível I da variável saliência fônica nas rodadas 2 e 3**



Fonte: Elaborado pela autora.

Com isso, fica evidente que, tanto para a rodada 2 como para a rodada 3, os fatores que compõem o nível I (posição não acentuada), da variável saliência fônica, são aliados ao uso da variante sem marcas de CV com a 3PP, no falar popular de Fortaleza – CE. De igual modo, é possível perceber algumas pequenas diferenças entre os pesos relativos obtidos para a rodada 2, na qual consideramos falantes com os três níveis de escolarização (I- 0-4 anos, II- 5-8 anos e II- 9-11 anos) e os pesos relativos da rodada 3, realizada apenas com os falantes menos escolarizados (0-4 anos). Ressaltamos ainda que, na rodada 3, os fatores se mostraram ainda mais favoráveis ao uso da variante sem marcas de CV, exceto no grupo 1c, pois, para a rodada 2 o peso relativo foi igual a 0.832, caindo na rodada 3 para 0.802.

Tendo observado e comparado o comportamento dos fatores que compõem o nível I (formas não acentuadas) da variável saliência fônica para esta rodada e a rodada 2, passamos a observar os resultados obtidos para os fatores do nível II (formas acentuadas) em função do favorecimento ou não da ausência de CV, entre os informantes menos escolarizados, no falar de Fortaleza – CE. Assim, verificamos que, ao contrário das formas situadas no nível I, as formas do nível II não se mostraram aliadas ao uso regra em estudo.

Registramos para o nível 2a (Envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural), frequência de uso da variante sem marcas de CV igual a 13,5% e peso relativo de 0.148, dados que apontam o nível 2a como desfavorável a ausência de CV. Em sentido oposto, as formas do nível 2b (Envolve acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na

forma plural) atingiram frequência de 43,5% e peso relativo igual a 0.558, sendo o único fator do nível II apontado como relevante para o uso da variante sem marcas de CV. Por último, as formas do nível 2c (Envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural), a exemplo do nível 2a, não favoreceram a ausência de CV, atingindo frequência de uso equivalente a 22, 8% e peso relativo de 0.211.

Em comparação com os resultados do nível II da variável saliência fônica, para a rodada 2, vemos que também na rodada 3, as formas do nível II não favorecem a variante sem marcas de CV, exceto o fator 2b (Envolve acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural) que favoreceu a ausência de CV em ambas as rodadas.

### **Paralelismo Formal no nível discursivo**

A variável paralelismo formal no nível discursivo, assim como na rodada 2, também se mostrou relevante para a rodada 3, isto é, realizada em função principalmente dos falantes menos escolarizados. Os resultados obtidos para o paralelismo formal no nível discursivo na rodada 3 estão, portanto, dispostos na tabela 11:

**Tabela 11 - Atuação da variável paralelismo formal no nível discursivo sobre a ausência de CV para os menos escolarizados**

<b>Paralelismo formal no nível discursivo</b>	<b>Apl/Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
Verbo precedido de verbo com/sem marcas formais de concordância	22/ 152	14,5%	0.188
Verbo isolado ou primeiro de uma série	501/ 944	53,1%	0.559

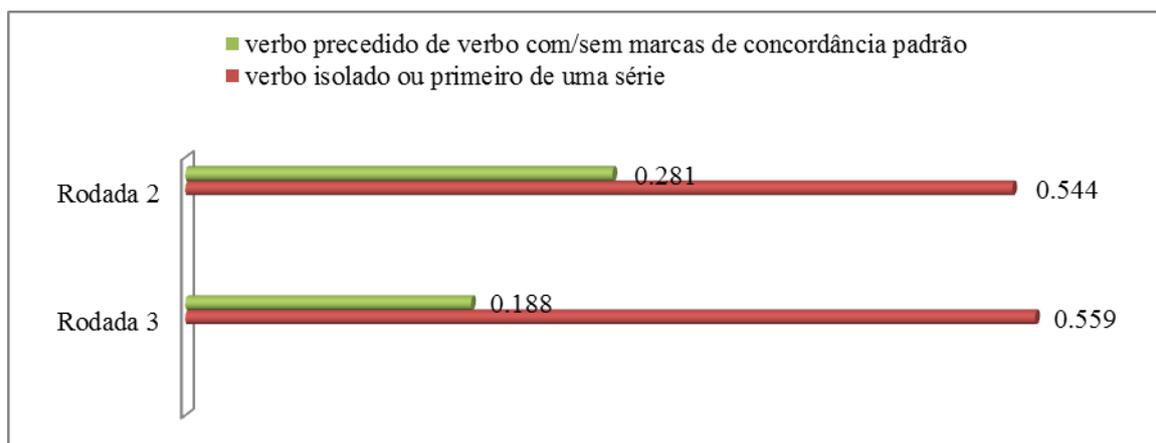
Fonte: Elaborado pela autora.

Com base nestes resultados, vemos que, para os falantes com 0-4 anos de escolaridade, o fator verbo precedido de verbo com/sem marcas formais de concordância não se revelou aliado ao uso da variante sem marcas de CV, com 14,5% de frequência e 0.188 de peso relativo. Na verdade, esse fator se mostra muito desfavorável para o uso da regra em questão. Em sentido oposto, o fator verbo isolado ou primeiro de uma série se mostrou favorável à ausência de CV, com 53, 2% de frequência e peso relativo de 0.559.

Ao estabelecermos uma comparação entre os resultados para a variável paralelismo formal obtidos nesta rodada e na rodada 2, percebemos que os resultados encontrados aqui caminham na mesma direção dos resultados alcançados na rodada 2. Em outras palavras, assim como na rodada 2, o fator verbo precedido de verbo com/sem marcas formais de concordância (13,0% e 0.281) não favoreceu o uso da variante sem marcas de CV, sendo que, na rodada 3, como indicamos no parágrafo anterior, os resultados para a mesma

variante foram ainda mais desfavoráveis. Por outro lado, o fator verbo isolado ou primeiro de uma série beneficiou a variante sem marcas de CV tanto na rodada 2 (38,6% e 0.544) como nesta rodada. Esses resultados estão melhor distribuídos no gráfico 5:

**Gráfico 5 - Comparação entre os pesos relativos para a ausência de CV na variável paralelismo formal no nível discursivo nas rodadas 2 e 3**



Fonte: Elaborado pela autora.

### Traço humano do sujeito

Na tabela 12, distribuímos os resultados alcançados para a variável traço humano do sujeito, terceira a ser apontada como estatisticamente relevante pelo GoldVarb X, para a rodada 3, vejamos:

**Tabela 12 - Atuação da variável traço humano do sujeito sobre a ausência de CV para os escolarizados**

Traço humano no sujeito	Apl/Total	%	PR
SN [humano]	415/915	45,4%	0.458
SN [não humano]	108/181	59,7%	0.700

Fonte: Elaborado pela autora.

Esses resultados revelam que o fator SN [humano] não beneficia, no falar dos menos escolarizados, a ausência de CV, com frequência de 45,4% e peso relativo igual a 0.458. Em sentido oposto, o fator SN [não humano] se mostrou bastante favorável ao uso da variante sem marcas de CV, com frequência de 59,7% e 0.700 de peso relativo.

Esses resultados não se mostraram muito distantes dos resultados obtidos para a mesma variável, na rodada 2. Assim, fica indicado que tanto na rodada com falantes

apresentando diferentes níveis de escolarização, caso da rodada 2, como na rodada 3, realizada para os falantes menos escolarizados, os fatores que compõem a variável traço humano do sujeito se comportaram de modo similar diante da variação na CV com a 3PP. Em outros termos, tanto para a rodada 2 como para a 3, o fator SN [humano] não favoreceu a ausência de CV. De igual modo, o fator SN [não humano] favoreceu o uso da variante sem marcas de CV. Para melhor visualização desses apontamentos, vejamos o gráfico 6:

**Gráfico 6 - Comparação entre os pesos relativos da ausência de CV para a variável traço humano do sujeito nas rodadas 2 e 3**



Fonte: Elaborado pela autora.

### Sexo/Gênero

A exemplo da rodada 2, a variável sexo/gênero também se mostrou relevante para a rodada 3. Na tabela 13, distribuimos os resultados obtidos para o comportamento dos fatores que a compõem, nesta rodada.

**Tabela 13 - Atuação da variável sexo/gênero sobre a ausência de CV para os menos escolarizados**

Sexo	Apl/Total	%	PR
Homens	415/915	45,4%	0.409
Mulheres	108/181	59,7%	0.579

Fonte: Elaborado pela autora.

Esses resultados mostraram que, para a rodada realizada apenas com os falantes menos escolarizados de nossa amostra, as mulheres favoreceram a variante sem marcas de CV, com frequência igual a 59,7% e peso relativo de 0.579. Ao contrário dos homens que não se mostraram aliados ao uso da ausência de CV, atingindo 44,4 % das ocorrências e peso

relativo de 0.409. Para a comparação entre os resultados obtidos para a variável sexo/gênero, nesta rodada e na rodada 2, vejamos o gráfico 7:

**Gráfico 7 - Comparação entre os pesos relativos para a ausência de CV segundo a variável sexo/gênero para as rodadas 2 e 3**



Fonte: Elaborado pela autora.

Os dados do gráfico 7 indicam que homens e mulheres nas rodadas 2 e 3 se comportam de modos semelhante. Assim, vemos que os homens não se mostraram aliados ao uso da ausência de CV em nenhuma das duas rodadas. Tal fato ocorre porque o peso relativo alcançado para eles, na rodada 2, foi de 0.472 e 0.409, na rodada 3. Em sentido oposto, as mulheres beneficiaram a variante sem marcas de CV, com pesos relativos de 0.528, na rodada 2, e, com 0.579, para a rodada 3. Ressaltamos que, nessa última, o favorecimento da ausência de CV foi ainda mais acentuado do que naquela. Esses resultados revelam que, tanto para a rodada com falantes de diferentes escolaridade, caso da rodada 2, como para as análises apenas com informantes com 0-4 anos de escolarização, caso da rodada 3, as mulheres favorecem a ausência de CV na amostra em estudo. Esses resultados, conforme já discutimos na seção anterior, não eram esperados para o este trabalho.

### **Faixa etária**

Outra variável relevante, para a rodada 3, foi a faixa etária. Os dados obtidos para ela estão devidamente distribuídos na tabela 14:

**Tabela 14 - Atuação da variável faixa etária sobre a ausência de CV para os menos escolarizados**

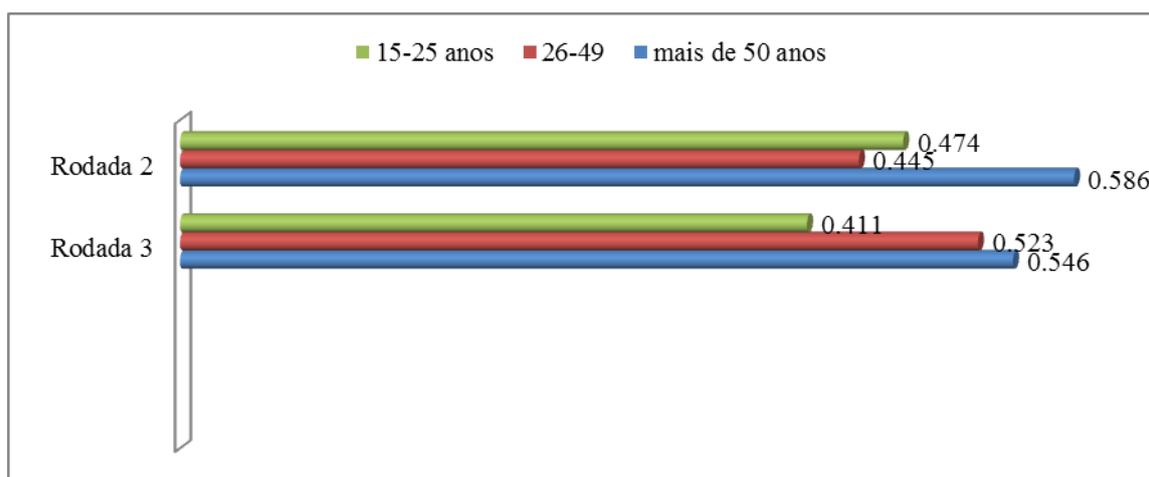
Faixa etária	Apl/Total	%	PR
15-25 anos	129/305	42,3 %	0.411
26-49 anos	187/389	48,1 %	0.523
Mais de 50 anos	207/402	51,5 %	0.546

Fonte: Elaborado pela autora.

Esses resultados revelam que, para a amostra dos falantes com menos escolaridade, os informantes com mais de 50 anos se mostraram aliados ao uso da variante sem marcas de CV, alcançando 51,1% de frequência e peso relativo igual a 0.546. De igual modo, os falantes com 26-49 anos também se mostraram, ainda que discretamente, favoráveis ao uso da ausência de CV, com 48,1% de frequência e peso de 0.523. O mesmo comportamento, no entanto, não foi registrado para os falantes com 15-25 anos. Esses, por sua vez, não se mostraram aliados ao uso da variante sem marcas de CV, pois a frequência de uso para a ausência de CV foi igual a 42,3%, enquanto que o peso relativo foi de 0.411.

Tendo em vista que a variável faixa etária também foi apontada como estatisticamente relevante na rodada 2, estabelecemos uma comparação entre os resultados obtidos para ela na referida rodada e os resultados para a rodada 3. Desse modo, distribuímos, no gráfico 8, os resultados obtidos para a tal comparação:

**Gráfico 8 - Comparação entre os pesos relativos da ausência de CV para a variável faixa etária nas rodadas 2 e 3**



Fonte: Elaborado pela autora.

Ao compararmos os pesos relativos obtidos para os fatores que compõem a faixa etária nas rodadas 2 e 3, notamos que, em ambas, os falantes com 15-25 não favorecem a ausência de CV, sendo que, na terceira rodada, os falantes com essa faixa etária, se mostraram

ainda mais inibidores da regra em questão (0.411). Por outro lado, vemos que os falantes com 26-49 anos apresentaram comportamentos distintos para as duas rodadas. Assim, na rodada 2, os falantes com 26-49, não favoreceram o uso da ausência de CV (0.445), enquanto que, na rodada 3, os falantes com essa mesma faixa beneficiaram (0.523) a regra em análise. Constatamos também que os falantes com mais de 50 anos são os grandes aliados da ausência de CV, tanto na rodada 2 como na 3. Vale destacar que naquela os falantes com mais de 50 anos se mostraram ainda mais favoráveis ao uso da variante sem marcas de CV (0.586) do que os falantes com a mesma faixa, na rodada 3 (0.546).

### Tipo de sujeito

A última variável apontada como estatisticamente relevante para a rodada apenas com os informantes menos escolarizados, foi o tipo de sujeito. Os resultados obtidos para os fatores que compõem a referida variável estão distribuídos na tabela 15:

**Tabela 15 - Atuação da variável tipo estrutural do sujeito sobre a ausência de CV para os menos escolarizados**

Tipo estrutural do sujeito	Apl/Total	%	PR
SN-pleno simples	182/378	48,1%	0.544
SN-pleno nu	26/47	55,3%	0.770
Pronome pessoal	210/461	45,6%	0.450
Pronome indefinido	27/57	47,4%	0.463
Pronome demonstrativo	11/26	42,3%	0.399
SN-pleno composto	8/11	72,7%	0.672
Quantificador	59/116	50,9%	0.456

Fonte: Elaborado pela autora.

Esses resultados apontam os fatores SN-pleno simples (48,1% e 0.544), SN-pleno nu (55,3% e 0.770) e SN-pleno composto (72,7% e 0.672) como aliados da variante sem marcas de CV, para a rodada 3. Ao contrário dos fatores pronome pessoal (45,6% e 0.450), pronome indefinido (47,4% e 0.463), pronome demonstrativo (42,3% e 0.399) e quantificador (50,9% e 0.456), que não beneficiaram a ausência de CV no falar dos menos escolarizados.

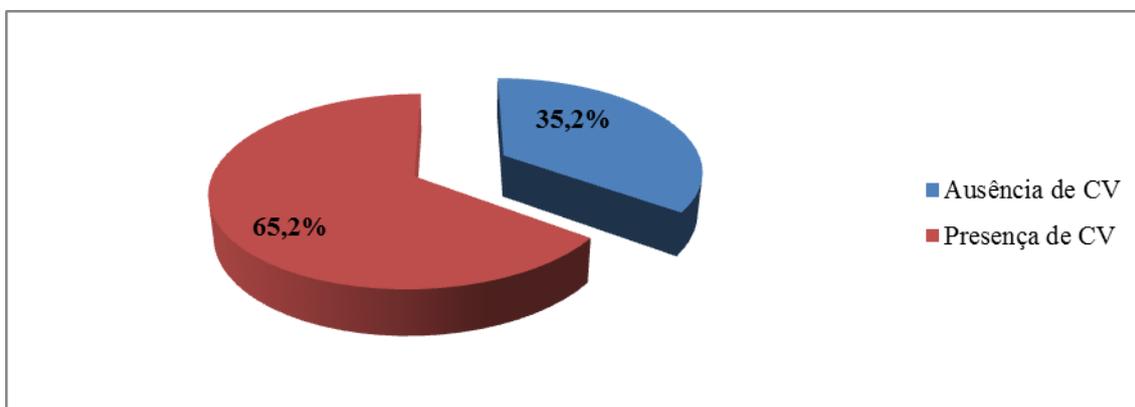
Ao compararmos brevemente o comportamento dos fatores relevantes para a variável tipo de sujeito nas rodadas 2 e 3, notamos, além de nuances nos valores dos pesos obtidos para os fatores em ambas as rodadas, que nem todos eles se comportaram do mesmo modo em função do uso da variante sem marcas de CV. Isso porque, o fator SN-pleno nu, que, na rodada 2, não beneficiou a ausência de CV, se revelou, na rodada 3, um grande aliado

da variante sem marcas de CV com a 3PP, no falar dos informantes menos escolarizados na capital cearense.

#### 5.4 QUARTA RODADA: APENAS PARA OS MAIS VELHOS

Em nossa quarta rodada, trabalhamos apenas com os dados provenientes do comportamento dos falantes mais velhos de nossa amostra, isto é, com mais de 50 anos. Assim, foram descartados os dados dos informantes que possuíam, na época das entrevistas, de 15-25 e de 26-49 anos. Desse modo, controlamos, dentre os fatores sociais, apenas o sexo/gênero e a escolaridade, além, naturalmente, de todos os fatores linguísticos elencados para este estudo. Na rodada para os mais velhos, obtivemos, portanto, um total de 1.165 ocorrências de CV com a 3PP. Desse total, 675 (57,9%) dos casos apresentavam marcas de CV, enquanto que 490 (42,1%) apresentavam a ausência de CV. Para que possamos contemplar melhor tais resultados, observemos o gráfico 9:

**Gráfico 9 - Frequência de uso da CV com a 3PP para os mais velhos**



Fonte: Elaborado pela autora.

As percentagens para a presença e ausência de CV, expostas no gráfico 9, indicam que em nossa amostra, a ausência de CV tende a ser mais recorrente do que a presença de CV no comportamento dos informantes com mais de 50 anos, quando considerados isoladamente. Notamos também que a diferença entre as percentagens de uso para as formas variantes no comportamento linguístico dos informantes com mais de 50 anos é bastante acentuada.

Para nossa quarta rodada, não foram localizados nocautes, o que nos permitiu prosseguir com as análises, solicitando ao GoldVarb X a seleção das variáveis independentes relevantes para esta rodada, bem como o cálculo das frequências e dos pesos relativos para

cada fator controlado. Nosso melhor nível de análise foi o *step up* 33, com *input* de 0.279 e nível de significância igual a 0.001.

Foram selecionadas para a quarta rodada, segundo essa mesma ordem de relevância, as variáveis: *saliência fônica, escolaridade, traço humano do sujeito, paralelismo formal no nível discursivo, posição e distância entre verbo-sujeito e tipo estrutural do sujeito*. Com isso, vemos que, a exemplo das rodadas 2 e 3, a variável *paralelismo formal no nível oracional* foi descartada pelo programa. Além dela, a variável *sexo/gênero* também não se mostrou relevante, nesta quarta rodada, sendo apenas a variável escolaridade, dentre os fatores sociais, apontada como estatisticamente pertinente para o comportamento dos falantes mais velhos de nossa amostra.

Posto isso, a partir de agora, detemos – nos à apresentação e discussão dos principais resultados obtidos para cada uma das variáveis apontadas como relevantes pelo GoldVarb X no falar dos informantes com mais de 50 anos.

### **Saliência fônica**

Assim como nas rodadas 2 e 3, a variável *saliência fônica* foi a primeira selecionada, pelo GoldVarb X, para a quarta rodada. Os resultados obtidos para todos os fatores que compõem a variável *saliência fônica*, nesta rodada, estão devidamente expostos na tabela 16:

**Tabela 16 - Atuação da variável *saliência fônica* sobre a ausência de CV no comportamento dos mais velhos**

<b>Nível I: Posição não acentuada</b>	<b>Apl/Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
a. Não envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural	62/95	61,1%	0.706
b. Envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural	309/490	58,1%	0.739
c. Envolve acréscimo de segmentos na forma plural	36/62	65,3%	0.805
<b>Nível II: Posição acentuada</b>			
a. Envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural	21/291	7,2%	0.145
b. Envolve acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural	40/76	52,6%	0.582
c. Envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural	22/151	14,6%	0.196

Fonte: Elaborado pela autora.

Com esses resultados, vemos que os fatores que compõem o nível I (posição não acentuada) são os grandes aliados da ausência de CV, no comportamento dos falantes com mais de 50 anos pertencentes à mostra analisada. Conforme já nos referimos em diversas passagens, o nível I (posição não acentuada) comporta as formas em que os graus de *saliência* entre as formas verbais no plural e singular apresentam *saliência* mais discreta, razão esta que

pode induzir os falantes a uma menor percepção das diferenças entre elas (SCHERRE, 1989), o que de acordo com os resultados de outros estudos (LEMLE; NARO, 1977; NARO, 1981; SCHERRE, 1989; SCHERRE;NARO, 1997, 1998, (ANJOS, 1999; MONGUILHOTT, 2001, 2009; MONTE, 2007; RUBIO, 2008) tem resultado em um emprego menor da variante com marcas de CV e, conseqüentemente, como vem sendo apontado pelos resultados deste estudo, no favorecimento da variante sem marcas de CV.

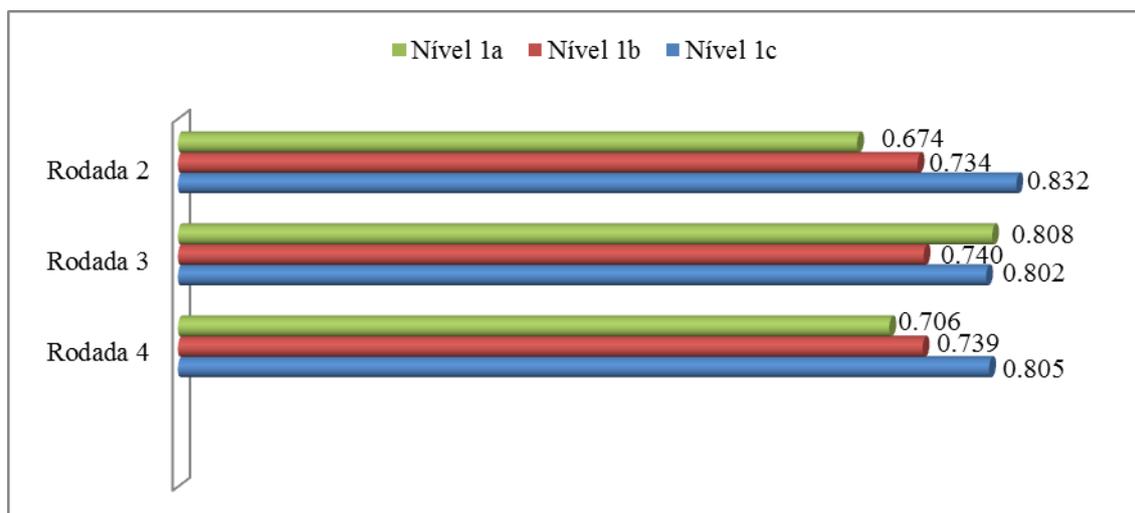
Os dados da tabela 16 revelam, portanto, que no falar dos informantes com mais de 50 anos, na capital cearense, as formas do nível 1a (não envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural) (61,1% e 0.706), 1b (envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural) (58,1% e 0.739) e as formas do nível 1c (envolve acréscimo de segmentos na forma plural) (65,3% e 0.805), principalmente essa última, são aliadas ao uso da variante sem marcas de CV.

Em contrapartida, no nível II (posição acentuada), apenas as formas do nível 2b (envolve acréscimos de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural) (52,6% e 0.582), a exemplo das rodadas 2 e 3, se comportaram de modo favorável ao uso da variante sem marcas de CV, na fala do informantes com mais de 50 anos. Por outro lado, os outros dois fatores que compõem o nível II, isto é, nível 2a (envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural) (7,2% e 0.145) e 2c (envolve acréscimo de segmentos e mudanças diversas na forma plural) (14,6% e 0.196) não se mostraram aliados à ausência de CV.

Esses resultados tornam a confirmar as hipóteses que inicialmente levantamos para a variável saliência fônica, pois nossas expectativas iniciais eram mesmo as de que formas menos salientes ou não acentuadas favorecessem o uso da variante sem marcas de CV, ao contrário das formas mais salientes ou de posição acentuada. Essas hipóteses, aliás, se confirmaram também nas rodadas 2 e 3 de nosso estudo.

Diante disso, apresentamos, no gráfico 10, a comparação entre os pesos relativos obtidos para as formas do nível I (posição não acentuada) da variável saliência fônica nas rodadas 2, 3 e 4, a fim de observar diferenças e/ou semelhanças entre os resultados obtidos para as referidas formas do nível I, nas rodadas estabelecidas até aqui, já que, em todas elas, as formas do nível I exerceram forte influência sobre o uso da variante sem marcas de CV.

**Gráfico 10 - Comparação entre os pesos relativos para a ausência de CV no nível I da variável saliência fônica nas rodadas 2, 3 e 4**



Fonte: Elaborado pela autora.

Ao compararmos os resultados para os fatores do nível I da variável saliência fônica, percebemos que eles se mantêm muito próximos nas rodadas 2, 3 e 4. Naturalmente, é possível identificar também algumas diferenças entre os valores obtidos para os pesos relativos nos níveis 1a, 1b e 1c. Assim, vemos que o nível 1a se mostra mais favorável à ausência de CV nas rodadas 3 (0.808) e 4 (0.706), isto é, nas rodadas realizadas apenas para os falantes menos escolarizados e para os mais velhos, respectivamente. Vemos também, que os pesos para o nível 1b se mantêm bem próximos nas rodadas 2 (0.734), 3 (0.740) e 4 (0.739). De igual modo, o nível 1c também apresenta resultados sem grandes diferenças entre as rodadas 3 (0.802) e 4 (0.805), mas se distanciam um pouco do peso obtido para a rodada 2 (0.832).

Esses resultados, ainda que com algumas diferenciações, indicam que, de fato, para as rodadas realizadas até aqui, os níveis de saliência fônica menos acentuados exercem forte influência sobre o uso da variante sem marcas de CV com a 3PP no falar popular de Fortaleza – CE.

### **Escolaridade**

A variável escolaridade foi, conforme já indicamos, a segunda apontada como estatisticamente relevante para a variação na CV com a 3PP no comportamento dos falantes com mais de 50 anos. Os resultados obtidos para a referida variável, em nossa quarta rodada, estão devidamente dispostos na tabela 17.

**Tabela 17 - Atuação da variável escolaridade sobre a ausência de CV no comportamento dos mais velhos**

<b>Escolaridade</b>	<b>Apl/Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
0-4 anos	207/402	51,5%	0.721
5-8 anos	158/361	43,8%	0.513
9-11 anos	125/402	31,1%	0.315

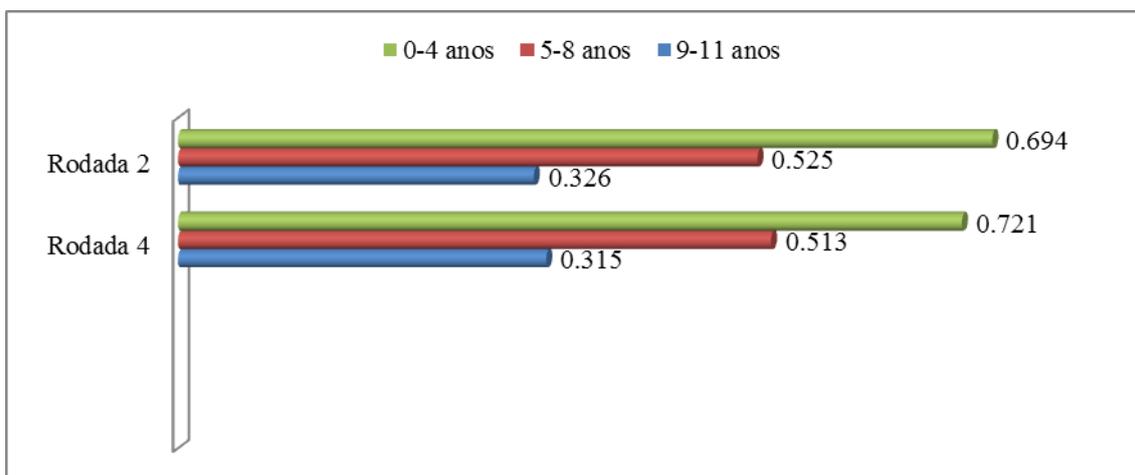
Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com esses resultados, o nível de escolaridade correspondente a 0-4 anos é um grande aliado da variante sem marcas de CV com a 3PP no falar dos informantes com mais de 50 anos. Isso porque, como vemos na tabela 17, os falantes com 0-4 anos atingiram 51,5% de frequência e peso relativo igual a 0.721, este último bastante significativo para o favorecimento da ausência de CV.

O nível de escolaridade correspondente a 5-8 anos também se destacou diante do uso da variante sem marcas de CV, no comportamento dos falantes selecionados para esta quarta rodada. No entanto, acreditamos que é preciso cautela ao interpretar o nível 5-8 anos de escolaridade como um fator influente para a ausência de CV no falar dos informantes com mais de 50 anos, na capital cearense. Afinal, o referido fator obteve 43,8% de frequência e peso relativo de 0.513, estando, esse último, muito próximo ao ponto neutro (0.50). Em sentido oposto, os falantes com 9-11 anos não se mostraram favoráveis ao uso da ausência de CV, atingindo 31,3% de frequência e 0.315 de peso relativo.

Esses resultados indicam que, a exemplo da rodada 2, na qual trabalhamos com falantes de outras faixas etárias (15-25 e 26-49 anos), a variável escolaridade exerceu forte influência também sobre o fenômeno investigado, no falar popular de Fortaleza – CE, mais precisamente no comportamento dos informantes com mais de 50 anos. Vale lembrar que, assim como nesta rodada, a variável escolaridade também se comportou como o fator social mais relevante na rodada 2. Diante disso, vale compararmos os resultados da variável escolaridade obtidos nesta rodada com os resultados alcançados para ela na rodada 2. Para tanto, vejamos o gráfico 11.

**Gráfico 11 - Comparação entre os pesos relativos da ausência de CV para a variável escolaridade nas rodadas 2 e 4**



Fonte: Elaborado pela autora.

Os dados dispostos no gráfico 11 indicam o favorecimento da variante sem marcas de CV com a 3PP conforme diminuem os anos de escolaridade do informante, tanto na rodada 2 como 4. De igual modo, os resultados apontados no referido gráfico mostram que, nesta quarta rodada, há um notável crescimento quanto ao uso da variante sem marcas de CV para os falantes com 0-4 anos (0.721), em comparação com a rodada 2 (0.694).

De igual modo, vemos que nas rodadas 2 e 4, o segundo nível de escolaridade (5-8 anos) também se mostrou favorável ao uso da variante sem marcas de CV no comportamento dos informantes que compõem nossa amostra. No entanto, em ambas as análises, os valores dos pesos relativos 0.525 e 0.513 para os falantes com 5-8 anos, nas rodadas 2 e 4, respectivamente, se mantiveram muito próximos ao ponto neutro.

Assim, para as rodadas 2 e 4, podemos dizer que os níveis mais significativos para a observação do comportamento da variável escolaridade, em função da ausência de CV foram os dois níveis extremos (0-4 e 9-11 anos). Afinal, os menores anos de escolaridade favoreceram, de modo muito significativo, o uso da variante sem marcas de CV, enquanto que o nível mais elevado de escolaridade não se mostrou aliado da referida regra em nenhuma das rodadas, atingindo peso relativo de 0.326, na rodada 2 e 0.315, na rodada 4.

### **Traço humano do sujeito**

Assim como nas rodadas 2 e 3, a variável traço humano do sujeito também foi indicada pelo GoldVarb X como estatisticamente relevante para o comportamento dos

falantes com mais de 50 anos, considerados em nossa 4 rodada. Os resultados obtidos para a referida variável, nesta rodada, estão, portanto, distribuídos na tabela 18:

**Tabela 18 - Atuação da variável traço humano do sujeito sobre a variante não-padrão no comportamento dos mais velhos**

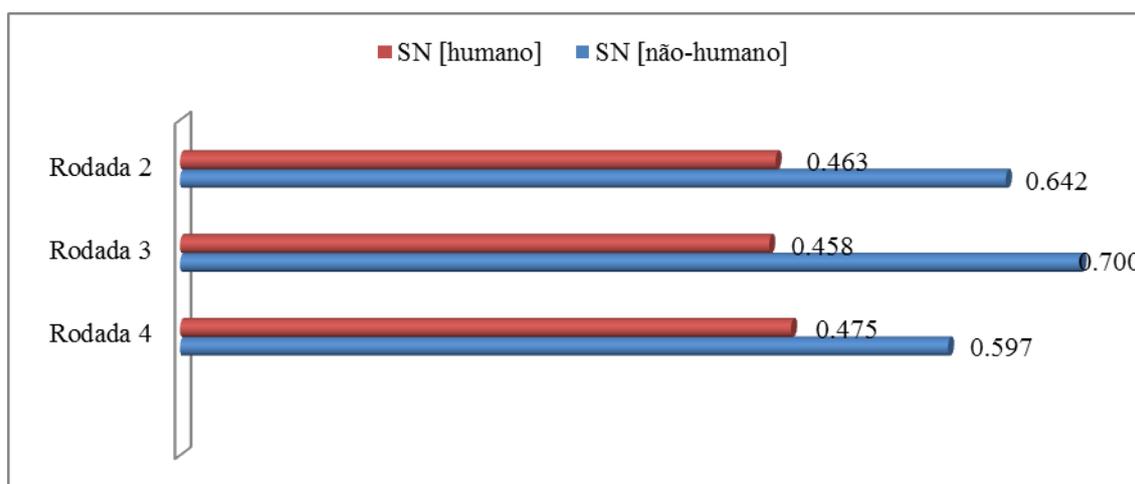
Traço humano no sujeito	Apl/Total	%	PR
SN [humano]	354/935	32,7%	0.475
SN [não-humano]	133/230	44,8%	0.597

Fonte: Elaborado pela autora.

Com base nesses resultados, vemos que no falar dos informante mais velhos selecionados para nosso estudo, o fator SN [não-humano] se comportou de modo favorável ao uso da variante sem marcas de CV, com 44, 8% de frequência e peso relativo de 0.597. Por outro lado, o fator SN [humano] não se mostrou aliado a ausência de CV, com 32,7% e peso relativo de 0.475.

A partir de tais assertivas, podemos dizer que os fatores que compõem a variável traço humano do sujeito se comportaram nesta rodada, ainda que com diferenças estatísticas, de modo bastante similar às rodadas 2 e 3. A esse respeito, vejamos o gráfico 12 em que comparamos os pesos relativos obtidos para a variável traço humano do sujeito nas três rodadas realizadas até aqui.

**Gráfico 12 - Comparação entre os pesos relativos da ausência de CV para a variável traço humano do sujeito nas rodadas 2, 3 e 4**



Fonte: Elaborado pela autora.

De fato, com base nos dados do gráfico 12, vemos que, nas rodadas 2, 3 e 4, o fator SN [não-humano] se revelou um grande aliado ao uso da variante sem marcas de CV

com a 3PP para este estudo. Além disso, é notável também como o referido fator se destacou, principalmente na rodada 2, atingindo um peso relativo maior (0.700) do que nas rodadas 2 (0.642) e 4 (0.475), respectivamente. De igual modo, em nenhuma das referidas rodadas, o fator SN [humano] se comportou de modo favorável ao uso da variante sem marcas de CV.

### **Paralelismo formal no nível discursivo**

Os dados da tabela 19 apresentam os resultados obtidos para a variável paralelismo formal no nível discursivo que, também foi apontada como estatisticamente relevante para o comportamento dos falantes com mais de 50 anos, selecionados para esta quarta rodada, vejamos.

**Tabela 19 - Atuação da variável paralelismo formal no nível discursivo sobre a ausência de CV no comportamento dos mais velhos**

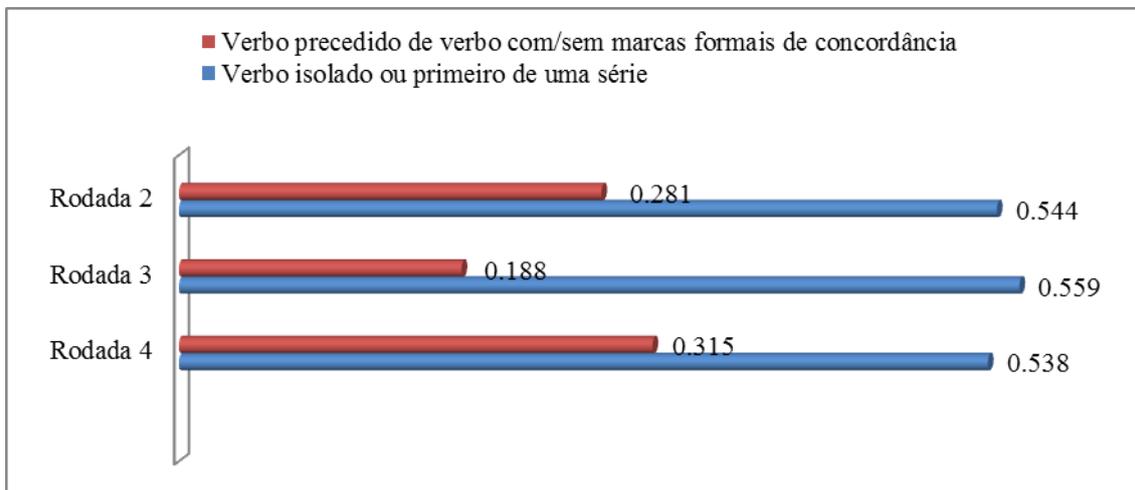
<b>Paralelismo formal no nível discursivo</b>	<b>Apl/Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
Verbo precedido de verbo com/sem marcas formais de concordância	47/210	22,4%	0.315
Verbo isolado ou primeiro de uma série	443/955	46,4%	0.538

Fonte: Elaborado pela autora.

Tais resultados indicam que o fator verbo isolado ou primeiro de uma série, com percentagem igual a 46,4% e peso relativo de 0.538, favoreceu, ainda que discretamente, o uso da variante sem marcas de CV. Por outro lado, o fator verbo precedido de verbo com/sem marcas formais de concordância não se mostrou aliado ao uso da referida regra, apresentando uma frequência de 22,4% e peso relativo de 0.315.

Os resultados obtidos para os fatores que compõem a variável paralelismo formal no nível oracional assinalam um comportamento bastante similar aos resultados obtidos, para a referida variável, também nas rodadas 2 e 3. Assim, vale estabelecer uma comparação entre os resultados alcançados para a variável paralelismo formal no nível discursivo nas rodadas 2 e 3 e os resultados alcançados nesta 4 rodada. Para tanto, vejamos o gráfico 13.

**Gráfico 13 - Comparação entre os pesos relativos da ausência de CV para a variável paralelismo formal no nível oracional nas rodadas 2, 3 e 4**



Fonte: Elaborado pela autora.

Os dados do gráfico 13 apontam que, de fato, os fatores verbo precedido de verbo com/sem marcas formais de concordância e verbo isolado ou primeiro de uma série se encaminharam nas rodadas 2, 3 e 4 deste estudo na mesma direção. Em outras palavras, o primeiro fator se mostrou desfavorável ao uso da variante sem marcas de CV nas rodadas até aqui realizadas, atingindo como peso relativo os seguintes valores: 0.281, 0.188 e 0.315, para as rodadas 2, 3 e 4, respectivamente. Em sentido contrário, o segundo fator se mostrou, nas rodadas 2, 3 e 4, aliado ao uso da variante sem marcas de CV com pesos iguais a 0.544, 0.559 e 0.538, respectivamente.

Vale salientar, contudo, que, embora o fator verbo isolado ou primeiro de uma série tenha se mostrado favorável ao uso da variante sem marcas de CV com a 3PP, no falar de Fortaleza – CE, até a rodada 4, em nenhuma delas o peso relativo obtido para o referido fator se distanciou muito do ponto neutro.

De igual modo, é na rodada 3, realizada para os falantes menos escolarizados que temos o maior peso relativo para o fator verbo isolado ou primeiro de uma série (0.559). Esse valor, como podemos ver no gráfico 13, se manteve muito próximo da primeira rodada (0.544) que, por sua vez, não se distanciou do peso relativo obtido para a rodada 4 (0.538).

### **Posição e distância entre verbo-sujeito**

A penúltima variável apontada como estatisticamente relevante, para a rodada 4 foi a posição e distância entre sujeito-verbo. Os resultados para a referida variável estão devidamente distribuídos na tabela 20:

**Tabela 20 - Atuação da variável posição e distância entre verbo-sujeito sobre a ausência de CV no comportamento dos mais velhos**

<b>Posição e distância entre sujeito e verbo</b>	<b>Apl/Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
Sujeito anteposto perto (um após o outro)	271/672	40,3%	0.481
Sujeito anteposto longe (com 1 ou mais sílabas entre eles)	102/259	39,4%	0.478
Sujeito posposto perto (um após o outro)	72/158	46,2%	0.593
Sujeito posposto longe (com 1 ou mais sílabas entre eles)	14/78	66,7%	0.869

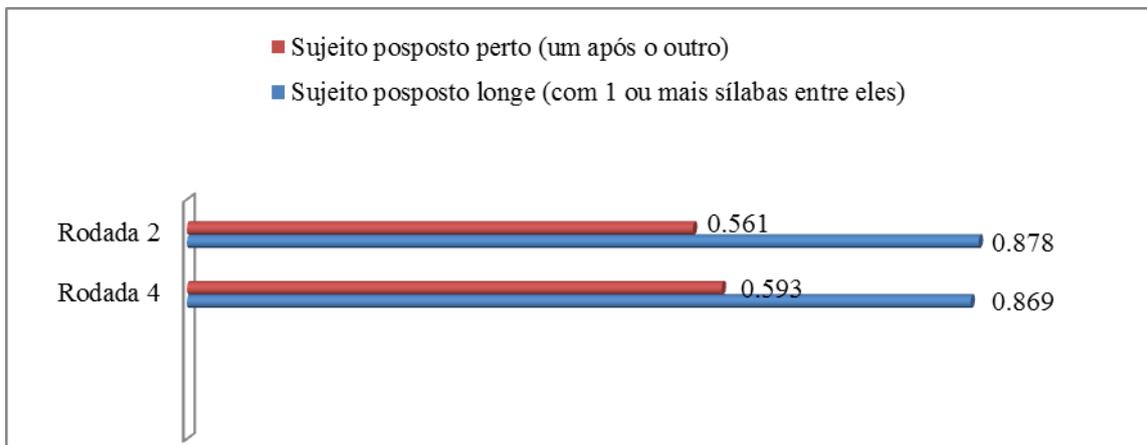
Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com esses resultados, o fator sujeito anteposto perto (um após o outro), bem como o sujeito anteposto longe (com 1 ou mais sílabas entre eles) não favorecem o uso da variante sem marcas de CV, atingindo frequências de 40,3% e 39,4% com pesos relativos iguais a 0.481 e 478, respectivamente.

Em contrapartida, os fatores sujeito posposto perto (um após o outro), com frequência de 46,2% e peso relativo de 0.593, assim como o fator sujeito posposto longe (com 1 ou mais sílabas entre eles), alcançando 66,7%, de frequência e peso relativo igual a 0.869 favoreceram o uso da variante sem marcas de CV na rodada 4.

Diante desses dados, estabelecemos uma comparação entre os resultados obtidos para os fatores sujeito posposto perto (um após o outro) e sujeito posposto longe (com 1 ou mais sílabas entre eles) nas rodadas 2 e 4, já que, na rodada 3, a variável posição e distância entre sujeito-verbo foi descartada pelo programa. Nosso intuito é, portanto, observar em que medidas o comportamento desses fatores se distancia e se aproxima dos resultados que obtivemos para a rodada 2 (falantes menos escolarizados) e para o comportamento dos falantes com mais de 50 anos, em nossa rodada 4. Para tanto, vejamos o gráfico 14:

**Gráfico 14 - Comparação entre os pesos relativos para a ausência de CV nos fatores aliados a regra, na variável posição e distância entre sujeito-verbo, nas rodadas 2 e 4**



Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com os resultados dispostos no gráfico 14, os fatores sujeito posposto perto (um após o outro) e sujeito posposto longe (com 1 ou mais sílabas entre eles) favorecem o uso da variante sem marcas de CV, tanto na rodada 2 como na 4. Na rodada 2, os referidos fatores atingiram pesos relativos iguais a 0.561 (sujeito posposto perto) e 0.878 (sujeito posposto longe). Na rodada 4, por sua vez, os mesmos fatores atingiram 0.593 e 0.869, respectivamente. Com isso, vemos que, além de se comportarem de modo favorável a ausência de CV para nosso estudo, tanto nas rodadas 2 como 4, os pesos relativos obtidos para os fatores em questão apontam o fator sujeito posposto longe (com 1 ou mais sílabas entre eles) como o grande aliado ao uso da regra em análise.

### **Tipo estrutural do sujeito**

Os dados apresentados na tabela 21 correspondem aos resultados obtidos para os fatores que compõem a variável tipo estrutural do sujeito, última apontada como estatisticamente relevante para a variação na CV com a 3PP, no comportamento dos falantes com mais de 50 anos, considerados em rodada 4:

**Tabela 21 - Atuação da variável tipo estrutural do sujeito sobre a ausência de CV no comportamento dos mais velhos**

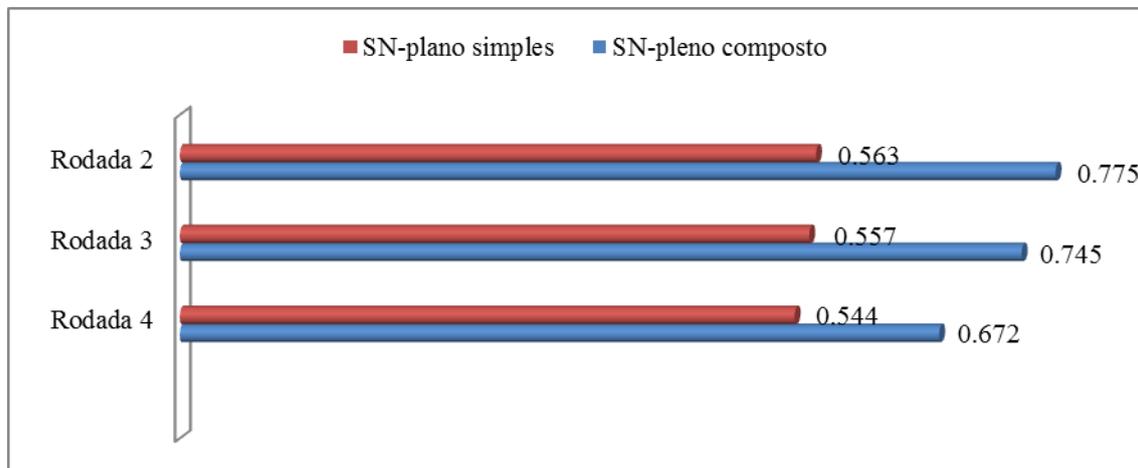
<b>Tipo estrutural do sujeito</b>	<b>Apl/Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
SN-pleno simples	202/421	48,0%	0. 563
SN-pleno nu	12/50	24,0%	0. 399
Pronome pessoal	184/494	37,2%	0. 465
Pronome indefinido	21/67	31,3%	0. 482
Pronome demonstrativo	5/9	55,6%	0. 458
SN-pleno composto	13/16	81,2%	0. 775
Quantificador	53/108	49,1%	0. 584

Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com esses resultados, os fatores SN-pleno simples (48,9% e 0.563), SN-pleno composto (81,2% e 0.775) e quantificador (49,1% e 0.584) são grandes aliados ao uso da variante sem marcas de CV na variável tipo estrutural do sujeito, no falar dos informantes com mais de 50 anos presentes em nossa amostra. Vale ressaltar que, conforme vemos na tabela 21, apesar das poucas ocorrências para o fator SN-pleno composto, ele foi o que mais se destacou no sentido de favorecer a ausência de CV, na variável tipo estrutural do sujeito. Em sentido oposto, os fatores SN-pleno nu (24,0% e 0.399), pronome pessoal (37,2% e 0.465), pronome indefinido (31,3% e 0.482) e o pronome demonstrativo (55,6% e 0.458) não favoreceram o uso da variante sem marcas de CV na rodada 4.

Ao observarmos os resultados obtidos para os fatores que se mostraram favoráveis a ausência de CV com a 3PP, segundo a variável tipo estrutural do sujeito, nas rodadas 2, 3 e 4, já que a referida variável também foi selecionada nas rodadas anteriores, constatamos que, em todas elas, apenas os fatores SN-pleno simples e SN-pleno composto foram apontados como aliados ao uso da regra em análise. Para que possamos perceber melhor os resultados obtidos para os dois fatores citados nas rodadas 2, 3 e 4, observemos o gráfico 15:

**Gráfico 15 - Comparação entre os pesos relativos para a ausência de CV segundo os fatores SN-pleno simples e SN-pleno composto nas rodadas 2, 3 e 4**



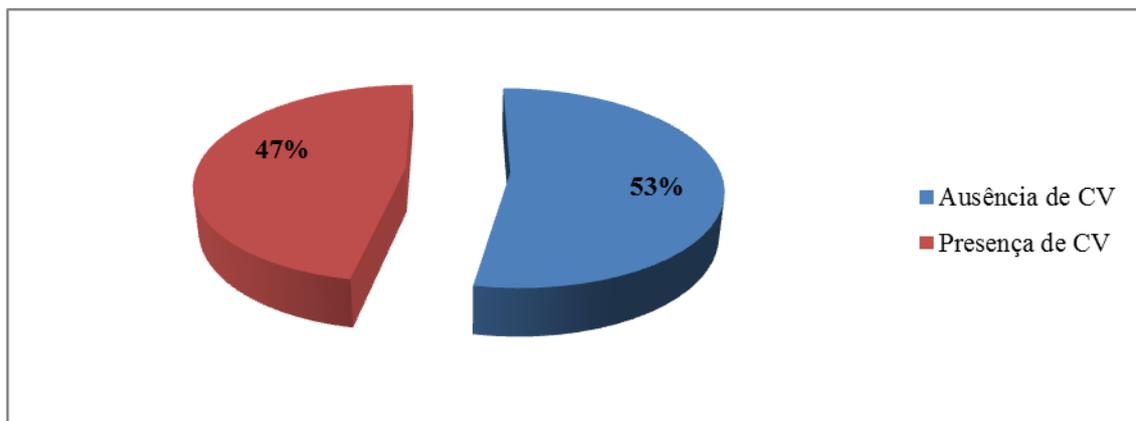
Fonte: Elaborado pela autora.

Com base nesses dados, podemos dizer que, de fato, os fatores SN-pleno simples e SN-pleno composto favorecem a ausência de CV com a 3PP nas três rodadas realizadas até aqui. Além disso, constatamos também, em todas elas, que os valores obtidos para o fator SN-pleno não se distanciam muito do ponto neutro (0.50). Por outro lado, o fator SN-pleno simples se mostrou um grande aliado ao uso da variante sem marcas de CV nas rodadas 2, 3 e 4.

### 5.5 QUINTA RODADA: APENAS PARA AS MULHERES

Em nossa quinta e última rodada, analisamos apenas a fala das mulheres que compõem nossa amostra. Essa opção, naturalmente, nos levou a descartar todos os dados provenientes do comportamento dos sujeitos do sexo/gênero masculino selecionados para este estudo. Ao todo, foram localizadas 1.228 ocorrências de variação na CV com a3PP no falar das fortalezenses. Desse total, 586 (47,0%) correspondiam à presença de CV e 642 (53,0%) à ausência de CV. Para melhor apreensão desses resultados, vejamos o gráfico 16:

**Gráfico 16 - Frequência de uso da CV com a 3PP para as mulheres**



Fonte: Elaborado pela autora.

Esses resultados indicam que, no comportamento das mulheres de nossa amostra, o uso da variante sem marcas de CV tende a ser maior (53%) do que o uso da variante com marcas de CV (47%). No entanto, a diferença entre as tendências de uso das variantes do fenômeno em estudo não apresentou grandes distâncias. Em termos mais diretos, a diferença quanto ao uso das variantes com e sem marcas de CV é de apenas 6 pontos percentuais. Para esta rodada, não localizamos nocaute e solicitamos ao GoldVarb X que indicasse os fatores relevantes para a variação na CV com a 3PP, no comportamento das mulheres fortalezenses, bem como as percentagens e os pesos relativos para cada um deles.

O melhor nível de análise, para esta rodada, foi o *step up 35* (*input* 0.306, significância 0.000). Além disso, as variáveis apontadas como relevantes, no falar das mulheres e, nessa mesma ordem, foram: *saliência fônica, escolaridade, traço humano do sujeito, faixa etária, paralelismo formal no nível discursivo, tipo estrutural do sujeito e posição e distância entre verbo-sujeito*. A partir da seleção de tais variáveis, constatamos que apenas o fator *paralelismo formal no nível oracional* foi descartado. Diante disso, vale lembrar que em nenhuma de nossas análises essa variável foi selecionada como estatisticamente relevante para este estudo.

Desse modo, as discussões seguintes giram, portanto, em tornos dos resultados obtidos para os fatores selecionados na rodada, em que observamos apenas o comportamento das mulheres de nossa amostra, para a variação na CV com a 3PP, no falar popular de Fortaleza – CE.

## Saliência fônica

A tabela 22 apresenta os resultados para a atuação da variável saliência fônica sobre a variação na CV com a 3PP no falar das mulheres de Fortaleza – CE.

**Tabela 22 - Atuação da variável saliência fônica sobre a ausência de CV somente para as mulheres**

<b>Nível I: Posição não acentuada</b>	<b>Apl/Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
a. Não envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural	81/178	45,5%	0.638
b. Envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural	379/516	52,9%	0.730
c. Envolve acréscimo de segmentos na forma plural	59/85	69,4%	0.865
<b>Nível II: Posição acentuada</b>			
a. Envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural	39/148	11,2%	0.143
b. Envolve acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural	37/110	31,9%	0.555
c. Envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural	47/191	16,2%	0.218

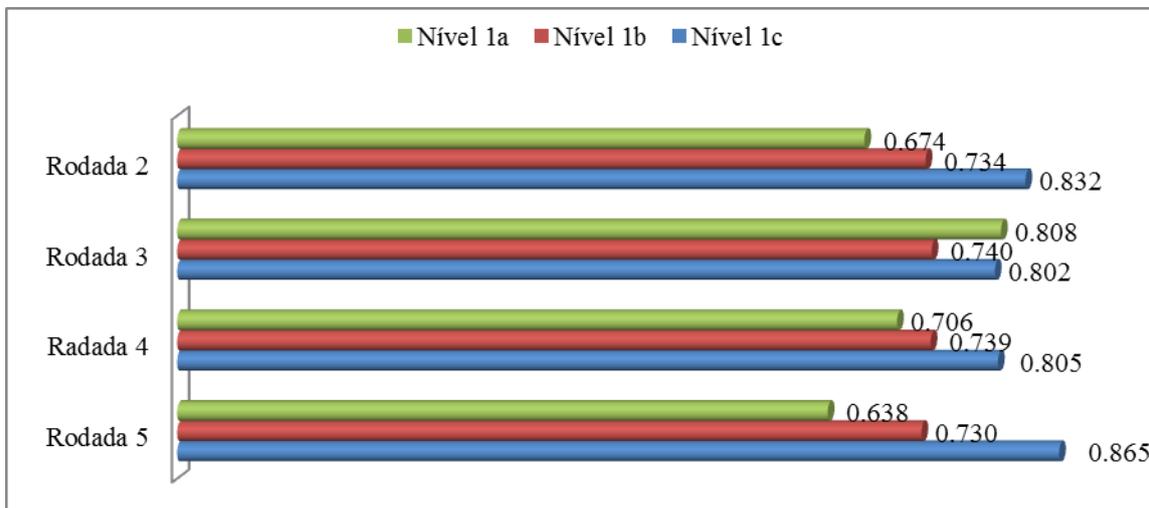
Fonte: Elaborado pela autora.

Esses resultados indicam que os fatores do nível I (posição não acentuada), 1a (não envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural) (45,5% e 0.638), 1b (envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural) (52,9% e 0.730) e 1c (envolve acréscimo de segmentos na forma plural) (69,4% e 0.865), principalmente este último, são aliados ao uso da variante sem marcas de CV, no falar das informantes de nosso estudo.

Por outro lado, os fatores do nível II (posição acentuada), 2a (envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural) (11,2% e 0.143) e 2c (envolve acréscimo de segmentos e mudanças diversas na forma plural) (16,2% e 0.218) não se mostraram favoráveis à ausência de CV. Assim, vemos que, no nível II, apenas o fator envolve acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural (31,9% e 0.555) favorece o uso da variante sem marcas de CV no comportamento das mulheres na capital cearense.

Assim, como nas rodadas anteriores, julgamos interessante comparar os resultados obtidos para os fatores do nível I da variável saliência fônica, na quinta rodada com os resultados alcançados nas rodadas 2, 3 e 4, conforme o gráfico 17. O intuito, novamente, é observar possíveis divergências e/ou convergências entre os resultados.

**Gráfico 17 - Comparação entre os pesos relativos para a ausência de CV no nível I da variável saliência fônica nas rodadas 2, 3, 4 e 5**

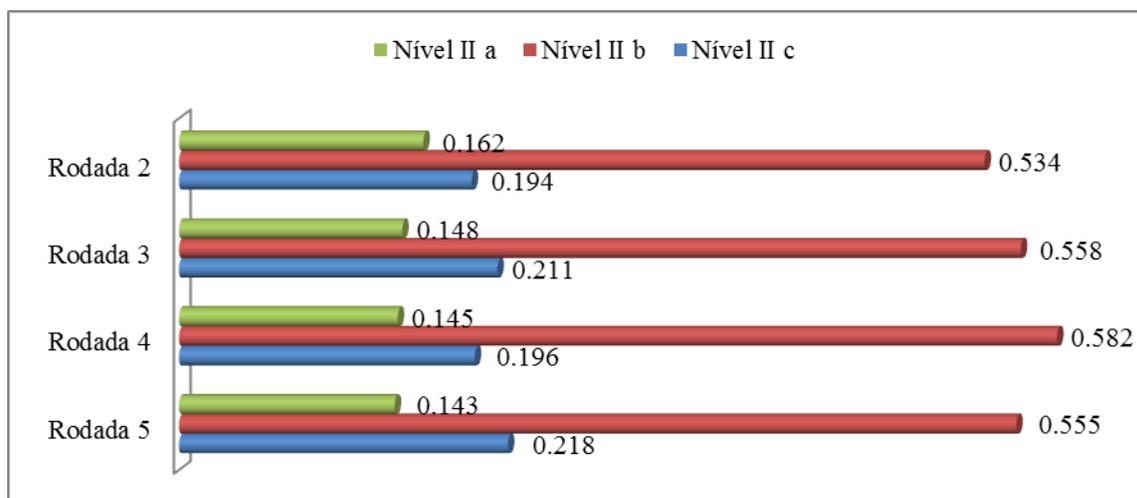


Fonte: Elaborado pela autora.

Como observamos no gráfico 17, em todas as rodadas deste estudo, os fatores do nível I da variável saliência fônica se mostraram muito favoráveis à ausência de CV no falar fortalezense. Interessante perceber, também, que o fator nível 1c (envolve acréscimos de segmentos na forma plural) foi o que mais se destacou no sentido de favorecer o uso da variante sem marcas de CV nas rodadas 2 (0.832), 3 (0.802), 4 (0.805) e 5 (0.865). Neste sentido, podemos dizer que, ao exigir o acréscimo de segmentos na forma plural do verbo, a tendência é a de que os falantes não façam uso da variante sem marcas de CV.

Além da comparação entre os resultados obtidos para o nível I da variável saliência fônica, julgamos interessante comparar também, no espaço desta última análise, os pesos relativos obtidos para os fatores do nível II da saliência fônica nas rodadas 2, 3, 4 e 5. Para tanto, vejamos o gráfico 18:

**Gráfico 18 - Comparação entre os pesos relativos para a ausência de CV no nível II da variável saliência fônica nas rodadas 2, 3, 4 e 5**



Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com os dados do gráfico 18, em todas as rodadas deste estudo, os fatores do nível II (posição acentuada) da variável saliência fônica, com exceção do fator nível 2b (envolve acréscimo de segmentos e mudanças diversas na forma plural), não se mostraram aliados à ausência de CV. Com base nesses resultados, vemos, portanto, que formas mais salientes tendem a não favorecer o uso da variante sem marcas de CV, na comunidade de fala de Fortaleza – CE, comportamento esse observado em todas as rodadas de nosso estudo. Evidentemente, essa assertiva não é válida, como já colocamos, para o fator nível 2b que, contrariando nossas expectativas em todas as rodadas (2 (0.534); 3 (0.558); 4 (0.582) e 5 (0.555)), favoreceu a manutenção da ausência de CV.

## Escolaridade

**Tabela 23 - Atuação da variável escolaridade sobre a ausência de CV somente para as mulheres**

Escolaridade	Apl/Total	%	PR
0-4 anos	314/482	53,6%	0.721
5-8 anos	169/356	36,9%	0.502
9-11 anos	159/390	23,0%	0.304

Fonte: Elaborado pela autora.

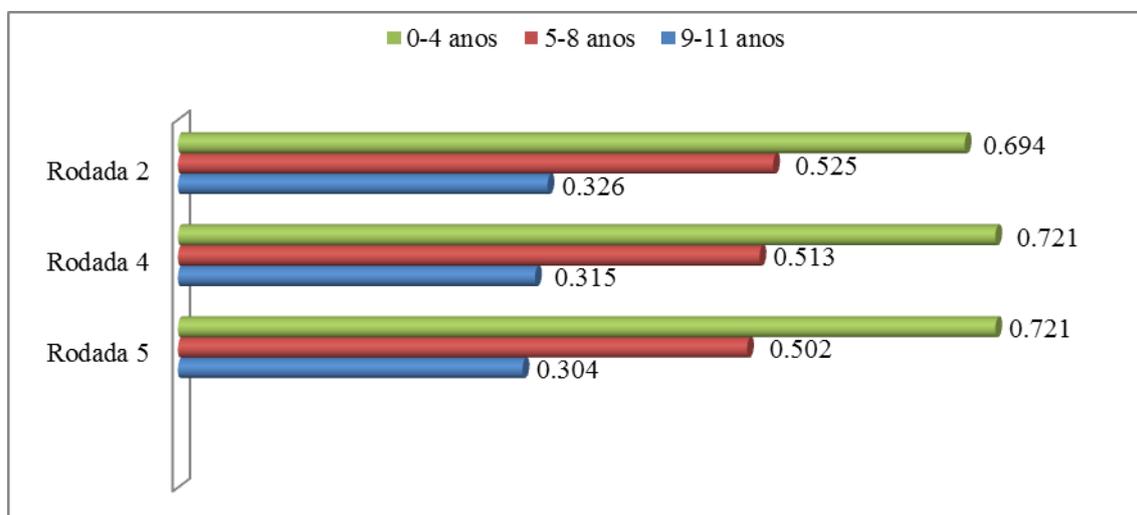
Os dados da tabela 23 correspondem aos resultados obtidos para a variável escolaridade, segunda indicada como estatisticamente relevante pelo Goldvarb X, para a quinta rodada. De acordo com os resultados indicados na referida tabela, o nível de

escolaridade correspondente a 0-4 anos (53,6% e 0.721) é um grande aliado ao uso da variante sem marcas de CV, no falar das mulheres de Fortaleza – CE. Em sentido oposto, constatamos que as informantes com 9-11 (23% e 0.304) não favorecem a ausência de CV, enquanto que o nível correspondente a 5-8 anos de escolaridade (36,6% e 0.502) se mostrou neutro.

Assim, vemos que em linhas gerais, no comportamento das mulheres de nossa amostra, o uso da variante sem marcas de CV é favorecido, no que tange à escolaridade, pelo menor nível de escolaridade testado em nossa amostra, isto é, escolaridade de 0-4 anos. Constatamos também que, quanto maior o nível de escolarização de nossas informantes, maiores as chances da variante sem marcas de CV não ser favorecida.

Tendo em vista que, em todas as rodadas deste estudo, com exceção da rodada 2, em que controlamos apenas a fala dos menos escolarizados, a variável escolaridade foi apontada como estatisticamente relevante, estabelecemos uma comparação entre os pesos relativos obtidos para todos os fatores que compõem a variável escolaridade nas rodadas 2, 4 e 5. Os resultados das comparações são, portanto, devidamente apresentados no gráfico 19:

**Gráfico 19 - Comparação entre os pesos relativos da ausência de CV para a variável escolaridade nas rodadas 2, 4 e 5**



Fonte: Elaborado pela autora.

Ao observarmos os dados do gráfico 19, vemos que, nas rodadas 2, 4 e 5, os pesos relativos da variante sem marcas de CV para a variável escolaridade indicam que, no falar das mulheres de Fortaleza – CE, a ausência de CV é fortemente influenciada pelo menor nível de escolaridade de nossa amostra (0-4 anos). Constatamos também que os falantes com 5-8 anos de escolarização favoreceram, ainda que discretamente, o uso da variante sem marcas de CV, nas rodadas 2 (0.525) e 4 (0.513), se mostrando neutro na rodada 5 (0.502). Por outro lado,

em nenhuma de nossas rodadas, os falantes com 9-11 anos de escolaridade atuaram no sentido de favorecer a ausência de CV.

### **Traço humano do sujeito**

Conforme já indicamos nos parágrafos anteriores, a variável traço humano do sujeito foi indicada como a terceira variável estatisticamente relevante para a quinta rodada deste estudo. Assim, os dados da tabela 24 apresentam os resultados obtidos para a variável traço humano do sujeito no falar das mulheres de Fortaleza – CE.

**Tabela 24 - Atuação da variável traço humano do sujeito sobre a ausência de CV somente para as mulheres**

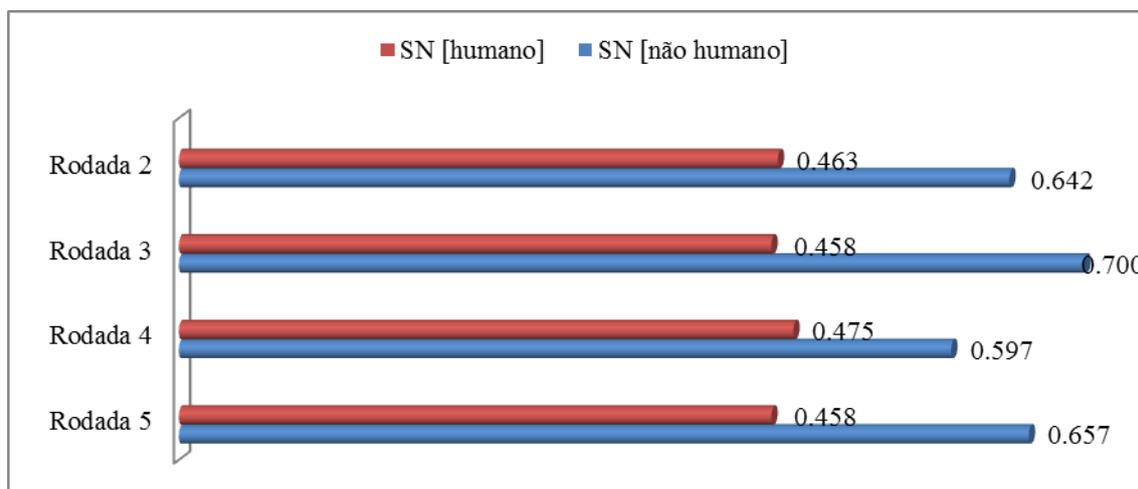
<b>Traço humano no sujeito</b>	<b>Apl/Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
SN [humano]	474/873	34,4%	0.458
SN [não humano]	168/355	47,3%	0.657

Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com esses resultados, o traço SN [não humano] favorece, de modo significativo, o uso da variante sem marcas de CV (47,3% e 0.657). Em contrapartida, o fator SN [humano] não se mostrou aliado (34,4 e 0.458) à ausência de CV no comportamento linguístico das mulheres em nossa amostra.

Esses resultados confirmam uma tendência que já vinha sendo apontada nas rodadas anteriores, isto é, a de que, no falar popular de Fortaleza – CE, o SN [não humano] tende a favorecer o uso da variante sem marcas de CV, ao contrário do fator SN [humano]. Diante disso, convidamos o leitor a observar o gráfico 26, no qual estabelecemos uma comparação entre os pesos relativos obtidos para a variante sem marcas de CV com a 3PP em função dos fatores que compõem a variável traço humano do sujeito.

**Gráfico 20 - Comparação entre os pesos relativos para a ausência de CV na variável traço humano do sujeito nas rodadas 2, 3, 4 e 5**



Fonte: Elaborado pela autora.

De fato, com base nos dados do gráfico 20, fica claro que, em todas as rodadas deste estudo, o fator SN [não-humano] se mostrou favorável ao uso da variante sem marcas de CV com a 3PP, se destacando ainda mais na rodada 3 (0.700). Além disso, vemos que o fator SN [humano] inibiu a ausência de CV em todas as quatro rodadas, sendo que os pesos relativos obtidos para o referido fator, em todas elas, não apresentaram grandes diferenças entre si.

### Faixa etária

A variável faixa etária também foi apontada como estatisticamente relevante para a variação na CV com a 3PP no comportamento das mulheres de Fortaleza - CE. Sobre os resultados obtidos nesta rodada para a variável faixa etária, vejamos a tabela 25.

**Tabela 25 - Atuação da variável faixa etária sobre a ausência de CV somente para as mulheres**

Faixa etária	Apl/Total	%	PR
15-25 anos	188/406	36,3%	0.506
26-49 anos	177/338	27,7%	0.373
Mais de 50 anos	277/484	47,9%	0.635

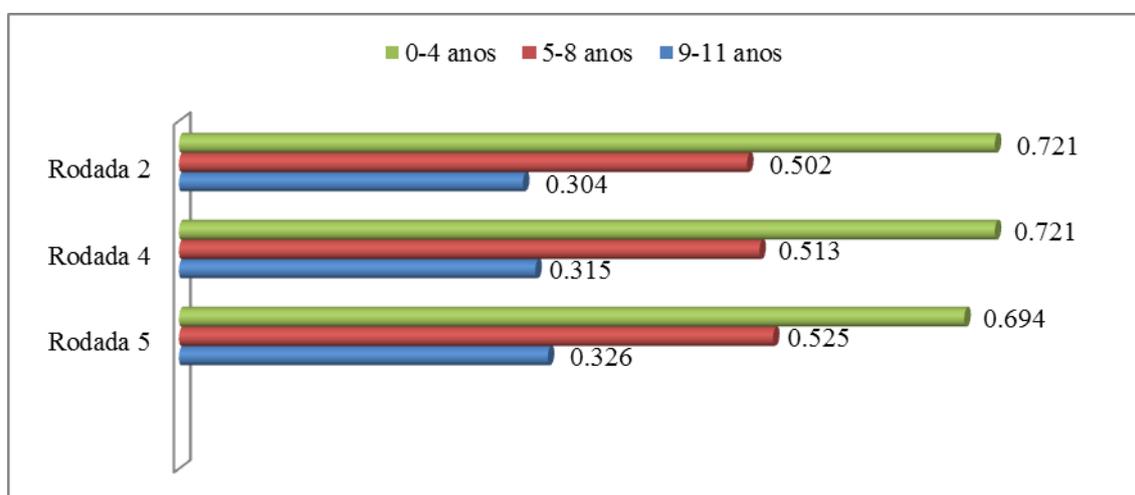
Fonte: Elaborado pela autora.

Os dados da tabela 25 revelam que, no falar de fortaleza – CE, as mulheres com mais de 50 anos de idade favorecem significativamente o uso da variante sem marcas de CV

(47,9% e 0.635). Em sentido oposto, as informantes com 26-49 anos (27,7% e 0.373) inibiram o uso da ausência de CV, enquanto que as falantes com 15-25 anos (36,3% e 0.506) se mantiveram praticamente neutras, em relação ao uso da variante sem marcas de CV.

Tendo em vista que a variável faixa etária também foi selecionada nas demais rodadas deste estudo, exceto na rodada 4 em que testamos apenas o comportamento dos falantes mais velhos, julgamos interessante compararmos os resultados obtidos para a atuação da variável faixa etária sobre o uso da variante sem marcas de CV nas rodadas 2, 3 e 5, conforme o gráfico 21:

**Gráfico 21 - Comparação entre os pesos relativos da ausência de CV para a variável faixa etária nas rodadas 2, 3 e 5**



Fonte: Elaborado pela autora.

Os dados do gráfico 21 mostram que, em nenhuma das rodadas para as quais a variável faixa etária se mostrou estatisticamente relevante, a faixa etária 15-25 anos favoreceu à ausência de CV no falar de Fortaleza – CE, vindo a mostrar-se neutra na quinta rodada. A faixa 26-49 anos interferiu, ainda que discretamente, de modo favorável ao uso da variante sem marcas de CV, apenas na rodada 3 (0.523).

Assim, vemos que, de fato, os falantes com mais de 50 anos se mostraram aliados ao uso da variante sem marcas de CV, nas rodadas 2 (0.586), 3 (0.546) e, principalmente na rodada 5 (0.635), isto é, na rodada realizada apenas com dados provenientes da fala das informantes do sexo/gênero feminino de nossa amostra.

### **Paralelismo formal no nível discursivo**

Na tabela 26, apresentamos os resultados obtidos para o comportamento da variável paralelismo formal no nível discursivo, no falar das mulheres de Fortaleza – CE:

**Tabela 26 - Atuação da variável paralelismo formal no nível discursivo sobre a ausência de CV somente para as mulheres**

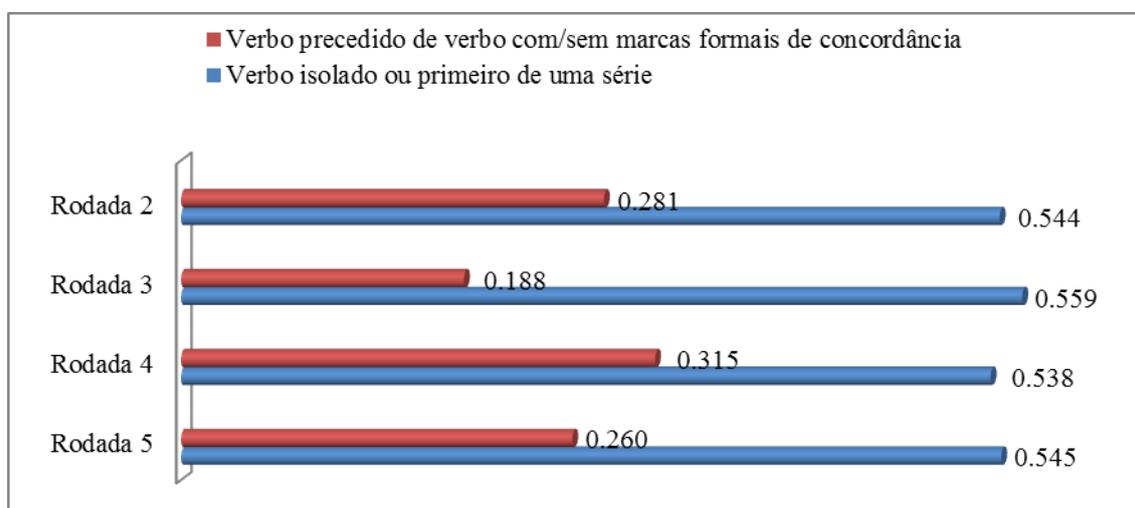
<b>Paralelismo formal no nível discursivo</b>	<b>Apl/Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
Verbo precedido de verbo com/sem marcas formais de concordância	34 /349	13,3%	0.260
Verbo isolado ou primeiro de uma série	608/879	41,1%	0.545

Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com esses resultados, vemos que o fator verbo precedido de verbo com/sem marcas formais de concordância (13,3% e 0.260) se comportou de modo não favorável ao uso da variante sem marcas de CV. Por outro lado, o fator verbo isolado ou primeiro de uma série (41,1% e 0.545) favoreceu a ausência de CV no falar das fortalezenses selecionadas para nossa amostra.

Tendo em vista que a variável paralelismo formal no nível discursivo também foi apontada como estatisticamente relevante nas demais rodadas deste estudo, estabelecemos uma comparação entre os resultados obtidos para os pesos relativos referentes ao comportamento da referida variável sobre o uso da variante sem marcas de CV, nas rodadas 2, 3, 4 e 5, para o português popular de Fortaleza – CE . Os dados dessa comparação estão devidamente dispostos no gráfico 22.

**Gráfico 22 - Comparação entre os pesos relativos da ausência de CV para a variável paralelismo formal no nível discursivo nas rodadas 2, 3, 4 e 5**



Fonte: Elaborado pela autora.

Esses dados indicam que o fator verbo precedido de verbo com/sem marcas formais de concordância que compõe a variável paralelismo formal no nível discursivo não favorece o uso da variante sem marcas de CV nas rodadas 2 (0.281), 3 (0.188), 4 (0.315) e 5 (0.260). Assim, em todas as rodadas deste estudo, o fator verbo precedido de verbo com/sem marcas formais de concordância inibiu a ausência de CV. Em sentido oposto, o fator verbo isolado ou primeiro de uma série se mostrou aliado ao uso da variante sem marcas de CV, nas rodadas 2 (0.544), 3 (0.559), 4 (0.538) e 5 (0.545), isto é, em todas as rodadas desta pesquisa.

### **Tipo estrutural do sujeito**

A variável tipo estrutural do sujeito também foi selecionada como estatisticamente relevante para a fala das mulheres de nossa amostra. Os resultados para cada um dos fatores que compõem essa variável estão devidamente distribuídos na tabela 27.

**Tabela 27 - Atuação da variável tipo estrutural do sujeito sobre a ausência de CV para os mais velhos**

<b>Tipo estrutural do sujeito</b>	<b>Apl/Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
SN-pleno simples	250/493	42,2%	0.570
SN-pleno nu	16/92	17,4%	0.259
Pronome pessoal	259/380	33,2%	0.461
Pronome indefinido	29/77	37,7%	0.455
Pronome demonstrativo	6/ 25	24,0%	0.363
SN-pleno composto	14/20	70,0%	0.787
Quantificador	68/ 141	46,3%	0.589

Fonte: Elaborado pela autora.

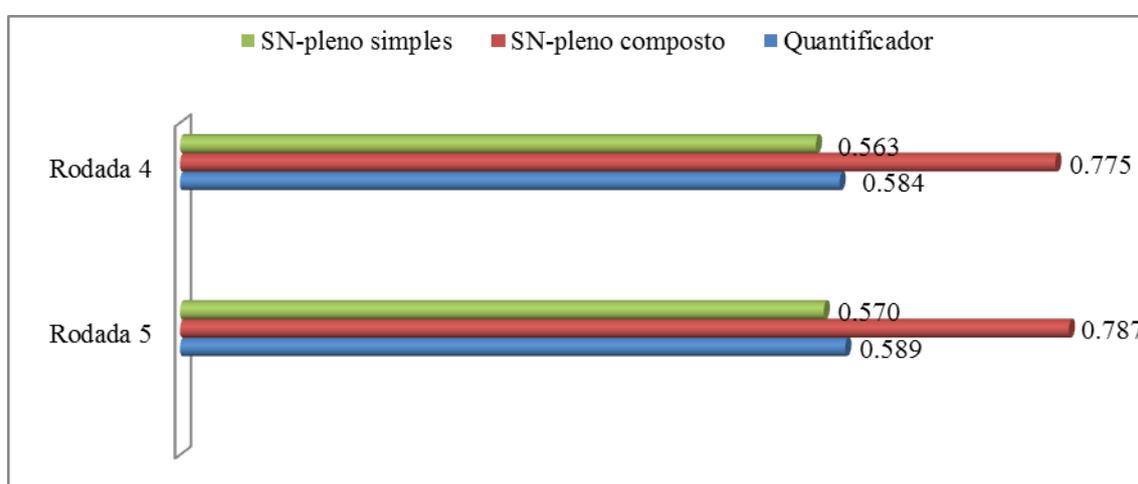
Esses resultados indicam que, no falar das fortalezenses, os fatores SN-pleno simples (42,2% e 0.570), SN-pleno composto (70,0 e 0.787) e quantificador (46,3% e 0.589) favorecem o uso da variante sem marcas de CV na fala das mulheres. Destaque maior obteve o fator SN-pleno composto que, apesar das poucas ocorrências, se mostrou um grande aliado da ausência de CV.

Em sentido oposto, os fatores SN-pleno nu (17,4% e 0.259), pronome pessoal (33,2 e 0.461), pronome indefinido (37,7% e 0.455) e pronome demonstrativo (24,0% e 0.363) inibiram o uso da variante sem macas de CV no falar das mulheres de Fortaleza – CE. Dentre esses fatores, o SN-pleno nu se mostrou ainda mais desfavorável ao uso da referida regra, atingindo frequência e peso relativo significativamente baixos.

Com a seleção da variável tipo estrutural do sujeito para a quinta rodada deste estudo, vemos que, de fato, esse parece ser um grupo de fatores relevante para a realização

variável da CV com a 3PP no falar de Fortaleza – CE, já que ele foi selecionado em todas as rodadas que apresentaram resultados significativos<sup>40</sup>. Além disso, vemos que tanto na rodada 4 como 5 os fatores SN-pleno simples, SN-pleno composto e quantificador foram apontados como aliados ao uso da variante sem marcas de CV. Assim, jugamos interessante estabelecer uma comparação entre os pesos relativos obtidos para os referidos fatores em ambas as rodadas, a fim de observar possíveis distâncias ou aproximações entre eles. Para isso, vejamos o gráfico 23.

**Gráfico 23 - Comparação entre os fatores aliados à ausência de CV na variável tipo estrutural do sujeito nas rodadas 4 e 5**



Fonte: Elaborado pela autora.

Os dados do gráfico 23 indicam que não há muitas diferenças entre os resultados obtidos para a atuação dos fatores SN-pleno simples, SN-pleno composto e quantificador sobre o uso da variante sem marcas de CV nas rodadas 4 e 5. Pelo contrário, é possível ver que os pesos relativos para os fatores destacados na variável tipo estrutural do sujeito se mantiveram bem próximos. De igual modo, tanto na rodada 4 (0.775) como na 5 (0.787), o fator SN-pleno composto se mostrou um grande favorecedor do uso da ausência de CV.

### **Posição e distância entre verbo-sujeito**

A última variável apontada como estatisticamente relevante pelo GoldVarb X para esta quinta rodada foi a posição e distância entre sujeito e verbo. Os resultados obtidos para a atuação de cada um dos fatores que a compõem estão dispostos na tabela 28.

<sup>40</sup> Lembramos que nossa primeira rodada não apresentou resultados estatisticamente significativos.

**Tabela 28 - Atuação da variável posição e distância entre verbo-sujeito sobre a ausência de CV apenas para as mulheres**

Posição e distância entre sujeito e verbo	Apl/Total	%	PR
Sujeito anteposto perto (um após o outro)	349/577	35,7%	0.489
Sujeito anteposto longe (com 1 ou mais sílabas entre eles)	197/431	37,1%	0.501
Sujeito posposto perto (um após o outro)	76/178	37,3%	0.469
Sujeito posposto longe (com 1 ou mais sílabas entre eles)	20/42	90,9%	0.951

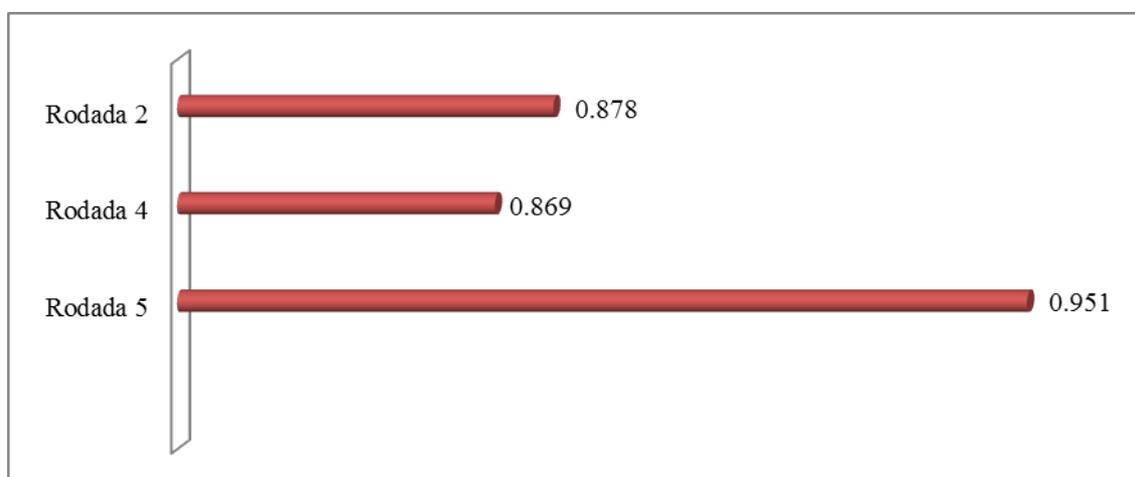
Fonte: Elaborado pela autora.

Esses resultados indicam que, no falar das mulheres de Fortaleza – CE, o fator sujeito posposto longe (com 1 ou mais sílabas entre eles) foi o único que favoreceu o uso da ausência de CV com a 3PP. Esse fator, apesar das poucas ocorrências, se mostrou um grande aliado (0.951) do uso da variante sem marcas de CV no comportamento linguístico das fortalezenses. Na verdade, a atuação do fator sujeito posposto longe (com 1 ou mais sílabas entre eles), no sentido de favorecer o uso da ausência de CV, foi quase categórico.

Em sentido oposto, os fatores sujeito anteposto perto (um após o outro) (0.489), sujeito posposto perto (um após o outro) (0.469) inibiram o uso da variante sem marcas de CV, enquanto que o fator sujeito anteposto longe (com 1 ou mais sílabas entre eles) (0.501) se mostrou neutro.

Além desta rodada, a variável posição e distância entre sujeito e verbo também foi selecionada nas rodadas 2 e 4. Em ambas, o fator sujeito posposto longe (1 ou mais sílabas entre eles) se comportou de modo muito favorável ao uso da variante sem marcas de CV. A esse respeito, vejamos o gráfico 24.

**Gráfico 24 - Comparação entre os pesos relativos do fator sujeito posposto longe (1 ou mais sílabas entre eles) para a ausência de CV nas rodadas 2, 4 e 5**



Fonte: Elaborado pela autora.

Com base nesses dados, podemos dizer que, nas rodadas 2 (0.878), 4 (0.869) e 5 (0.951) deste estudo, o fator sujeito posposto longe (1 ou mais sílabas entre eles) se revelou, de fato, um grande favorecedor da variante sem marcas de CV com a 3PP. Vemos também que é no falar das mulheres que o fator se destaca ainda mais no sentido de favorecer o uso da variante sem marcas de CV.

## 6 CONCLUSÕES

Com base nos postulados teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006) ou Sociolinguística variacionista (LABOV, 1994, 2006, 2008), investigamos, neste trabalho, o comportamento variável da CV com a 3PP, no falar popular de Fortaleza – CE. Conforme discutimos, ao longo desta dissertação, esse fenômeno há tempos desperta o interesse, não somente de linguistas, mas também do público em geral.

Contudo, enquanto os cientistas da linguagem, vinculados às mais diversas vertentes, voltam-se para a variação na CV com a 3PP equipados com uma postura investigativa que os preenche de curiosidade e os obriga a despir-se de qualquer ideia preconcebida, o público em geral ainda nutre sobre esse fenômeno uma série de mitos e suposições fantasiosas. Isso porque, sobre a ausência de CV recaem uma série de valores depreciativos através dos quais tenta-se fazer crer que os falantes que usam a variante sem marcas de CV têm menos capacidade de se expressar do que os falantes que usam a variante com marcas de CV.

Felizmente, a vasta gama de estudos sociolinguísticos realizados sobre o fenômeno em evidência, com base nas mais diferentes variedades do PB, tem indicado que por trás do uso das variantes com e sem marcas de CV há muitos fatores linguísticos e sociais condicionando o uso de uma ou de outra forma variante. Embora bastante representativo, é bem verdade que ainda faltam, no quadro dos estudos sociolinguísticos, trabalhos sobre o fenômeno em tela em muitas variedades do PB. Esse era o caso da variedade tida como popular, falada na capital cearense, para a qual não dispúnhamos, até a realização desta pesquisa, de nenhum estudo sobre a variação na CV com a 3PP.

A partir do reconhecimento de tal lacuna, resolvemos investigar o fenômeno em tela com base em amostra de fala extraída do banco de dados do NORPOFOR. Com isso, buscamos identificar quais fatores, tanto linguísticos como sociais, atuam, principalmente, sobre o uso da variante sem marcas de CV. Pois, desse modo, acreditamos estar contribuindo não somente para a descrição do PB falado atualmente, mas também para a quebra de julgamos pejorativos e, conseqüentemente, de preconceitos lançados sobre a ausência de CV no falar popular de Fortaleza – CE.

Afinal, indicamos, por meio de percentuais e pesos relativos o *quantum* com que cada fator linguístico e social testado interfere no uso da variante sem marcas de CV. Com isso, comprovamos que o uso de tal variante não acontece de modo aleatório, muito menos,

reflete incapacidade por parte dos falantes ao fazer uso desse processo morfossintático, mas sim, que o uso da ausência de CV é fruto da atuação e interação de uma série de fatores linguísticos e sociais. Posto isso, convém destacar mais especificamente os achados de nosso estudo, no qual realizamos cinco rodadas de análise estatística, a partir das ocorrências do fenômeno de variação na CV com a 3PP coletadas em nossa amostra e com o auxílio do GoldVarb X. Dentre as rodadas que realizamos e, com exceção da primeira, todas apresentaram resultados significativos.

Com a rodada 2, verificamos que, ao contrário do que esperávamos, o uso da variante sem marcas de CV não prevaleceu sobre o uso da variante com marcas de CV. Na verdade, a frequência de uso da primeira (34,6%) foi bem menor em relação ao uso da segunda (64,4%), indicando, assim, que a variante mais usada pelos fortalezenses selecionados para este estudo é a variante com marcas de CV. Esse resultado indica também um contraste em relação ao uso da variante sem marcas de CV com a 3PP, entre o português popular de Fortaleza – CE e outras variedades tidas como populares do PB.

Além disso, nossa segunda rodada indicou como estatisticamente relevante para o fenômeno em estudo, e, nessa mesma ordem, as variáveis: *saliência fônica*, *escolaridade*, *traço humano do sujeito*, *paralelismo formal no nível discursivo*, *faixa etária*, *posição e distância entre verbo-sujeito*, *tipo estrutural do sujeito* e *sexo/gênero*.

Com a variável linguística saliência fônica, constatamos que, no falar popular de Fortaleza – CE, formas verbais com menor grau de saliência entre plural e singular favorecem o uso da variante sem marcas de CV, confirmando, assim, nossas expectativas iniciais. Vale lembrar que, dentre as formais mais salientes, apenas o fator envolve acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural se mostrou aliado à ausência de CV. Tal comportamento contraria, portanto, o que esperávamos para esse fator, em relação ao uso da variante sem marcas de CV.

Para a variável social escolaridade, nossos resultados indicaram que os falantes com 0-4 anos de escolarização são grandes aliados à ausência de CV. De igual modo, os falantes com 5-8 anos também favoreceram o uso dessa variante, ao contrário dos falantes com 9-11 anos, que não beneficiaram a variante sem marcas de CV no falar popular da capital cearense. Pontuamos que esses resultados confirmam nossas hipóteses iniciais para o comportamento dos fatores que constituem a variável escolaridade, neste estudo.

Ao lado da saliência fônica e da escolaridade, a variável traço humano do sujeito indicou que o fator SN [não humano] favorece, tal como esperávamos, o uso da variante sem marcas de CV. De igual modo, com a variável paralelismo formal no nível discursivo

constatamos que o fator verbo isolado ou primeiro de uma série é aliado ao uso da variante sem marcas de CV com a 3PP, no falar popular de Fortaleza – CE.

Para a variável faixa etária, os resultados obtidos indicam os falantes com mais de 50 anos como grandes favorecedores do uso da variante sem marcas de CV, resultados esses que refutam nossas expectativas iniciais para a atuação da faixa etária, já que esperávamos que os falantes com 15-25 anos se comportassem de modo favorável ao uso da variante sem marcas de CV. Na sequência, vimos que, para a variável posição e distância entre verbo-sujeito, nossos resultados indicaram que os fatores sujeito posposto perto (um após o outro) e sujeito posposto longe (com 1 ou mais sílabas entre eles), principalmente esse último, favorecem a ausência de CV com a 3PP.

Dentre os fatores que compõem a variável linguística tipo estrutural do sujeito, vimos que os fatores SN-pleno simples e SN-pleno composto são aliados ao uso da variante sem marcas de CV, confirmando, em parte, nossas hipóteses iniciais para a atuação dos fatores da variável tipo estrutural do sujeito sobre o fenômeno investigado nesta pesquisa. Por último, a rodada 2 nos indicou ainda que, para a variável social sexo/gênero, as mulheres, em contraste com o que acreditávamos, inicialmente, favorecem, o uso da variante sem marcas de CV com a 3PP no falar popular de Fortaleza – CE.

Além dos pontos que destacamos para o comportamento dos fatores que condicionam a ausência de CV em nossa amostra, é importante destacar que, a julgar pelo comportamento, principalmente, dos fatores sociais, concluímos que o uso das variantes com e sem marcas de CV com a 3PP no falar popular de Fortaleza – CE figura como variação estável. Fato esse que confirma o que esperávamos de início para este estudo, realizado com base nos princípios de uma pesquisa em tempo aparente, conforme nos ensina a Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 1994, 2006, 2008).

Tendo em vista que todas as variáveis sociais foram apontadas como estatisticamente relevantes em nosso estudo, resolvemos realizar ainda outras três rodadas, a fim de testar o comportamento variável da CV com a 3PP no falar dos *informantes menos escolarizados*, para a rodada 3; *no falar dos mais velhos*, para a rodada 4 e, *no falar das informantes do sexo/gênero feminino*, para a rodada 5.

Dentre os pontos que podemos destacar para os achados das rodadas 3, 4 e 5, pontuamos que, apenas na rodada para as mulheres, o uso da variante sem marcas de CV foi maior do que o uso da ausência de CV com a 3PP. Verificamos também, que a variável saliência fônica foi apontada como a mais relevante estatisticamente em todas as rodadas,

indicando que os fatores situados no nível das formas menos salientes favorecem, de fato, o uso da variante sem marcas de CV para este estudo. De igual modo, constatamos que, em todas as rodadas, o fator envolve acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural, situado no nível das formas menos salientes, beneficiou o uso da variante sem marcas de CV.

Além da variável saliência fônica, que se mostrou pertinente em todas as rodadas deste estudo, as variáveis linguísticas *paralelismo formal no nível discursivo*, *traço humano do sujeito* e *tipo estrutural do sujeito* foram selecionadas para a rodada com os menos escolarizados, ao lado da variável social *faixa etária*. Na rodada em função dos falantes mais velhos, foram selecionadas as variáveis linguísticas *traço humano do sujeito*, *paralelismo formal no nível discursivo*, *posição e distância entre verbo-sujeito* e *tipo estrutural do sujeito*, ao lado da variável social *escolaridade*. Já, na rodada para as mulheres, o GoldVarb X indicou, como estatisticamente relevante, as variáveis linguísticas, *traço humano do sujeito*, *paralelismo formal no nível discursivo*, *tipo estrutural do sujeito* e *posição e distância entre verbo-sujeito*, além das variáveis sociais *escolaridade* e *faixa etária*. Assim, vemos que, em nenhuma rodada deste estudo, a variável *paralelismo formal no nível oracional* foi selecionada, refutando com isso, todas as nossas expectativas iniciais para ela.

Importante ressaltar que, ao compararmos o comportamento dos fatores apontados como relevantes para o uso da variante sem marcas de CV, a partir das variáveis selecionadas, percebemos que praticamente todos eles – com exceção da variável *tipo estrutural do sujeito* que apresentou, para as rodadas 3, 4 e 5, resultados bem diferenciados da rodada 2 – seguiram a mesma direção, ainda que com diferentes valores estatísticos. De forma mais precisa, vimos, por exemplo, que a variável *paralelismo formal no nível discursivo*, sempre que selecionada, indicou que, em todas as rodadas o fator verbo isolado ou primeiro de uma série favorece, o uso da variante sem marcas de CV. De igual modo, a variável social *escolaridade*, selecionada nas rodadas 2, 4 e 5, indicou que falantes com 0-4 anos de escolarização são, de fato, grandes aliados ao uso da variante sem marcas de CV com a 3PP no falar popular de Fortaleza – CE.

Tendo destacado os mais relevantes achados desta pesquisa, vale pontuar que naturalmente estamos cientes de suas limitações, pois, por razões que envolvem desde a limitação de tempo e até mesmo opções metodológicas, optamos por não testar as possíveis influências dos diferentes tipos de inquéritos ou registros (DID, D2 e EF) sobre a variação na CV com a 3PP, no falar de Fortaleza – CE. Isso certamente nos permitiria observar como diferentes tipos de registro podem interferir no uso de uma ou de outra forma variante. Além disso, estaríamos contribuindo para o preenchimento de um ponto que julgamos lacunar no

quadro dos estudos sociolinguísticos sobre o nosso fenômeno, pois, até o término desta pesquisa não tomamos conhecimento de nenhum trabalho que tenha testado as possíveis atuações dos diferentes tipos de inquiritos ou registros sobre a variação na CV com a 3PP no PB.

De igual modo, é interessante colocar que, até o momento, não contamos com nenhum estudo sociolinguístico sobre o fenômeno em perspectiva com base em dados representativos da variedade tida como culta na capital cearense. Assim, não temos como saber qual a variante mais usada no falar culto, bem como quais são os fatores linguísticos e sociais que influenciam seu uso e, muito menos, estabelecer comparações com o falar popular dos fortalezenses, a fim de observar possíveis divergências e/ou convergências, no que tange à variação na CV com a 3PP, entre os falares culto e popular de Fortaleza – CE. Com isso, identificamos pontos que certamente abrem espaço para a realização de um estudo futuro.

Mesmo diante de tais limitações, estamos convencidos de que, com os resultados obtidos neste estudo, oferecemos um apurado retrato sociolinguístico da variação na CV com a 3PP a partir de uma, até então, inédita amostra de fala. Somando os achados deste estudo com os de outros pesquisadores, temos, portanto, a indicação dos muitos fatores linguísticos e/ou sociais que, no uso real da língua, atuam sobre as variantes com e sem marcas de CV com a 3PP. O conhecimento de tais fatores, reafirmamos, é peça fundamental para a compreensão do funcionamento de nossas formas variantes, principalmente para a variante sem marcas de CV que, frequentemente, é mal avaliada socialmente. Por último, esperamos que este trabalho possa, ainda que dentro de suas limitações, contribuir para estudos futuros sobre o fenômeno de variação na CV com a 3PP, seja na variedade fortalezense ou em outras variedades do PB.

## REFERÊNCIAS

- ALKMIN, T. M. Sociolinguística parte I. In: MUSSALIN, F.; BENTES A. C. (Orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. 9. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012. p. 23-50.
- ALVES DA SILVA, J. A. **A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do Estado da Bahia**. 2005, 340f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11634/1/Tese%20Jorge%20da%20Silva.pdf>>. Acesso em: 02 Abr. 2015.
- ALVES, T. L. **A expressão da futuridade nos tipos de discurso do expor e do narrar a partir de textos de língua falada e escrita cearenses**. 2011, 262f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8894>>. Acesso em: 13 Abr. 2015.
- AMARAL, A. **O dialeto caipira**. São Paulo: Editora Anhembi Ltda, 1976.
- ANJOS, S. E. dos. **Um estudo variacionista da concordância verbo-sujeito na fala dos pessoenses**. 1999, 140f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1999. Disponível em: <[http://issuu.com/valpb/docs/um\\_estudo\\_variacionista\\_da\\_concord](http://issuu.com/valpb/docs/um_estudo_variacionista_da_concord)>. Acesso em: 16 Jan. 2015.
- ARAGÃO, M. do S. S de. Ditongação x monotongação no falar de Fortaleza. **Graphos**, João Pessoa. v.5, n.1, p.109-120, 2000. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/%20article/viewFile/9349/5029>>. Acesso em: 09 Abr. 2016.
- \_\_\_\_\_. Variantes diatópicas e diastráticas na língua portuguesa do Brasil. **Grampos**. João Pessoa. v. 12, n. 2, p.35-51, 2010. Disponível em: <[periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/download/10907/6112](http://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/download/10907/6112)>. Acesso em: 28 Nov. 2016.
- ARAÚJO. A. A de. **As vogais médias pretônicas no falar popular de fortaleza: uma abordagem variacionista**. 2007, 152f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007. Disponível em: <[www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3597](http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3597)>. Acesso em: 12 Mar. 2015.
- \_\_\_\_\_. CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOSOFIA. Rio de Janeiro. O Projeto Norma Oral Do Português Popular de Fortaleza – NORPOFOR. **Anais...** Cadernos do CNLF. Rio de Janeiro: CiFEl, v. XV, nº 5, p. 835-845, 2011a. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/xv\\_cnlftomo\\_1/72.pdf](http://www.filologia.org.br/xv_cnlftomo_1/72.pdf)>. Acesso em: 12 Jan. 2015.

\_\_\_\_\_. O alteamento da pretônica /o/ no falar popular de Fortaleza. **Revista de Letras**. Fortaleza, v. 30, n. 4, p.99-104, 2011b. Disponível em: <<https://www.google.com.br/#q=O+alteamento+da+pret%C3%B4nica+%2Fo%2F+no+falar+popular+de+Fortaleza>>. Acesso em: 17 Nov. 2015.

\_\_\_\_\_. A monotongação do ditongo [ej] no projeto Atlas Linguístico do Brasil: uma abordagem variacionista. **Confluência**, Rio de Janeiro. v. único, p. 289-308, 2013. Disponível em: <<http://lp.bibliopolis.info/confluencia/pdf/1219.pdf>>. Acesso em: 09 Ago. 2016.

\_\_\_\_\_. ALMEIDA, B, C, M de. O alteamento da postônica não final /o/ no falar popular de Fortaleza: um olhar variacionista. **Web-revista SOCIODIALETO**. Campo Grande. v. 3, n. 9, p. 298-308, 2013. Disponível em: <<http://sociodialeto.com.br/edicoes/14/01042013031636.pdf>>. Acesso em: 17 Nov. 2015.

ARAÚJO, A. M. M.; CARLEIAL, A. N. Opulência e miséria nos bairros de Fortaleza (Ceará/Brasil). **Scripta Nova. Revista Eletrônica de Geografia e Ciências Sociais**. Universidad de Barcelona. v. VII, n. 146, p. 01-16, 2003. Disponível em: <[www.uece.br/lepop/.../26-opulencia-e-miseria-nos-bairros-de-fortaleza](http://www.uece.br/lepop/.../26-opulencia-e-miseria-nos-bairros-de-fortaleza)>. Acesso em: 16 Nov. 2015.

ARAÚJO, M. A. M. de. **Será que a gente usa mais o nós?** Uma fotografia sociolinguística do falar popular de Fortaleza. 2016. 148f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza. 2016. Disponível em: <[http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Disserta%C3%A7%C3%A3o\\_Marden%20Alyson%20de%20Ara%C3%BAjo.pdf.pdf](http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Marden%20Alyson%20de%20Ara%C3%BAjo.pdf.pdf)>. Acesso em: 28 Nov. 2016.

BAGNO, M. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2001.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós Chegamu na escola, e agora?** Sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

\_\_\_\_\_.; ROCHA, M. do. R. O ensino de português e a variação linguística em sala de aula. In: MARTINS, M. A.; VIEIRA, S. R.; TAVARES, M. A. (Orgs.). **Ensino de português e sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2014. p. 37-55.

BRASIL, M. da E. e do D. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Língua Portuguesa: ensino de primeira à quarta série. Brasília-DF: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em: 13 Abr. 2015.

BRATZ, J. Language in the Economically Disadvantaged Child: a perspective. **Asha**, 1968, p.45-143. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/5659384>>. Acesso em: 17 Jul. 2016.

BRITO, J. R. de S. **Análise variacionista do clítico das estruturas de-transitivas mediais no português oral popular de Fortaleza**. 2013, 153f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013. Disponível em: <[http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8200/1/2013\\_dis\\_jrsbrito.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8200/1/2013_dis_jrsbrito.pdf)>. Acesso em: 17 Nov. 2015.

CALVET, L. J. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, R. G. **Da linguística formal à linguística social**. São Paulo: Parábola, 2013.

\_\_\_\_\_. Sociolinguística parte II. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras. 9. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012a. p. 51-83.

\_\_\_\_\_. Norma e preconceito social. **Sociodialeto (Online)**, Campo Grande. v. 1, n. 6, p.1-15, 2012b. Disponível em: <<http://sociodialeto.com.br/edicoes/11/07022012012315.pdf>>. Acesso em: 13 Fev. 2015.

CARDOSO, C. R. **Variação da concordância verbal no indivíduo**: um confronto entre o linguístico e o estilístico. 2005. 126f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2005. Disponível em: <[http://www.ppgl.unb.br/images/dissertacoes/DISSERTA%C3%87%C3%83O\\_\\_CAROLINE\\_\\_RODRIGUES.pdf](http://www.ppgl.unb.br/images/dissertacoes/DISSERTA%C3%87%C3%83O__CAROLINE__RODRIGUES.pdf)>. Acesso em: 28 Nov. 2016.

CARDOSO, C. R.; COBUCCI, P. Concordância de número no português brasileiro. In: BORTONI-RICARDO, S. M.; SOUSA, R. M. de; FREITAS, V. A. de L.; MACHADO, V. R. (Orgs.). **Por que a escola não ensina gramática assim?**. São Paulo: Parábola Editora, 2014. p.71-107.

CARVALHO, H. M. de. A alternância dos modos verbais em entrevistas sociolinguísticas: tipo de verbo, tempo e modalidade. **Interdisciplinar**. Sergipe, v.14, p. 65-75, 2011. Disponível em: <[http://200.17.141.110/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ\\_INTER\\_14/INTER14\\_06.pdf](http://200.17.141.110/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ_INTER_14/INTER14_06.pdf)>. Acesso em: 17 Nov. 2015.

CHAGAS, P. A mudança linguística. In: FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à linguística I**: objetos teóricos. 6. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2014. p.141-163.

CHAMBERS, J. K. Patterns of Variation including Change. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (Orgs.). **The Handbook of Language Variation and Change**. Oxford: British Library, 2001. p. 123-154.

CHOMSKY, N. **Aspectos da teoria da sintaxe**. Coimbra: Armênio Amado, 1965.

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; SOUZA, C. M. N. de; MAY, G. H. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010. Disponível em: <[http://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica\\_UFSC.pdf](http://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica_UFSC.pdf)>. Acesso em: 12 Set. 2015.

\_\_\_\_\_. **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2015. (Coleção para conhecer).

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2013.

CYRANKA, L. F. M. A pedagogia da variação é possível? In: ZILLES, A. M.; FARACO, C. A. (Orgs.). **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola Editoria, 2015. p.31-50.

CYSNE, M. R. P. **A monotongação do ditongo /ej/ no falar popular de Fortaleza**. 2016. 103f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada – Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza – CE. 2016. Disponível em: <[http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Disserta%C3%A7%C3%A3o\\_Marcus%20Portela.pdf](http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Marcus%20Portela.pdf)>. Acesso em: 28 Nov. 2016.

ECKERT, P. The whole woman: sex and gender differences in variation. In: **Language variation and change**, Cambridge: Cambridge University Press, 1989, p. 245-267. Disponível em: <<http://web.stanford.edu/~eckert/PDF/WholeWoman.pdf>>. Acesso em 13 Nov. 2015.

\_\_\_\_\_. Age as a sociolinguistic variable. In: COULMAS, Florian. **The Handbook of sociolinguistics**. Oxford: Blackweel, 1996. p. 151-167. Disponível em: <<http://www.sociolinguistics.uottawa.ca/lin3342/readings/Eckert.1998.pdf>>. Acesso em: 08 Mar de 2016.

FARACO, C. A. **Linguística histórica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

\_\_\_\_\_. Por uma pedagogia da variação linguística. In: CORREIA, D. A. (Org.). **A relevância social da Linguística**. São Paulo: Editora Parábola, 2007. p. 21-43.

\_\_\_\_\_. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. Norma culta brasileira: construção e ensino. In: ZILLES, A. M.; FARACO, C. A. (Orgs.). **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Editora Parábola, 2015. p.19-30.

FISHER, J. L. Social influences on the choice of a linguistic variant. **Word**, 14, p. 47-56, 1958. Disponível em: acesso em: <<http://web.stanford.edu/~eckert/PDF/fischer1958.pdf>>. Acesso em: 28 Nov. 2016.

FREITAG, R. M. K. Pistas prosódicas para a segmentação da entrevista sociolinguística. In: VII Colóquio Brasileiro de Prosódia da Fala. Maceió, UFMG, 2013. **Anais...** p. 1-6. Disponível em: <[http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais\\_coloquio/article/view/6160](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_coloquio/article/view/6160)>. Acesso em: 23 Abr. 2016.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Metodologia de Coleta em manipulação de dados em Sociolinguística** [livro eletrônico]. São Paulo: Blucher, 2014. Disponível em:

<<http://openaccess.blucher.com.br/article-list/metodologia-sociolinguistica-268/list#articles>>. Acesso em: 23 Abr. 2016.

GONÇALVES, V. de F. **Ausência de concordância verbal no Vale do Rio Doce – MG**. 2007, 121f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <[http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ALDR76RMCJ/disserta\\_\\_o\\_ii\\_completa\\_sumario\\_completa.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ALDR76RMCJ/disserta__o_ii_completa_sumario_completa.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 03 Abr. 2015.

GRACIOSA, D. **Concordância verbal na fala culta carioca**. 1991, 181f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

GUIMARÃES, T. de A. A. S. **TU É DOIDO, MACHO!** A variação das formas de tratamento no falar de Fortaleza. 2014, 237f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014. Disponível em: <[http://www.uece.br/posla/dmdocuments/DISSERTACAO\\_TATIANE.pdf](http://www.uece.br/posla/dmdocuments/DISSERTACAO_TATIANE.pdf)>. Acesso em: 03 Jun. 2015.

GUY, G. R. **Linguistic variation in brazilian portuguese**: aspects of the phonology, syntax and language history. 1981, 383f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade da Universidade de Pensilvânia, Pensilvânia, 1981. Disponível em: <<http://repository.upenn.edu/dissertations/AAI8117786/>>. Acesso em: 04 Set. 2015.

\_\_\_\_\_. II CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN. As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. **Anais...** Fortaleza, p.1-17, 2001. Disponível em: <[http://sw.npd.ufc.br/abralin/anais\\_con2int\\_conf02.pdf](http://sw.npd.ufc.br/abralin/anais_con2int_conf02.pdf)>. Acesso em: 14 Jun. 2015.

\_\_\_\_\_.; ZILLES, A. M. S. **Sociolinguística Quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Editoria Parábola, 2007.

HORA, D. da. **Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba**. 1993. Disponível em: <<http://projetoalpb.com.br/projetoalpb/>>. Acesso em: 19 Mai. 2015.

LABOV, W. **The social stratification of English in New York City**. Washington, D. C.: Center of Applied of Linguistics, 1966. Disponível em: <<http://idiom.ucsd.edu/~bakovic/variation/Labov-2006.pdf>>. Acesso em: 14 Ago. 2016.

\_\_\_\_\_. Where does the Linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. **Sociolinguistic Working Paper**, n. 44. Texas, 1978, p. 05-16. Disponível em: <<http://eric.ed.gov/?id=ED157378>>. Acesso em 13 Nov. 2015.

\_\_\_\_\_. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. **Language Variation and Change**. Cambridge University Press, 1990, p. 205-254. Disponível em: <<http://journals.cambridge.org/action/displayFulltext?type=1&fid=2703836&jid=LVC&volu>>

meId=2&issueId=02&aid=2703828&bodyId=&membershipNumber=&societyETOCSession  
>. Acesso em: 13 Nov. 2015.

\_\_\_\_\_. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford: Blackwell, 1994. p. 156-159  
Disponível em: <<http://eng.sagepub.com/content/25/2/156.extract>>. Acesso em: 28. Nov. 2016.

\_\_\_\_\_. **Principios del cambio lingüístico: factores sociales**. Tradução de Pedro M. Butragueño. Madrid: Editorial Gredos, 2006.

\_\_\_\_\_. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo-SP: Editora Parábola, 2008.

LAVANDERA, B. R. Where does the sociolinguistic variable stop? **Language Society**, n. 7, London, p. 171-183, 1978. Disponível em: <<http://journals.cambridge.org/action/displayAbstract?fromPage=online&aid=2923932>>. Acesso em: 13 Nov. 2015.

LEMLE, M.; NARO, A. J. **Competências Básicas do Português Mobral**. Rio de Janeiro-RJ: Fundação Ford, 1977.

LUCCHESI, D. Introdução. In: LUCHESSI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Org.). **O português Afro-Brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009. p.9-11.

\_\_\_\_\_. A questão da formação do português popular do Brasil: notícia de um estudo de caso. **A Cor das Letras**, Feira de Santana, v. 3, 2001, p. 73-100. Disponível em: <[www.gpesd.com.br/baixar.php?file=18](http://www.gpesd.com.br/baixar.php?file=18)>. Acesso em: 14 Mar. 2015.

MAIA, J. P. F. **Variação na concordância verbal com nomes coletivos em Fortaleza- CE. Fortaleza**. 2011, 111f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8288>>. Acesso em: 17 Nov. 2015.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTINS, M. A.; VIEIRA, S. R.; TAVARES, M. A. Contribuições da sociolinguística brasileira para o ensino de português. In: MARTINS, M. A.; VIEIRA, S. R.; TAVARES, M. A. (Orgs.). **Ensino de português e sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2014. p. 9-35.

MASCARELLO, L. J. Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos florianopolitanos nativos na costa da lagoa. **Work. Pap. Linguistic**, n. esp. Florianópolis, p. 57-68, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2010v1Inespp57>>. Acesso em: 10 Fev. 2015.

MATTOS E SILVA, R. V. Variação, mudança e norma: movimentos no interior do português brasileiro. In: BAGNO, M. (Org.). **Linguística da Norma**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. p. 291-316.

MOLLICA, M. C. A relevância das variáveis não linguísticas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à Sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p.27-31.

\_\_\_\_\_.; RONCARATI, C. Como a escola pode explicar erros gramaticais. In: BORTONIRICARDO, S. M.; SOUSA, R. M. de; FREITAS, V. A. de L.; MACHADO, V. R. (Orgs.). **Por que a escola não ensina gramática assim?**. São Paulo: Parábola Editora, 2014. p.217-248.

MONGUILHOTT, I. de O. e S. **Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos florianopolitanos**. 2001, 109f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2001. Disponível em: <[http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSC\\_281742871e6dd35be2d3b9842d0380d9](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSC_281742871e6dd35be2d3b9842d0380d9)>. Acesso em: 12 Abr. 2015.

\_\_\_\_\_. **Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PE e no PB**. 2009, 229f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/92838/268683.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 14 Abr. 2015.

MONTE, A. **Concordância verbal e variação: uma fotografia sociolinguística da cidade de São Carlos**. 2007, 120f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007. Disponível em: <[http://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/178001?locale=es\\_ES](http://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/178001?locale=es_ES)>. Acesso em: 02 Fev. 2015.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Morfologia portuguesa**. 4. ed. Campinas: Pontes Editora, 2002.

MORATO, E. M. O interacionismo no campo linguístico. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à Linguística** v.3: fundamentos epistemológicos, 5 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011. p. 311-351.

NARO, A. J. The social and structural dimensions of a syntactic change. **Language: LSA**, v. 57, n. 1, 1981, p.63-98. Disponível em: <[http://www.jstor.org/stable/414287?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](http://www.jstor.org/stable/414287?seq=1#page_scan_tab_contents)>. Acesso em: 20 Nov. 2015.

\_\_\_\_\_. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística variacionista: o tratamento da variação**. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p. 15-25.

\_\_\_\_\_; SCHERRE, M. M. P. Variação e mudança linguística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, v.20, p.9-16, 1991. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/277150115\\_VARIACAO\\_E\\_MUDANCA\\_LINGUISTICA\\_FLUXOS\\_E\\_CONTRAFLUXOS\\_NA\\_COMUNIDADE\\_DE\\_FALA](https://www.researchgate.net/publication/277150115_VARIACAO_E_MUDANCA_LINGUISTICA_FLUXOS_E_CONTRAFLUXOS_NA_COMUNIDADE_DE_FALA)>. Acesso em: 28 Nov. 2016.

\_\_\_\_\_.; LEMLE, M. Syntactic diffusion. In: ST EEVER, S. B. et al. (Orgs.). **Papers from the parasession on diachronic syntax**. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1976. p. 221-241.

NASCIMENTO, J. C. D. do. **Marcadores discursivos na norma popular oral de Fortaleza**. Fortaleza, 2010, 193f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8893>>. Acesso em: 17 Nov. 2015.

NASCIMENTO, K. R. S do.; ARAÚJO, A. A de.; CARVALHO, W. J. de A. A redução do gerúndio no falar popular de Fortaleza: um olhar variacionista. **Veredas Atemáticas**, v, 17, n. 2, Juiz de Fora, p. 393-413, 2013. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2014/04/21%C2%BA-ARTIGO.pdf>>. Acesso em: 17 Nov. 2015.

OLIVEIRA, M. dos S. **Concordância verbal de terceira pessoa do plural em Vitória da Conquista: variação estável ou mudança em progresso?** 2005, 190f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10981>>. Acesso em: 04 Mai. 2015.

OLIVEIRA, J. M. de. **O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança**. 2006. 254f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/OliveiraJM.pdf>>. Acesso em: 28 Nov. 2016.

PAIVA, M. C. de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p. 33-42.

PAREDES DA SILVA, V. L. Relevância das variáveis linguísticas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo-SP: Editora Contexto, 2012. p.67-71.

PEREIRA, D. C. **Concordância verbal na língua falada nas trilhas das bandeiras paulistas**. 2004. 116 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo 2004. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-27022013-120141/pt-br.php>>. Acesso em 14 Fev.2015.

PEREIRA, M. L. de S. ARAÚJO, A. A. de. Considerações acerca da variável escolaridade e sua influência sobre a variação entre verbo-sujeito na 3ª pessoa do plural no português

brasileiro. **PERcursos Linguísticos**. Vitória – ES. v. 6, n 12, p. 27-43, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/12242>>. Acesso em: 28 Nov. 2016.

PONTE, S. R. *A Belle Époque* em Fortaleza: remodelação e controle. In: SOUZA, S. (Org.). **Uma nova história do Ceará**. 4. ed. Fortaleza, CE: Edições Democrático Rocha, 2007, p. 162-191.

PONTES, E. S. L. **Sujeito**: da sintaxe ao discurso. São Paulo: Ática Editora, 1986.

POPLACK, S. The notion of the plural in Puerto Rico Spanish: Competing constraints on /s/ deletion. In: LABOV, William. **Locating language in the space**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1980, p. 55-67.

RAZKY, A.; FEITEIRO, S. R. Sociolinguística e Livro Didático: uma análise exploratória. **Signum**: Estud. Ling., Londrina, v. 18 n. 1, p. 309-332, 2015. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/21068>>. Acesso em: 16 Mai. 2016.

RODRIGUES, A. **A concordância verbal no português popular em São Paulo**. 1987. 323 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade de São Paulo. 1987.

RODRIGUES, A. G. **RAMÔ RÊ SE RAI DÁ CERTO**: o enfraquecimento da fricativa /v/ no falar de Fortaleza. 2013, 170f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013. Disponível em: <<http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Anagermanapontesrodrigues>>. Acesso em: 03 Jun. 2015.

RUBIO, C. F. **A concordância verbal na língua falada na região noroeste do estado de São Paulo**. 2008, 153f. Dissertação (Mestrado em Letras e Ciências Exatas) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008. Disponível em: <<http://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/175432?mode=full>>. Acesso em: 02 Mar. 2015.

\_\_\_\_\_. **Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e no português europeu**: estudo sociolinguístico comparativo. São Paulo, Editora UNESP, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/handle/11449/109234>>. Acesso em: 02 Mar. 2015.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A; SMITH, E. **Goldvarb X**: A multivariate analysis application. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>>. Acesso em: 17 Nov. 2015.

SANTIAGO, H. da S. O estudo do português popular brasileiro: sobre algumas fontes. **Revista Pandora Brasil**. PUC São Paulo, v. 1, p. 1-16, 2013. Disponível em: <[http://revistapandorabrasil.com/revista\\_pandora/portugues\\_brasileiro/huda.pdf](http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/portugues_brasileiro/huda.pdf)>. Acesso em: 09 Mar. 2015.

SANTOS, V. M. dos. A complexa relação entre gênero/sexo e a variação no uso de pronomes em função de sujeito. CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA. **Anais...** Rio de Janeiro. Cadernos do CNLF, Rio de Janeiro: CiFEFiL, p. 44-63, 2011. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/xv\\_cnlf/tomo\\_1/04.pdf](http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/04.pdf)>. Acesso em: 10 Ago. 2016.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 34. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SCHERRE, M. M. P. Sobre o princípio da saliência fônica na concordância nominal. In: TARALLO, F. (Org.). **Fotografias sociolinguísticas**. Campinas: Editora Pontes, 1989. p. 33-47.

\_\_\_\_\_. NARO, A. J. Variação e mudança linguística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala. In: SILVA, G.M.; TARALLO, F. (Orgs.). **Cadernos de estudos linguísticos da UNICAMP**. São Paulo: Editora UNICAMP, 1991. p.9-16.

\_\_\_\_\_. A concordância de número no português do Brasil. In: HORA, D. (Org.). **Diversidade linguística no Brasil**. João Pessoa: Editora Ideia, 1997. p. 113-125.

\_\_\_\_\_. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In: RUFFINO, G. (Org.) **Dialetologia, geolinguística, sociolinguística**. (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguística e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tubingen: Max Niemeyer Verlag, v.5, p. 509-523, 1998.

\_\_\_\_\_.; NARO, A. J. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p. 147-177.

SGARBI, N. M. F. de Q. **A variação na concordância verbal entre os falantes do Mato Grosso do Sul**. 2006, 196f. Tese (Doutorado em Letras, Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/handle/11449/103490>>. Acesso em: 04 Abr. 2015.

SILVA, G. M.; PAIVA, M. C. A. de. Visão de conjunto das variáveis sociais. In: SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. P. (Orgs.). **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro UFRJ, 1996. p. 335-378.

SILVA, J. A. A.; SANTOS, D. da S.; SOUZA, V. V. JORNADA DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO NORDESTE. Concordância verbal no português popular do Brasil: aspectos empírico-teóricos da concordância verbal na terceira pessoal do plural ou P6 na comunidade de fala de Vitória da Conquista. **Anais...** Natal: EDUFRN, p.16-37, 2012. Disponível em: <[http://www.celsul.org.br/Encontros/10/completos/xcelsul\\_artigo%20\(1\).pdf](http://www.celsul.org.br/Encontros/10/completos/xcelsul_artigo%20(1).pdf)>. Acesso em: 03 Mai. 2015.

SILVA, T. B. da. Estamos formando professores que conhecem a variação linguística? Uma análise acerca da importância dos dados e das teorias para o ensino de língua. **Letras e Letras**, Uberlândia. v. 31, n. 2, p. 144-156, 2015. Disponível em:

<<http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/31470/17645>>. Acesso em: 28 Nov. 2016.

SILVA, K. E. do N. e. **Colaboração intraturno na construção dos enunciados da norma oral do português popular da cidade de Fortaleza**. 2013, 240f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8245>>. Acesso em: 17 Nov. 2015.

SOUZA, F. F. de. **Tem chance de haver ainda existir no falar popular?** A variação dos verbos existenciais em amostra do NORPOFOR. 2015, 106f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em: <<http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Francisco%20F.%20de%20Souza.pdf>>. Acesso em: 11 Set. 2015.

SOUZA, M. S. Análise da estrutura urbana. In: DANTAS, E.; COSTA, M. C. L.; SILVA, J. B. da. (Orgs.). **De Cidade a MetrÓpole**: (trans)formações urbanas em Fortaleza. Fortaleza: Edições UFC. p. 2009, 13-87.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.

TEIXEIRA, S. C. C.; LUCCHESI, D.; MENDES, E. dos P. Concordância verbal no português popular de Salvador: uma amostra da variação linguística na periferia da capital baiana. **Entrepalavras**. Fortaleza, ano 3, v. 3, n. 1, jan/jul 2013, p. 251 – 275. Disponível em: <<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/viewFile/124/177>>. Acesso em: 17 Fev. 2015.

VANIN, A. A. Considerações relevantes sobre definições de ‘comunidades de fala’. **Acta Scientiarum. Language and Culture** (Impresso). Maringá, v. 31, n.2, 2009, p. 147-153. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/viewFile/6367/6367>>. Acesso em: 14 Abr. 2016.

VIEIRA, S. R. Concordância Verbal. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S.F. (Orgs.). **Ensino de Gramática**: descrição e uso. São Paulo: Editora Contexto, 2007. p.85-140.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p.51-57.

WARDHAUGH, R. **An Introduction to sociolinguistics**. Oxford UK & Cambridge USA: Blackwell, 1992. Disponível em: <[http://home.lu.lv/~pva/Sociolingvistika/1006648\\_82038\\_wardhaugh\\_r\\_an\\_introduction\\_to\\_sociolinguistics.pdf](http://home.lu.lv/~pva/Sociolingvistika/1006648_82038_wardhaugh_r_an_introduction_to_sociolinguistics.pdf)>. Acesso em: 01 Jul. 2016.

WEINER, J.; LABOV, W. Constraints on the agentless passive. In: *Journal of Linguistics* 19(1), [1977], 1983. Disponível em: <<http://idiom.ucsd.edu/~rlevy/lign251/fall2007/cedergren-labov-1983.pdf>>. Acesso em 23 Nov. 2015.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de M. Bagno. São Paulo-SP: Parábola Editorial, 2006.

ZILLES, A. M. S. A posposição do sujeito ao verbo no português falado no Rio Grande do Sul. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 35, n.1, p.75-96, 2000. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fabio/ojs/index.php/fale/article/view/14760>>. Acesso em: 28 Nov. 2016.